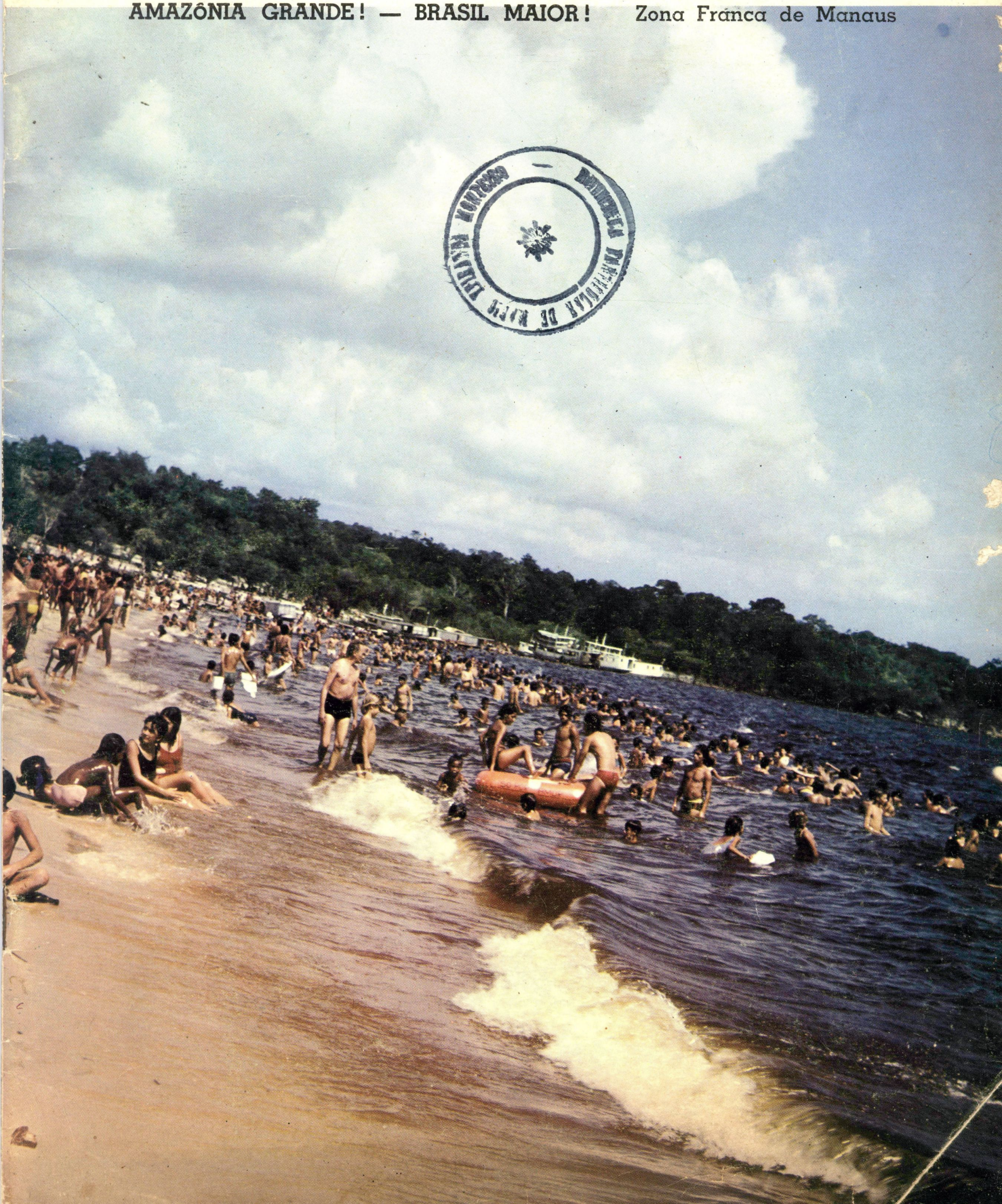
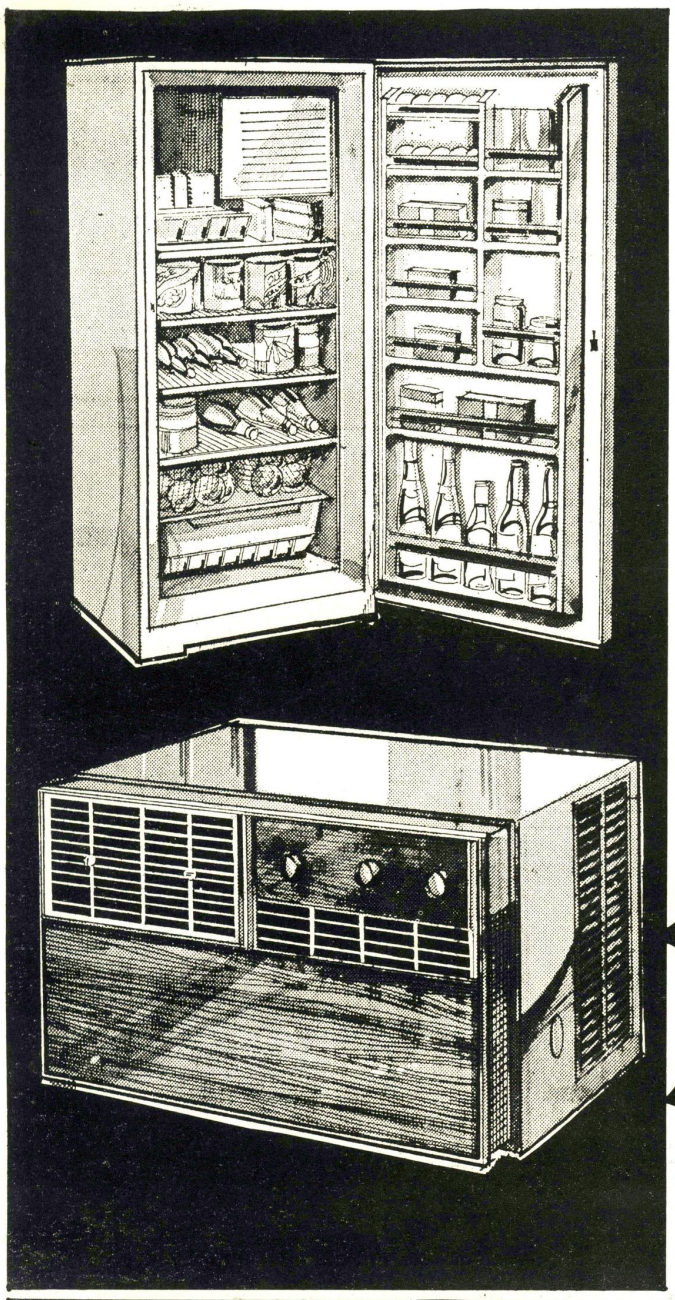
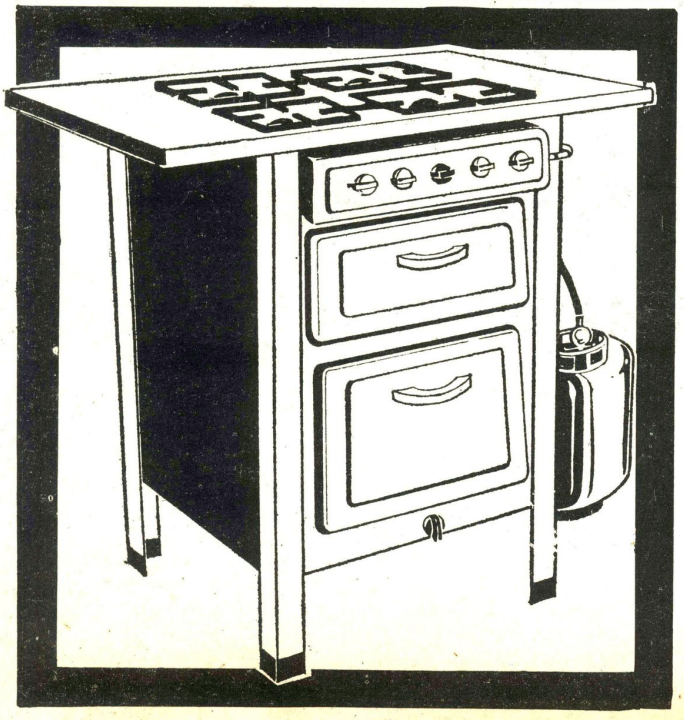
Cr$ 3,

bom dia

AMAZÔNIA GRANDE! — BRASIL MAIOR! Zona Franca de Manaus







FOGÃO COSMOPOLITA (4 Bocas)
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 30,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 35,00

COLCHÃO EPEDA (Casal)
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 50,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 25,00

AR CONDICIONADO PHILCO
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 100,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 113,00

TELEVISOR PHILCO (Americano)
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 30,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 53,00

E' MUITO MAIS FÁCIL PELO CREDI-ALVES

CONJUNTO SOFÁ-CAMA (3 Peças)
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 50,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 64,00

GELADEIRA CLIMAX PRIMAVERA (Côres)
1º Pagamento Desde ..... Cr$ 50,00
24 Pagamentos Desde ..... Cr$ 67,00

ou

(11 Pagamentos iguais Sem Juros)

bom dia

MARÇO A JUNHO ANO - II N.º 15

editorial

Revista de propriedade
da
EDITÔRA SÉRGIO CARDOSO

Diretor :
José Rocha Sérgio Cardoso

Departamento Social Feminino :
Diretora :
Maria da Graça Pinto Cardoso

Secção de Literatura :
João Mendonça de Souza

Redator Chefe :
Alfredo Henriques Trigueiro

Redator Secretário :
José Maria Souza de Araújo

Diagramação e Montagem :
Sérgio Augusto Pinto Cardoso

Representantes exclusivos :
PEREIRA DE SOUZA & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro — GB
Av. Graça Aranha, 174 conj. 509/12
São Paulo — SP
rua Araújo 70 — 7.º andar
Porto Alegre — R.G.S.
Av. Salgado Filho, 204 conj. 11
Recife — Pe.
Av. Conde de Boa Vista, 121 conj. 407
Curitiba — Paraná
rua Dr. Goulin, 87
Fortaleza — Ceará

Redação e oficinas
Rua Joaquim Sarmento, 120
Fone : 2-4183
MANAUS - AMAZONAS - BRASIL

Capa : Praia da Ponta Negra, um dos recantos aprazíveis de Manaus, onde os banhistas aproveitam as manhãs de domingo.

Dentro de mais alguns dias estaremos viajando com os estudantes de medicina do Estado do Amazonas, para tomar parte, junto com eles, no IV.º Encontro Científico de Estudantes de Medicina, em Campo Grande, Estado de Mato Grosso. Para nós é motivo de satisfação e alegria, este contacto com a mocidade, através da reportagem que fala da Universidade do Amazonas.

Além disso, este número de BOM DIA — que corresponde aos meses de Março, Abril, Maio e Junho — traz dois excelentes artigos do dr. André Araújo, abordando assuntos da Amazônia, com a seriedade característica. Artur Reis, eminente amazonólogo, está também em nossas páginas dentro do mesmo e fascinante tema : Amazônia ! Mendonça de Souza, em "Literatura", fala de Benjamim Lima; enquanto Nogueira da Mata, diz para você das belezas da "Seringueira, árvore que chora . . ."

Temos esporte com Jayme Barreto — conhecido jornalista falando do campeonato amazonense, bem como de música popular. Infelizmente saímos tarde com essas reportagens e pedimos desculpas a você que nos lê, mas parabenisamos o Nacional que já é o nosso atual campeão, o grande campeão de 1972, ano do sesquicentenário de nossa Independência.

No mais, tudo está como deve ser e dentro de nossa capacidade de realização, pedindo, entretanto, ao amigo que nos prestigia e que ama o Brasil, leia com atenção o artigo de nossa responsabilidade : Os corvos terão o seu fim. E' uma verdade que nós acreditamos, já que pensamos igualmente quanto J. M. Othon Sidou, quando afirma : "Os corvos rondam as selvas". E' só.

LEIA NESTE NÚMERO :

* A Amazônia no Contexto Nacional de nossa Grandeza
* Tres Monumentos Religiosos da cidade de Manaus
* Seringueira, árvore que chora
* Cem — Inaugura isntalações
* Árvores — símbolos da Vida
* Amazônia, conceito e sua evolução histórica
* Literatura : Benjamim Lima
* Notícias em destaque
* Fundação Universitária do Amazonas
* Turismo : Caça e pesca no Amazonas
* Amazônia — sempre o assunto
* C M A — comemora Revolução de 1964
* O Mundo Amazônico
* Notícias Internacionais
* Música Popular
* Esporte
* Colégio Militar
* Bom Apetite

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Ainda sobre o Grande Lago...

A Amazônia no Contexto Nacional de nossa Grandeza

ANDRÉ ARAÚJO
(Vice-Presidente da Academia Amazonense de Letras)

Para que alagar uma terra exageradamente alagada — pergunta o sociólogo André Araújo, neste artigo que lança novas luzes no problema dos Grandes Lagos. Um plano de agressão bem antigo, que ressurge acobertado pela ciência e técnica do Instituto Hudson, é aqui analisado dentro de uma geopolítica continental. Se antes a Amazônia estava nos interesses das grandes potências pelas suas madeiras e borracha, hoje ela tornou-se alvo do imperialismo internacional por seus minérios atômicos e sua privilegiada posição estratégica no continente, com a construção de abrigos nucleares na eventualidade de uma guerra. O escritor faz novo alerta aos brasileiros de boa fé, pela defesa da Amazônia da Transamazônica, da Amazônia de todos nós.

A Amazônia Brasileira é questão de vida e de morte para o Brasil. Ninguém se iluda com este ponto de nossa realidade. Basta que se saiba que 60% do território do norte brasileiro, é Amazônia Brasileira. Dos cem milhões de brasileiros, são muito poucos os que pensam contra a intangibilidade da Amazônia Nacional.

O caso do "Hudson Institute", em relação ao Grande Lago, não terminará com o recuo dos interessados políticos na sua realização.

Todos os brasileiros, em sãs consciências, sabem que por trás desse malogrado Instituto, está o Pentágono poderoso do Governo Norte-Americano.

Eu estou repetindo uma verdade, dita e redita pelo patriotismo dos heróis nacionais : militares e civis, políticos e magistrados, professores e cientistas, jornalistas e homens de todas as classes sociais brasileiras. Não adianta mais distorções, nem mesmo desse Organismo Internacional, que se conhece com a denominação de ONU, cuja única função deve ser a de estender a PAZ entre os povos do mundo.

Há poucos tempos passados, desencadeamos um alerta contra o "Instituto da Hiléia" (sempre os Institutos), cujo pacto assinado, quase, inocentemente, em Iquitos, — deu para descobrirmos a envergadura moral, heróica, intelectual de homens como o grande Arthur Bernardes, nessa e noutras, com que desmascararam as segundas intenções daquele Instituto, que transmitia os pretextos assaltantes de algumas nações ligadas à UNESCO, que teria a missão de ceder técnicos cientistas, que, viriam assentar as primeiras unhas contra a Amazônia Brasileira, — a terra mais cobiçada do mundo.

Foi grande essa luta, pois até o nosso Itamaraty, quase ia no arrastão dos cantos agoureiros da rapinagem internacional, se o eminente Arthur Bernardes, as forças militares, — com a sua vigilância eterna, — não enfrentassem os assaltos armados, em nome da ciência.

Tantas e tais as investidas de aspecto honesto e no interesse de dar à América do Sul melhores condições de vida, — que muitos homens de bem, brasileiros, acreditaram na sinceridade dos propósitos dos estrangeiros inimigos do Brasil. Cito nesse setor o Dr. Raul Fernandes que se afirma ter assinado exposições favoráveis, sem as ter lido, como devia; Carlos de Lima Cavalcanti e outros menos avisados.

A Nação foi alertada a tempo e reagimos contra as intenções da UNESCO, contra a cilada, — graças também à clarividência do Deputado Godofredo da Silva Teles, altas patentes das Forças Armadas, como o Brigadeiro Lisias Rodrigues, do Coronel Leopoldo Nery da Fonseca, do capitão Tito Asculi di Oliva Maya, do Instituto Brasileiro de Geopolítica.

A UNESCO ambiciona ainda a Amazônia Brasileira. Os Estados Unidos, por muitos de seus presidentes, Instituições e homens públicos, sempre mantiveram os olhos crescidos nessa parte de nossa Pátria.

Alguém, que não me recordo bem, chamou a isso de Amazonofagia, mal antigo que bem conhecemos, e que merece uma divulgação especial.

Além da UNESCO, — que é cousa velha, — esse plano tremendo teve suas asas cortadas, com as conclusões do grande e notável relatório da Comissão Parlamentar, que expôs ao Governo a sem-cerimônia da venda de terras ao norte-americano Stanley Seling, que comprou cerca de 650 mil hectares de terras em Goiás, pois, nessas compras, está metida a habilidade do Departamento de Defesa do EUA, o conhecido "Pentágono". Nessa barganha estão os nomes norte-americanos de Amós Seling, o escritório de corretagem de terras do Brasil "Seling Bros, Real State Co.", e outros.

Depois disso, há outros fatos aparentemente inocentes, que nos castigam como lepra moral : a questão da "LIMITAÇÃO DA NATALIDADE", que tem em mira deter o que chamam certos e inocentes economistas de "Explosão Populacional", quando sabem que além de outros objetivos, mais políticos, estão os interesses da tremenda indústria de farmácia dos Estados Unidos. Esse assunto precisa ser melhor esclarecido, oportunamente.

Como essas e outras empresas cavilosas, podemos também ver, continuar o estudo do "Grande Lago Amazônico", em relação a outros lagos no projeto do sr. Robert Panero, cidadão norte-americano, naturalizado, técnico do "Hudson Institute", cujo relatório publicado pelo "Hudson Institute", INC. Quaker Ridge Road Cro-

tonon-Hudson, New York, 10520, primeira edição de 1.º de janeiro de 1967, foi restritamente divulgado.

Esse relatório do sr. Robert Panero estuda e sugere, trata da formação de sete lagos artificiais, de algumas barragens baixas e criações, com essas barragens, de lagos regionais.

Em resumo, trataremos de alguns aspectos desses problemas, que, no nosso entender e de alguns outros, todos eles, têm o sentido de uma invasão futura, de caráter econômico — política, a qual trará, oportunamente, o enfraquecimento da integridade brasileira, da segurança nacional, pois, vendo-se por suas posições táticas, há neles todos, certos aspectos de assalto ao Brasil.

Daquele relatório, copiamos a posição geográfica desses lagos, para que vejamos — as remotas intenções de uma cercadura bélica, disfarçada nos simples pseudo-interesses econômicos, tão decantados.

Comecemos pelo projeto político do Chocó, na Colômbia. Além do aspecto hidro-elétrico, que não nos interessa, há uma preocupação de criar um sistema de rio navegáveis interiores e passagem do Atlântico para o Pacífico, formando um grande canal, como um segundo Panamá. Está muito distante do Brasil, para o oeste colombiano, mais para os lados de Medelin, Manizales, Cali. São duas barragens baixas, com 30 metros acima do nível do mar, com cerca de trezentos e vinte quilômetros, ao longo das bacias do Atrato e San Juan. Apesar de pouco nos interessar essas barragens, elas estão em territórios Colombianos e Panamenhos. Sua função principal, é mostrar que não há somente interesse nas terras da Amazônia Brasileira. E isso pode ser um disfarce.

Sabe-se, que uma parte da engenharia necessária, já o Ministério de Obras Públicas da Colômbia entregou, para construir, às firmas dos Estados Unidos "Ingatec Ltd.", "Integral Ltd." "Woodward-Clyde-Sherard" e "Associates, Geraghty" e ao Laboratório Hidráulico Francês. O presidente Johnson, dos Estados Unidos, recebia, por um embaixador, notícias de como iam os trabalhos do Chocó. Isso interessará bastante a esse país, pois terá mais um novo canal de Panamá, para sua expansão econômica e militar. O comprimento desse novo canal terá quatrocentos e dois quilômetros, mais ou menos.

O "Instituto Hudson", seus cientistas e economistas, bem como seus técnicos em política internacional, terão máximo interesse para isso se realizar, imediatamente; para que os trabalhos não parem; face a influência, nos aspectos econômicos e militares, em relação aos outros povos, que planejam sugestionar pela "boa intenção", em servir à humanidade...

O nosso grande Ruy Barbosa dizia sempre: "Guardemo-nos das proteções internacionais. Acautelemo-nos das invasões econômicas. Vigiemo-nos das potências absorventes e das nações expansionistas".

Depois dessa primeira barragem, na Colômbia, vem o segundo plano, no Rio Caquetá, à altura de "Araracuara", um vilarejo sem importância alguma, no Departamento Amazônico da Colômbia, no qual os primeiros vôos exploratórios foram feitos por dois cidadãos norte-americanos, William Mc Guigan, do Instituto de Stanford e Robert Panero, pelo "Instituto Hudson", além do general colombiano Ospina Navia.

Essa barragem, de 10 metros de altura (por ser a região muito plana), criaria um lago de cem quilômetros de comprimento. O plano não estabeleceu bem se a barragem será de dez, vinte ou trinta metros de altura. Isso ainda (parece) será estudado, pois com dez metros o lago seria de cem quilômetros; com vinte, o lago seria de cento e oitenta quilômetros de comprimento; e de trinta, seria de trezentos quilômetros. Esse aspecto é interessante, desde que saibamos o que representa o rio Caquetá, para o Brasil, na região do oeste do Estado

do Amazonas. O Caquetá entra no rio Solimões, perto de Tefé. **Esse rio tem no Brasil-Norte, o** nome de rio Japurá.

Essa área foi profundamente estudada por Panero, quando detalhou o vale do Chocó, o que levou-o a pensar em dois Grandes Lagos, no Vale do Caquetá.

No final do relatório em que Panero fala de suas vantagens, diz textualmente: que isso promoverá "os elementos chaves de uma passagem combinada inter-oceânica" e "projeto" vias navegáveis interiores".

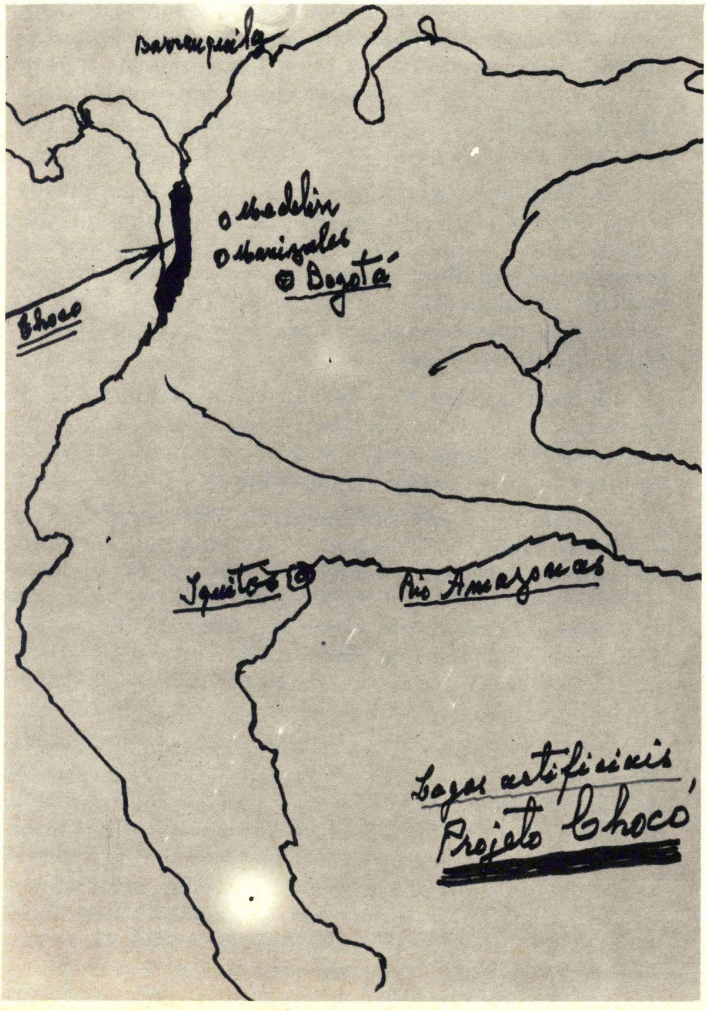
Há, entretanto, razões internacionais que o sr. Robert Panero conhece e que, deliberadamente, nas costas da Amazônia Brasileira, mete uma cunha como se fosse um punhal, ante os problemas que ainda nos afligem, em relação a povoamento, problemas que estamos enfrentando valentemnte, povo e Forças Armadas brasileiras, nos confins do oeste amazônico.

O terceiro lago se relaciona com um Canal, **ligando** o Orenoco ao Amazonas, **pelo** rio Negro, **no Alto Norte Brasileiro, mais para os lados da Venezuela.**

A ligação do Orenoco ao rio Negro **deve ter algum sentido militar, desde que se** use o Cassiquiare. **Isso é assunto velho. O projeto de Panero, entretanto, também sugere a construção de um canal na região do** Pimichin, **lá para os lados dos** rios Atabapo e Guainia, **na região onde** poucos quilômetros faltam **para que se ligue tudo nas bacias dos dois rios.**

Nessas regiões, pode-se construir duas barragens, e criar um lago de cerca de duzentos quilômetros de extensão.

Para Panero, esse Grande Lago seria elemento chave de desenvolvimento, **pelo potencial hidrelétrico que interessa ao Brasil, Colômbia e Venezuela.**



Foram feitos vôos nessa região pelo Governo, com uma equipe em que, além de outros, figuraram os norte-americanos James Geraghty, geólogo da firma "Geraghty e Miller", Ciril Jacob e Robert Panero.

O quarto Grande Lago está planejado **e será** encravado no Amazonas peruano, **para evitar, segundo Robert Panero, as más consequências das enchentes e das erosões, pois a planura da região amazônica é imensa.**

Uma barragem baixa, **no Peru, onde o Amazonas banha Iquitos, — barragem de 1 a 10 quilômetros,** perto de Crellana e Pucalpa, no rio Ucaiali. **Nessa região outros pequenos lagos poderiam ser construídos no** Madre de Dios, **e nos** altos do Marañon.

Foram feitos levantamentos por vias aéreas de Iquitos **a** Pantoa, **ao longo do rio** Napo. **Esse lago também deve ser uma cunha, visando enfraquecer, se possível, supõe-se, o desenvolvimento do Brasil, criando mais um posto, através de outra cunha, para pressão, em certo e determinado momento, quando for conveniente, e as pressões crescerem contra a Amazônia Brasileira.**

O quinto grande Lago está planejado **e será organizado nas regiões** remotas do este boliviano. **Justifica-se sua criação por ser a Bolívia País Central,** necessitando de um escoadouro para o mar.

Esse lago será feito por barragens em áreas do rio Madre de Dios, **o qual** se juntará ao Beni, **formando o Grande** Lago que ligará o Peru à Bolívia, e unirá a bacia Guaporé — Mamoré, **cujas águas vão ter no Atlântico, — dando à Bolívia a vantagem de transportes livres por águas e terras brasileiras. Em torno também desse Lago, uns cutros tantos menores seriam feitos, como em quase todos os outros grandes lagos acima referidos.** Os rios Guaporé e Paraguai se tocariam pelas costas do Brasil, **seriam ligados, usando-se duas barragens baixas.**

Depois desses lagos idealizados, vem o Grande Lago Amazônico, que foi nosso principal objetivo, no artigo publicado no último número desta revista.

Todos esses lagos visam abrir caminhos pela Amazônia, por outras portas que não aquelas que temos oferecido ao comércio do mundo.

Esses lagos visam ligar o Brasil à Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Isso poderia, — da maneira porque está idealizado, — enfraquecer a segurança nacional, dando saída de matérias geológicas, minérios preciosos, e ao Brasil, — a título de desenvolvimento econômico, — verdadeira insegurança nacional. Então, agentes científicos, equipes de técnicos de todos os tipos, imporia uma luta tremenda, para se garantirem, e a segurança e a integridade brasileiras seriam abaladas.

A título de treinamento de técnicos, viriam as outras invasões típicas, como as muitas que aqui estiveram e levaram as mais profundas informações, sobre a Amazônia Brasileira.

Muita gente pode indagar porque, agora, essa minha preocupação, em torno desses assuntos, pois isso já se passou, e não se fala mais dessa tentativa para oferecer ao Brasil e demais repúblicas irmãs da América do Sul, oportunidades para "sairem" do subdesenvolvimento.

Posso agora, entretanto, afirmar que o "Instituto Hudson" continua a estudar os projetos, por inspiração dos Estados Unidos da América.

Os sete Grandes Lagos do Projeto de Robert Panero, impõem novas barragens, isto é, sete barragens baixas. E não para até aí.

Basta que se saiba, que o maior interessado nessa realização, é o governo dos nossos amigos norte-americanos. Verdadeiramente, são somente cinco Grandes Lagos e um incontável número de lagos secundários.

Os aspectos geográficos de todas essas regiões, seriam mudados. A geografia seria outra. Clima, terras, matas, florestas, a zoologia, as riquezas minerais, tudo teria outro tom, pois vastidões enormíssimas seriam mergulhadas nas águas de nossos rios e de rios dos países Sul Americanos, atingidos pelo "golpe". Mas em compensação, os grandes transportes teriam oportunidades de conduzir dos rios e lagos, muitas das nossas riquezas vegetais, minerais, animais.

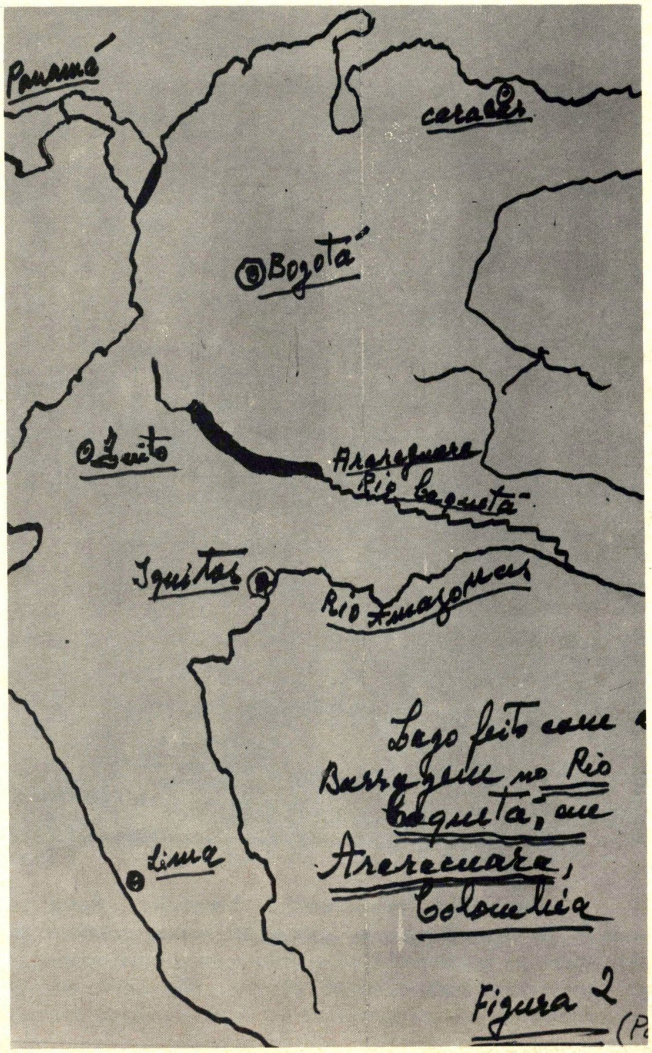
O dinheiro para tudo isso, seria o dolar norte-americano, o dominador comum dos povos e países, em todos os continentes.

Certas generosidades devem escabriar as populações brasileiras que já têm sofrido muito, e, o último desses sofrimentos, está em chaga viva, com o caso das duzentas milhas marítimas, que o grande e extraordinário Presidente Garrastazu Médici, machamente, soube manter, para orgulho dos brasileiros livres, daqueles brasileiros que não têm interesses nos dólares e em certas generosidades do governo da Grande Nação Amiga.

Não vim tarde para esse campo. Sempre estive dentro do esquema que me tracei, em relação a esses problemas nacionais. Sempre pensei com homens da envergadura moral e patriótica do General Albuquerque Lima, Peri Bevilaqua, Mário Andreazza, Magalhães Pinto e outros.

Estou com esses, e com aqueles outros que citei, no meu primeiro artigo, publicado por "Bom Dia", de Sérgio Cardoso. Prefiro essa companhia, nesses assutos, à dos srs. Felisberto Camargo e Roberto Campos.

E' bom sempre reavivar o espírito dos moços que estão surgindo, em torno dessas idéias, para que eles não se iludam com o canto das sereias.



Entretanto, não somos Cassandras. Estamos cientes e conscientes ante tudo isso, pois essa história nós a conhecemos muito bem, e, ela não fica somente nesse campo dos lagos, pois tem tomado muitos aspectos diversos.

O interesse que certas nações têm em relação à diminuição da natalidade no Brasil, a fim de estancar a "explosão populacional" e esgotar os estoques que enriquecem certos e determinados tipos da indústria farmacêutica, com a formacopéia de medicamentos anticoncepcionais.

O uso de máquinas simples como o D.I.U., para esterilizar nossas caboclas, alegando-se "planejamento de família", é bem conhecido e tem sido aplicado por certas seitas cristãs que, consciente ou inconscientemente, cometem o crime tremendo do genocídio.

Pode o sr. Hermann Khan ter meia tonelada de peso e um Q.I. de 200 (hoje êsse negócio de Q.I., nada vale); pode isso desagradar certa ala econômica nacional; pode haver simplicidade no sr. Robert Panero, tudo isso pode tentar impressionar nossa gente, — mas o que é certo, é que, de nossa parte, da parte da extraordinária maioria dos brasileiros, nada disso impressiona, nada disso nos ilude, pois já estamos amadurecidos : o Brasil e o Chefe Nacional, — o ilustre Presidente Emílio Garrastazu Médici, — o poder militar brasileiro, o povo brasileiro, têm consciência formada.

A Amazônia Brasileira é brasileira. Perca o mundo as esperanças, e, como os maus, percam as intenções, as muambas e os artifícios para uma ocupação da Amazônia, pois estamos alertas, não daremos, — nesse campo, — um passo atrás, e venceremos sempre essa batalha, que é velha e cheia de ardis.

A idéia do Lago, como pretexto é antiga. Alguns querem-na atribuir ao engenheiro Eudes Prado Lopes. Mas não. Isso vem de mais longe e parte da ambição internacional pela Amazônia Brasileira. A O.N.U., a UNESCO e, antes desses dois órgãos internacionais, certas missões camufladas de científicas, certos e determinados "sábios", missões secretas, uma série extensa

de pesquisas em ciência — têm entrado muitas vezes na Amazônia, abusando de nossa tolerância de brasileiros. Não esqueçamos que o "Hudson Institute" tem no seu comando, vastos e consideráveis grupos econômicos. Ninguém pode dizer que o plano de ocupação, disfarçado também pela compra de terras, em diversos pontos do Brasil, especialmente na Amazônia Brasileira, não esteja ligado ao assalto às nossas riquezas. Helicopteros pagos pelo "Instituto Hudson" já sobrevoaram a Amazônia Brasileira, inclusive Manaus.

E depois disso, além de ferir nossa soberania, que vantagens poderia trazer para nós esse Lago Amazônico ?

Foquemos os pontos abaixo :

1 — Se já somos um vazio ainda, e por enquanto, — mais vazio nos tornaria esse lago, com o afogamento de extensíssima gleba de terras. Já mostrei as diversas cidades, vilas, lugarejos que seriam alagados, pela maquinação dos homens que estão a serviço do imperialismo econômico e militar dos Estados Unidos da América.

2 — Seria isso a desintegração da Amazônia Brasileira. Distanciada ficaria ela dos centros brasileiros, sem comunicação, com uma navegação sem motivo de ser realizada, face o novo aspecto de deserto que se criaria no setentrião brasileiro, o que daria oportunidade bem clara, para internacionalização da Amazônia Brasileira, porque a desvincularia muito do resto do Brasil.

3 — Pequenas indústrias, pequenas criações, populações seriam reduzidas ao flagelo da miséria, da fome, e de outras desgraças semeadas por esse espírito satânico que envolve o plano informal e desnacionalizante de Panero, do "Hudson Institute". Podemos calcular que essa desgraça cairia sobre mais de um milhão de brasileiros, já instalados, vivendo bem, desenvolvendo-se admiravelmente, nas regiões que seriam inundadas.

Jazidas de minérios seriam inexploradas, como sal-gema (a maior reserva do mundo), ouro e outros minérios importantes seriam submersos.

4 — E depois dessa desgraça geral, esses autores desse infernal projeto, nos tentam iludir com um chamado potencial elétrico que de nada nos serviria, pois poucos seriam por ele beneficiados.

5 — Que vantagens imediatas ou mediatas traria alagar o que já está abundantemente alagado? E a ecologia decorrente dessa inundação? E o ótimo ambiente a que estamos, geo-econômico e socialmente acomodados? Essas regiões alagadas já criaram hábitos, costumes, técnicas, mores, folkways que se integram à vida amazônica brasileira, que é muito nossa e exclusivamente nossa.

6 — Toda a justificação de Panero, Felisberto Camargo e outros apologistas do Lago, é que se criariam novas condições energéticas, grande potencial, para a vida brasileira. Isso é verdadeiramente muito engraçado...

7 — Enquanto isso, alguns brasileiros, interessados pelo "Hudson Institute", levam para os Estados Unidos os estudos que fizeram dos solos brasileiros, em vez de, entregá-los ao Governo do Brasil.

8 — E' preciso não esquecer que, por trás disso tudo, está o interesse, além da Amazônia Brasileira, de fazer da América Latina, pontos de apoio para, quando explodir uma guerra atômica, ser ela para potências como a América do Norte, um reduto, um campo de apoio para vencer inimigos possíveis, isto é, fazer do Brasil e da América do Sul, cobaia, escudo, segurança, face certas condições privilegiadas nossas.

Ninguém pode fugir a que, por trás de toda essa exegese de desenvolvimento, haja interesses militares. Isso já tem sido muito falado e, em sua realidade, é uma verdade insofismável.

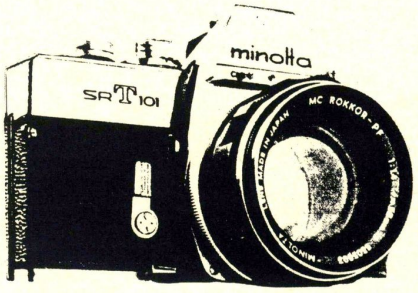
Devemos ter em vista ainda uma literatura tipicamente real, em torno dos Estados Unidos. Essa literatura deve servir de subsídio para uma interpretação justa e positiva, do caso dos lagos. Trata-se de inúmeros livros que não podem deixar de ser considerados ao acaso. Por exemplo: "Militarismo: o caso americano", de James A. Donovan; o "Desafio Americano", de Jean Jacques Servan Schreiber; a "Invasão Econômica Americana", de James McMillan e Bernard Harris; "A Democracia Americana", de Arthur A. Ekirch e mais uns outros tantos livros importantes, como "Os Artifícios do capitalismo", de David T. Bazelon; "A Economia Americana", de Jesse W. Markhan; "Tributação e integração da América Latina", de Henry Tilbery e tantos outros que seria enfadonho citar, mas hoje resta "O Impacto Amazônico na Civilização Brasileira", de Arthur Cesar Ferreira Reis, outro livro notável do grande historiador brasileiro.

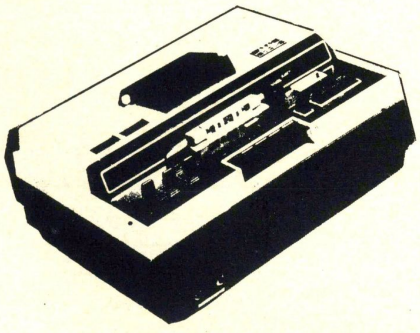
Finalmente, as grandes rodovias da Amazônia, são as respostas dadas ao projeto do Lago Amazônico. A Transamazônica se realiza, embora sob o impacto da voz agoureira do sr. Eugênio Gudin.

Outras rodovias integram a Amazônia afrontosamente, como resposta ao mundo: — a Belém — Bragança; Belém — São Luiz; Brasília — Belém; Macapá — Oiapoque; Brasília — Acre; Porto-Velho — Manaus; Manaus — Caracaraí; Manaus — Itacoatiara; Manaus — Manacapuru; Humaitá — Lábrea; além das em construção como: Quito — Manaus; Brasília — Santarém; Óbidos — Guiana Holandesa.

Nada fará parar o desenvolvimento do Brasil, especialmente no que tange à Amazônia Brasileira, que é positivamente brasileira.

Câmaras Fotográficas, Rádios, Gravadores.
Tocadiscos, Televisores, Binóculos, Isqueiros.
Calças e Blusões LEE. Calças LEVIS.
Sombrinhas, Barbeadores, Jóias, Baralhos.
Relógios de tôdas as marcas.
Maletas PRESIDENTE, Sêda Japonesa.
Brinquedos, Canetas, Lenço p/Cabelo
Grande variedade de outros artigos.





ARTIGOS ESTRANGEIROS EM GERAL DAS AFAMADAS MARCAS PELOS MENORES PREÇOS DA PRAÇA. VENDAS NO VAREJO E ATACADO.

LOJA SHARP
— MATRIZ —
Av. Eduardo Ribeiro, 230-A
Telefone: 2-5211

LOJA IMVANTEX
— FILIAL —
Rua Teodoreto Souto, 75
Telefone: 2-5576

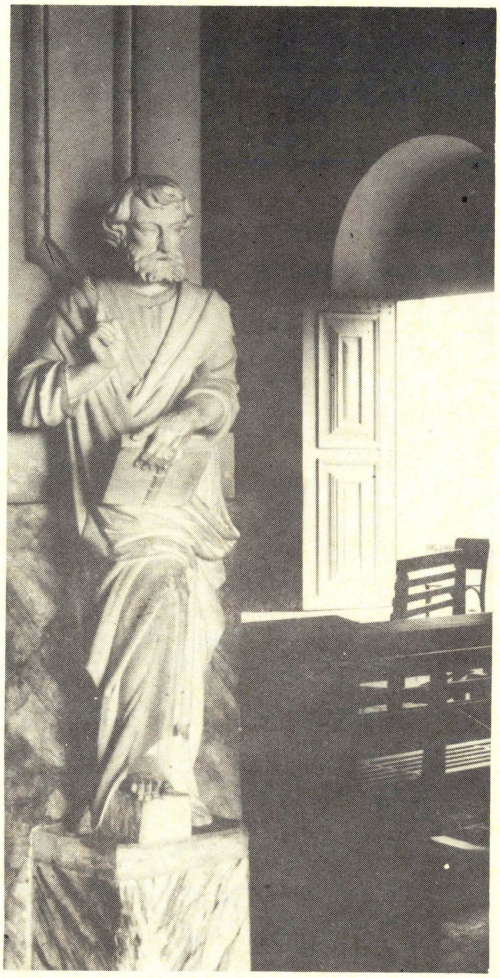
TRES MONUMENTOS RELIGIOSOS DA CIDADE DE MANAUS

MANAUS, como toda cidade fundada pelos consquistadores lusos tem o seu passado ligado a uma tradição religiosa. Os portuguêses traziam juntamente com o império, a fé que difundiam entre às gentes. O patrono da cidade deveria ter sido São José, pois esse era o nome do fortim mandado erigir como sentinela avançada da dominação lusitana em terras da Amazônia. Mas os Carmelitas, primeiros religiosos, que construiram uma Capela, dedicaram-na a N. S. da Conceição. E desde aquela época a Virgem da Conceição passou a ser a padroeira do então Lugar da Barra e agora Manaus.

A história da fundação dessa Capela que é a Matriz secular de N. S. da Conceição que vamos enfocar neste número de nossa revista, juntamente com a história das igrejas de N. S. dos Remédios, tão antiga quanto aquela e, que por muito tempo a substituiu finalmente, a Igreja de São Sebastião cuja tradição é um patrimônio desta cidade de Manaus, cuja beleza realça ali ao lado do magnífico monumento do período da borracha, o Teatro Amazonas.

O leitor de BOM DIA, entra assim em contacto com essas três casas de fé e oração que marcam a paisagem da capital do Amazonas.

Elas pertencem ao Patrimônio Histórico da Cidade de Manaus. São as tres mais tradicionais igrejas de nossa capital e as mais antigas, projetadas no século passado. Daí o motivo desta reportagem, compreendendo o que ainda hoje elas representam no sustentáculo da fé de um povo — que mudou muito os seus costumes diante do próprio progresso — mas, conservando um pouco das tradições de um passado, que não está tão longe e que pode ser perfeitamente recordado pelos homens de meia idade de agora !



Quem ainda não se lembra do arraial da Matriz, da quermesse de São Sebastião e das novenas dos Remédios ? Eram fatos arraigados ao povo de Manaus e esperados com ansiedade pelos jovens para os passeios e pelos mais velhos em decorrência do ato espiritual. Assim, com grande intensidade elas fizeram parte ativa da vida de nossa cidade, dado que bem centralizadas, foram marcos que definiram uma época e vistas pelo nosso povo — como os tres mais importante elos de congraçamento e de união — dos católicos para as manifestações dos atos espirituais.

A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a igreja de São Sebastião e a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, representam ainda hoje — embora Manaus já possua outras tantas igrejas de arquitetura bela e majestosa — este elo entre o passado e o presente, numa cidade que se renova, mas que não perde a sua condição de povo ligado intimamente as tradições católicas. Esta reportagem visa através dos fatos históricos, sempre importantes para todos nós, reacender no meio da coletividade católica o amor e à compreensão por esses tres Templos vivos da fé e do tradicionalismo de um povo !

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Em 1669, com a fundação da Fortaleza de São José do Rio Negro, no Lugar da Barra, foi inaugurado o primeiro núcleo populacional que, mais tarde, veio a ser a cidade de Manaus. O povoado que foi crescendo à sombra do fortim, estava sob a proteção de São José, pois assim se chamava : "Fortim de São José", a garantir a soberania portuguêsa em terras do Amazonas.

A história religiosa desse pequeno povoado, começa ao mesmo tempo que a sua fundação, o que era uma tradição dos colonizadores portuguêses. Ou, na expressão de Camões : "a fé e o império . . ." Nesse mesmo ano

da fundação do forte, por aqui passam os padres Jesuítas, sem nada realizar no sentido de construir uma Capela. E nisso vão 26 anos. Em dias de 1695, chegam por sua vez os padres Carmelitas e, "nas cercanias do fortim, aproveitando-se a sombra protetora" erguem pequena e tosca, de madeira e palha, uma Capela a N. S. da Conceição. A Virgem é, desde esse momento, a podroeira do nascente Lugar da Barra. E ficou nisso até que no ano de 1781, a capela está em ruínas e é então demolida.

Um ano mais tarde, a Junta Governativa da Capitania ordenou a sua reconstrução pelo Comandante do fortim de São José que, logo tratou de reerguê-la. Os trabalhos iam em ritmo acelerado, quando se deu a nomeação de Manoel Lobo d'Almada para Governador da Província, o qual logo no início de sua gestão resolveu por abaixo a pequena igreja, por achar muito sem arte a construção em andamento, reedificando-a totalmente.

A nova matriz construída por Lobo d'Almada em lugar distinto da atual é o centro da vida cívico-religiosa do Lugar da Barra. Nela se celebram cerimônias oficiais como, em 1822 e 1824, o juramento à Constituição elaborada pelas Cortes. O ato é realizado em presença de todas as autoridades e da Câmara de Serpa (Itacoatiara), que vem especialmente para tomar parte. Ao tempo da Cabanagem, quando os ideais daquele movimento agitam a província toda, se canta solene **Te Deum.**

Mas, na noite de 2 de julho de 1850, violento incêndio devora a igreja da Virgem da Conceição, mandada erigir pelo Governador Manoel Lobo d'Almada. E... por muitos anos a Vila da Barra ficou sem a sua matriz, servindo para tal fim a Capela de N. S. dos Remédios.

A cidade vai se desenvolvendo. Estamos no ano de 1856, o Lugar da Barra de São José do Rio Negro, passa a se chamar **MANAUS** legado que é de uma valorosa nação guerreira da Amazônia, um nome pequeno e sugestivo, com o sabor de novidade para o resto do Brasil.

A cidade sente a falta de sua matriz. Os políticos fazem seus discursos encarecendo a necessidade de ser construída uma nova matriz. O povo reclama, porque a Capela dos Remédios está muito longe do centro da cidade, e só restam duas alternativas para lá chegar : por terra, enfrentando as dificuldades inerentes àqueles tempos e por água em canoas com não menores riscos. Todos sentem a necessidade de se construir uma nova matriz. Mas, os recursos são poucos, a Província não dispõe dos meios necessários a edificação de tal obra e faltam, de outro lado, pessoas capazes, artífices especializados para reerguer monumento de tal envergadura. Porém, em 1858, no governo de Francisco Furtado, é lançada a pedra fundamental do atual templo de N. S. da Conceição. Os trabalhos foram se arrastando até que em 1875, com a bênção litúrgica dos sinos se chega ao final (ou quase) da construção do mais antigo monumento arquitetônico da cidade de Manaus. No mesmo ano chegam, de Lisboa, a capela-mor, tres altares e o batistério, esculpidos em pedra de lioz.

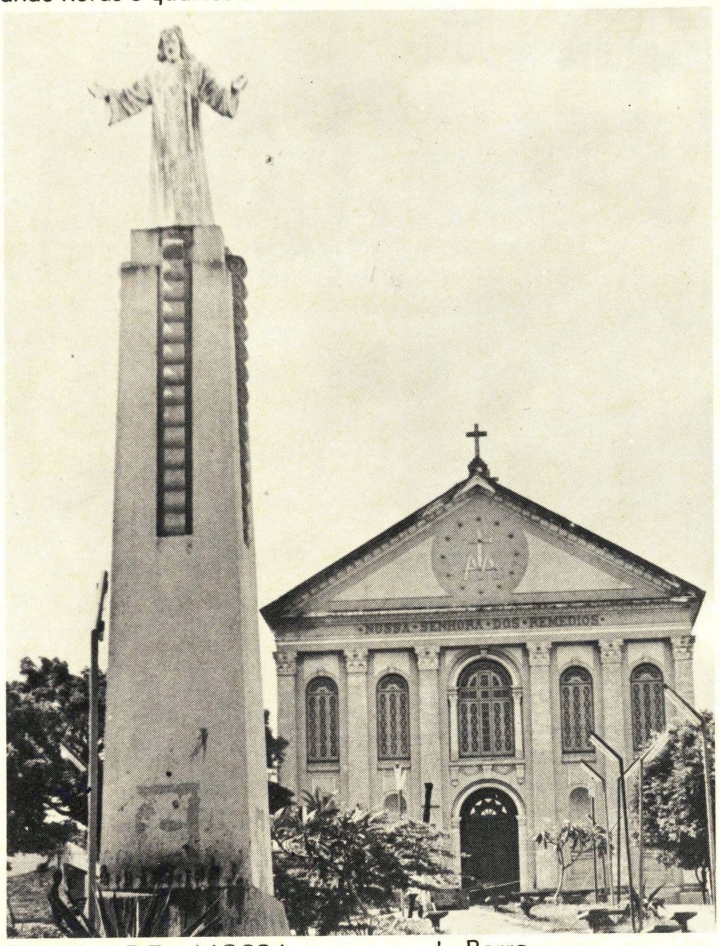
As obras da Catedral de N. S. da Conceição, foram diretamente custeadas pela Província e orçaram em Cr$752.213,83. Encarada pelos presidentes da Província como a obra mais importante a realizar e, até aquela data, "a única que, sob garantia de lei especial, fora avaliada em preço superior ao da renda anual da Província", e por isso mesmo, o templo se torna uma realidade, graças a dedicação dos governos provinciais, no período de 1858 até 1876, que tudo envidaram para dotar a capital do Amazonas de um maravilhoso monumento de arte e de fé.

IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

A história da igreja de São Sebastião começa lá pelo ano de 1859 quando a irmandade de São Sebastião construiu uma Ermida ao glorioso mártir, no lugar que desde aquele tempo ficou conhecido como "Praça de S. Sebastião". Dez anos depois, em novembro de 1870 chegaram a Manaus os padres Franciscanos que recebem do Governador da Província, Cel. José de Miranda da Silva Reis, duas casas fronteiras à Ermida, para residirem. Frei Gesualdo Macchetti, um daqueles missionários, com o auxílio do Império e do Governo da Província, levantou o templo atual, benzeu-o e abriu ao culto aos 7 de setembro de 1888. Com o passar dos anos foram chegando outros missionários. E frei Gesualdo foi ficando e continuando sua obra missionária. Conseguiu uma tipografia e imprimia livros de piedade. Até que já muito velho, veio a falecer em 1902, nesta cidade de Manaus, estando seus restos mortais depositados na Igreja que construiu desde abril de 1933. Outros missionários chegaram. Primeiro os Capuchinhos da Província Lombarda. Depois, os atuais que pertencem a Província da Umbria.

A igreja foi adornada com belas imagens e ricas jarras vindas da França. Possui um presépio em tamanho natural, que ainda agora constitue o encanto dos visitantes pela época do Natal.

Em 1913 a igreja passou por uma reforma radical. A cúpula e o forro que eram de madeira foram substituidos por cimento armado. Foi construído o batistério com bonitos afrescos. Novas imagens foram adquiridas. E lindos painéis do ilustre professor de belas artes de Roma, Balerini adornam as paredes e a cúpula. E, finalmente, o seu relógio que por muitos anos vem prestando bons serviços a toda a cidade. Quando a cidade era ainda menor o relógio de São Sebastião era obedecido e servia de orientação para o povo com suas badaladas, dando horas e quartos de hora.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Ao tempo do incêndio que destruiu a igreja construída pelo Governador Lobo d'Almada nas imediações do fortim de São José, já existia uma capela dedicada a N. S. dos Remédios. Essa capela passou então a ser a Matriz do Lugar da Barra.

A atual igreja é a terceira, iniciada por Monsenhor Antero que foi o segundo vigário da referida freguesia. Ele desejava uma igreja que fosse digna e majestosa, que estivesse à altura do nível social e cristão do já populoso bairro dos Remédios. Todos os esforços foram empreendidos para que se erguesse o templo. Sua história apresenta lances dramáticos como quando foi incendiada pelo povo revoltado com os desmandos da administração do governo Manuel Joaquim do Paço. Por largo espaço de anos sua construção ficou parada e até o presente ainda se observa uma falta de acabamento ou mesmo de gosto artístico no altar-mor por seu estilo indefinido.

Fundada em 1873, portanto, a completar neste próximo ano o seu centenário de existência como Paróquia, a Igreja dos Remédios foi por vários anos a matriz da capital da então Província do Amazonas. Era uma simples capela com as honras de igreja paroquial, muito humilde em sua construção, mas que possuia ricas alfaias e objetos sacros.

Sem dúvida alguma, a igreja dos Remédios está ligada a história da cidade, por sua antiguidade, pelos atos oficiais que nela tiveram lugar e, por ter sido, por longos anos a igreja principal desta cidade de Manaus.

SERINGUEIRA, a árvore que chora

JOÃO NOGUEIRA DA MATA
(Da Academia Amazonense de Letras)

A borracha, cuja celebridade emparelha com o petróleo, o ferro e o aço, provém da Seringueira, modesta árvore que Carlos Maria de La Condamine, pelos idos de 1743, houve por bem revelar ao mundo civilizado. Entregues as primeiras amostras aos laboratórios franceses, ainda às voltas com as experiências de rotina, surgiram, naturalmente, indagações a propósito de sua composição química, de seu **habitat,** de sua coleta e preparo, de sua utilidade, enfim, à vista da própria produção indígena.

Dos laboratórios emanaram as conclusões categóricas : na matéria-prima, submetida a exame, foram encontrados glóbulos em suspensão. Logo a seguir, positivado ficou o alto grau de **elasticidade.** Revelação tanto mais sensacional quanto os cientistas de então só conheciam, por exemplo, as ligas dos metais, transformados, sob a ação da bigorna, em utensílios domésticos e arcos rústicos destinados às rodas das viaturas. Estávamos, como se vê, em pleno domínio dos metais. Com a elasticidade nos produtos de borracha, houve como que uma revolução na indústria.

Essa revolução, aliás, assumiria, anos mais tarde, proporções inimagináveis, com a borracha vulcanizada, de largo uso no preparo de pneumáticos. Além da indústria automobilística, que assegurou grande impulso às aplicações da borracha, surgiram no comércio as capas e as galochas, para os dias invernosos, os tapetes e encerados, as flôres artificiais e as luvas, os isolantes e a borracha de lápis. Esta, de intensa aceitação nas escolas. Hoje, com o acentuado desenvolvimento industrial, numerosas são as utilidades feitas de borracha, como, por exemplo, os tecidos de nylon e os plásticos em geral. Publicação especializada chegou a asseverar que os próprios **tanks,** na segunda guerra mundial, não teriam a eficiência, que apresentaram, sem o revestimento interno de borracha, para segurança dos combatentes.

O **habitat por** excelência da espécie vegetal descoberta por De La Condamine era a Amazônia, vasta e lendária, no Extremo-Norte brasileiro, cujos limites ainda não estavam assentados em definitivo, como hoje, mercê do trabalho hercúleo do Barão do Rio Branco. Compreendia, naqueles idos, tôda a área em que se encontram os Estados do Amazonas, Pará, Acre, Mato-Grosso, Goiaz, Territórios Federais de Rondônia e Roraima.

Há, consoante as classificações da botânica, numerosas espécies de seringueiras : as **Héveas,** a **Castilloa,** a **Manihot** e a **Heptaphyla.** Das **Héveas,** as mais importantes são as seguintes : **Hévea Brasiliensis, Hévea Discolor, Hévea Guyannensis, Hévea Rigidifólia** e **Hévea Spruceana.** Quem as estudou melhor, em monografia rara, foi Adolfo Ducke, do Museu Goeldi, de Belém do Pará. Das espécies inferiores, ou **seringaranas,** que proliferam no Nordeste, podem ser citadas a **Castilloa Elástica,** que dá o **caucho,** a **Manihot Piauiensis Ule** e a **Heptaphyla Ule,** encontradiças no Vale do São Francisco.

De tais espécies, porém, a que predomina pela qualidade, em tôda a Amazônia, é a **Hévea Brasiliensis,** que oferece a melhor borracha do mundo. Nasce a êsmo, em abundância, como legítima dádiva de Deus. Estudando-lhe as origens, assim a descreve, com exatidão impressionante, o general Lobato, como filho dileto da Ilha do Marajó :

"Quem percorre a densa floresta, onde se encontram os seringais amazônicos, no silêncio de suas tardes, entre meio dia e catorze horas, quando o sol dardeja feèricamente sôbre a espessa cobertura formada pela imensidade de ramagens verdejantes, ouve, de momento a momento, como se fôra uma das assombrações daquêle mundo misterioso, forte e sêco estampido, semelhante ao da detonação de um fuzil. O ouvido aguçado perceberá, logo em seguida, e durante alguns segundos, ruidos de qualquer coisa que desliza pelas ramas e pelas folhagens. Depois dêsses ruidos, o silêncio daquelas horas se restabelece, e a flora prossegue em sua deliciosa sesta".

"Fato tão inesperado certamente assustará qualquer forasteiro, mas não será novidade para o homem regional, pois êste sabe que aquêle estampido, a essa hora, nada mais é que o arrebentamento do fruto da seringueira, uma castanha arredondada e talhada em gomos, e o ligeiro ruído fôra produzido pelo desligamento dos estilhaços das castanhas e das sementes expelidos do interior do invólucro".

"De uma dúzia, mais ou menos, de sementes arrumadas pela cápsula das castanhas que se abrem, segundo seus gomos — algumas ao deslizarem serão detidas pelo intrincado de folhas e ramadas das árvores vizinhas; outras, caindo sôbre as folhas do tapetado que cobre o solo. Talvez uma única, algumas vêzes, consiga insinuar-se por êste tapetado, alcançando a terra revestida de héveas, vivificando. Sòmente esta, como se diz em linguagem vulgar, vingará."

Eis como surge para a vida a **Hévea Brasiliensis,** da família das euforbiáceas. De aspeto humilde, com vinte e cinco a trinta metros de altura, com um diâmetro de sessenta centímetros a um metro e meio, constitui das espécies mais notáveis da flora amazônica

Para sua exploração, no soturno das selvas, estabelece o hinterlandino a **estrada,** isto é, o caminho torcicoloso por onde anda todos os dias, da manhã à tardinha, quando dá por encerrada a primeira fase de sua faina. Depois, recolhido ao tapirí ou barraco, acompanhado ou não, procede à defumação, vale dizer, à coagulação do leite por meio da fumaça do uricuri ou de outros similares silvestres.

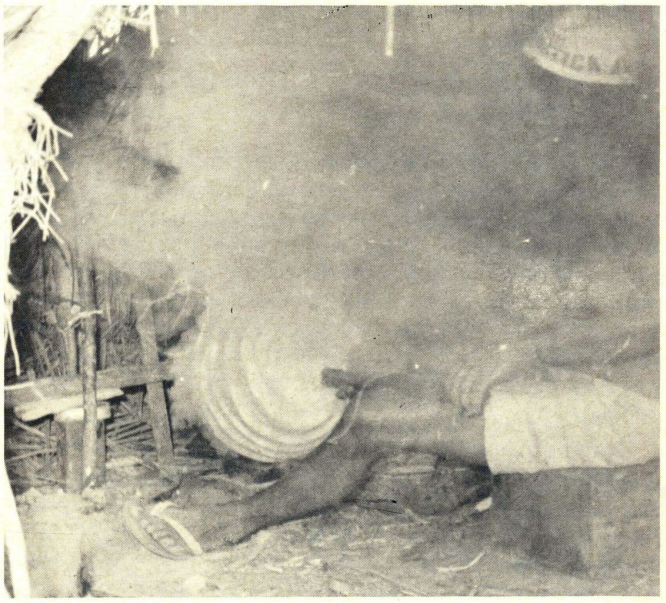
No tempo da **machadinha,** dava o seringueiro o golpe certo na madeira, ou seja na árvore, e em seguida espetava a tijela dois dedos abaixos do golpe, para a coleta do leite. Êste, minutos após, caía em gotas dentro da vasilha, muito parecidas com lágrimas humanas. Foi exatamente assim conjeturando que Vick Baum deu ao seu livro o título de **"Seringueira, a árvore que chora",** e logrou vê-lo transformado em **best-seller** internacional. Hoje, com a adoção de processos mais adequados de coagulação, por exemplo, por meio de elementos químicos, a seringueira passou a ser cortada por cesuras em forma de espinha, menos ofensivas à sua estrutura.

De qualquer maneira, ferida aos golpes vandálicos de machadinha ou pelas cesuas de uma faca, a Hévea continúa a ser a heroína das selvas, que oferece o leite para opulentar as cidades, dando-lhes um mundo de utilidades. Viajando em automóveis que lembram plumas esvoaçantes ou em jatos que concretizam os devaneios das lendas, o homem do século vinte tem à

sua disposição as macias poltronas dêsses veículos, graças à elasticidade.

Pois bem, nada obstante o indiferentismo dos homens pela política da **heveicultura** — nos mesmos moldes do que vem sendo feito a prol da cafeicultura, da cacauicultura, da cotonicultura e dc triticultura — a seringueira persiste de pé, à espera de seu dia D.

Felizmente, estamos com o país entregue aos técnicos. Técnicos em finanças, em ciência da administração, em transportes e comunicações, em educação e saúde. Do Ministério do planejamento, em plena atividade, surgem as diretrizes concernentes a êsses problemas de base.



A seringueira da Amazônia, conquanto estranguladores os reiterados golpes que lhe têm sido desferidos — inclusive os externos, mediante promessas tentadoras — continúa resistindo, erecta e sobranceira, tal como o "buriti perdido" de Afonso Arinos. Admirável epônimo das brenhas, atestado irrecusável de quase dois séculos de trabalho, não só em proveito da Amazônia, senão ainda do próprio Brasil, em condições altamente honrosas. Quando as nações unidas apelaram para o caboclo brasileiro do extremo-norte, na arrancada decisiva pela vitória das democracias, destas plagas eclodiu, eloquente, o grito de reivindicação.

A história da espoliação de sementes de seringueiras, de ontem, encontra-se visìvelmente ultrapassada. Dos escombros da **queda** fragorosa estão surgindo, como expressiva positividade da engenharia brasileira, os gigantes de cimento armado, em Belém e Manaus. A industrialização já é uma realidade nesta capital, em madeiras das serrarias e movelarias, em castanha beneficiada das usinas, em peles e couros dos cortumes, na joalheria destinada à exportação. Já estão acesos, prontos para a produção redentora, os altos-fornos da **Siderama.**. Embarcações construidas pela **Estanave** começaram a descer dos trilhos de seus estaleiros. O parque industrial da Zona Franca de Manaus, enfim, obedecendo a planos rigorosamente científicos, está quase consolidado.

Traçados os novos rumos da **heveicultura** na Amazônia, como todos esperam, cada seringal será transmudado em autêntica trincheira, em cujas casamatas os "soldados da libertação", novos êmulos dos "soldados da borracha", tudo podem envidar para que o desenvolvimento gomífero volte ao esplendor de outrora.

Heveicultura equacionada em têrmos racionais, consoante a predileção dos que se dedicam ao estudo dos problemas fundamentais do país. Heveicultura da Amazônia, o **habitat** por excelência das "Brasiliensis", inteligentemente interligada para que Borracha Natural e Borracha Sintética constituam o nosso binômio em condições irreversíveis.

Não nos esqueçemos que borracha, nos dias atuais, é produto tão importante para o Brasil como o petróleo de Lobato, o ferro de Volta Redonda e o aço de Mato-Grosso.

CEM - Inaugurou Instalações

A Diretoria da Companhia de Eletricidade de Manaus à frente o Sr. Jorge Baird inaugurou com a presença do Governador do Estado, coronel João Walter, presente ainda outras autoridades, empresários e elementos de nossa sociedade, o prédio que fica à Avenida 7 de Setembro, no Bairro da Cachoeirinha, onde está instalado o seu Departamento de Distribuição. A solenidade foi realizada no dia 1.º de Maio, como homenagem da Companhia ao trabalhador, conforme ressaltou o Sr. Jorge Baird em discurso que abaixo transcrevemos.

Procedeu à bênção do edifício o Arcebispo Dom João de Souza Lima — tendo, antes, falado o Governador João Walter para enaltecer o feito da Companhia — e logo a seguir no Auditório foi realizada uma curta sessão de cinema. Depois foram mostradas as instalações do segundo e terceiro andar, onde ficam respectivamente salas de administração, funcionando outros Departamentos da Companhia e um amplo salão para recepções, de onde se descortina bela paisagem de nossa cidade. Tendo sido servido ali um "cock-tail".

As duas fotos são do ato de inauguração do novo edifício da CEM, vendo-se o Governador João Walter, empresários e elementos de projeção do comércio, sociedade local e do povo. Na foto de cima quando falava o Sr. Jorge Baird, Presidente da Companhia de Eletricidade de Manaus e na outra Dom João de Souza Lima, procedendo à bênção das instalações, à porta do belo auditório.

Entre outras finalidades o objetivo da obra foi de dar melhores condições aos funcionários da CEM, não só quanto ao melhoramento de sua capacidade técnica e teórica, como também o de proporcionar diversão às famílias dos funcionários, através do Departamento do Bem Estar Social.

As fotos que ilustram esta reportagem foram do dia da inauguração.

O Sr. Jorge Baird expressou-se da seguinte maneira no ato inauguratório :

"Escolhemos a data consagrada ao trabalhador para a inauguração deste prédio com o propósito de prestar uma homenagem ao funcionário da COMPANHIA DE ELETRICIDADE DE MANAUS.

Festejamos, pois, o Dia do Trabalho entregando aos numerosos membros da família da CEM, um Auditório, no pavimento térreo; modernas instalações de trabalho, no primeiro andar; e amplo salão que se presta admiravelmente para atividades sociais, no último piso.

Em nenhuma unidade desta Companhia havia um lugar apropriado à promoção de conferências, palestras ou reuniões de cunho instrutivo e tão pouco para divertimento sadio. Por isto, decidimos, há dois anos, edificar neste local um pequeno prédio capaz de preencher a lacuna que existia nas nossas instalações.

Resolvemos, por igual, dar aproveitamento ao sub-sòlo, em face da topografia do terreno. Quando estavam em andamento os trabalhos prelimianres da construção determinamos levantar o primeiro andar porquanto não faltavam órgãos aspirando melhor alojamento.

Construimos um auditório com 282 lugares, dotado de ar condicionado, com o objetivo de propocionar instrução e diversão aos funcionários da CEM. Hoje são 680 os nossos colaboradores que, por sua vez, respondem por 1.300 dependentes aos quais chegarão, por certo à alegria das promoções de cinema e teatro, a partir de hoje. Ademais, desejamos sinceramente que o salão a ser inaugurado seja útil ao governo e às empresas particulares, sempre que se fizer necessário. Declaramos com firme convicção que este auditório se incorporará ao patrimonio da cidade e estará sempre à disposição de quantos queiram usá-lo nas finalidades para as quais foi construido.

O projeto inicial foi elaborado pelo Dr. Luiz Carlos Pinto Bustamant, Chefe do Departamento de Distribuição da CEM, e ampliado e adaptado na evolução que sofreu, pelo Engenheiro Elias Abdalla Aucar, ao tempo em que chefiava a Assessoria Técnica da CEM. A seu cargo estiveram, ainda, a direção da construção e fiscalização, atribuições que passaram, posteriormente,

à responsabilidade do Dr. Alcides Rodrigues Moura, também do quadro de engenheiros da CEM, que teve oportunidade de demonstrar a sua competência e dedicação profissional ao levar a obra a seu término e hoje no-la entregar em condições plenamente satisfatórias. As obras civís estiveram a cargo do empreiteiro J. Lino Vieira, tendo colaborado, em alguns serviços a empreiteira P. Soares & Cia. Os trabalhos de carpintaria, em sua totalidade, foram executados pela Fábrica Carmar Ltda.

Area construída: 1.300 m2; custo da obra : Cr$ 700.000,00; período de construção : 2 anos.

Na concorrência pela posse da área de 350m2; correspondente ao primeiro andar ganhou o Departamento de Distribuição que, na verdade, estava muito mal instalado em local de precárias condições e área insuficiente para os seus inúmeros serviços.

Durante os primeiros anos de vida da Companhia nada foi possível fazer para melhorar as instalações de trabalho até que, ultrapassada a divisa do **deficit** de operações, em 1965, a Diretoria concebeu e começou a executar um modesto plano de construção em paralelo com a recuperação dos velhos próprios existentes. A partir de 1968, porém, a pressão exercida pelo excepcional crescimento da demanda de energia elétrica, com reflexo em todos os setores da Companhia, foi necessário cuidar da reforma geral da organização. Inúmeras providências foram tomadas mas, em 1971, foram criados os Departamentos de administração setorial, inclusive o de Distribuição, a fim de substituir os órgãos primitivos de estrutura absoluta. Era imprescindível por demais evidente a necessidade de reformular completamente a estrutura organizacional para poder atingir as soluções adequadas aos problemas que vinham se agravando como consequência natural da extraordinária expansão do setor energético de Manaus.

O Departamento de Distribuição de hoje compõe-se de : Divisão de Redes, com 75 funcionários, responsáveis pelos projetos, construção, manutenção e controle de redes. Divisão Técnica de Distribuição, com 92 funcionários, que respondem pelos serviços de oficina mecânica, de veículos, de carpintaria; reparos de equipamentos; Iluminação Pública e Sinalização de Trânsito. Divisão Técnica de Consumidores, com 53 funcionários que têm a responsabilidade do estudo e da aprovação de projetos dos consumidores, ligações, fiscalização, aferição de instrumentos e plantão permanente. Considerando, ainda, o Centro de Treinamentos de Pessoal. O Centro de Tecnologia e Padronização de Material e assessores, conta o Departamento de Distribuição com 231 funcionários compreendendo 4 engenheiros e 25 técnicos de especialidades diversas, utilizando em seus variados e importantes serviços 47 viaturas. A sua atual organização, o estudo e o planejamento geral do sistema com previsão até 1980, nos levam a afirmar que a energia elétrica gerada pelas usinas em funcionamento e pelos complexos em construção chegará, em condições satisfatórias, aos consumidores de qualquer categoria localizados dentro da área de concessão do CEM.

Muito obrigado.

Quando você pensar em montar Casa ou Escritório e desejar um Material de Primeira Qualidade, não vacile: Procure o melhor na

MADEIREIRA WALDEMAR MOSS LTDA.
AV. AJURICABA, 800 - CACHOEIRINHA

VISTAS :
PORTAS
JANELAS
CABOS DE VASSOURA

MADEIRAS DE TÔDAS AS QUALIDADES
especialmente :
CEDRO — AGUANO
COPAÍBA
UCUÚBA e ITAÚBA

Importante :
Entrega ao cliente, gratuitamente, no local da obra.

TÁBUAS :
MACHEADA
APLAINADA
ESCAMADA
BRUTA

PRANCHAS
FÔRRO
TABIQUE
CIMALHA
LAMBRI
RODAPÉ
CANALETAS
MEIA CANA

TACOS

PERNAMANCAS
CAIBROS
RIPÕES
RIPAS

MADEIREIRA WALDEMAR MOSS LTDA.
AV. AJURICABA, 800 - CACHOEIRINHA

Cx. Postal, 89—Telegr. "SSOMADEIRAS"—Fone 2-1393
C. G.C. do M.F. n. 04403507/001 - - Inscrição Est. 6000 01
Serraria Marapatá — Enseada do Marapatá

ÁRVORES - Símbolos da Vida!

A natureza é sempre a mesma em qualquer parte do Universo. A diferenciação que existe, aqui e ali, dá essa demonstração de excelente orquestra, cuja sinfonia vibra ao comando da batuta do Maestro Divino. Qualquer que seja a nacionalidade de um homem e na aridez de que se possa constituir o solo de sua pátria, há na paisagem que se alonga rumo ao horizonte, alguma coisa de belo e apreciável pelos olhos humanos : aqui um córrego ou uma cachoeira, ali um matagal espesso e bravio, além as montanhas e, assim, a Natureza oferece em toda a parte aspectos de verdadeiro deslumbramento. Haja, pois, olhos para vê-la e coração para amá-la e senti-la !

Leon Denis é um extraordinário pensador e poeta. No livro "O Grande Enigma", de sua autoria e edição da FEB, há um capítulo intitulado "A Floresta", que é um verdadeiro deslumbramento amazônico ! Vou transcrever ligeiros trechos dessa obra: é como se o poeta estivesse entre nós, vivendo à exuberante beleza de todo o nosso imenso Vale. Com o respeito que possam merecer todos aqueles que aqui vivem e que têm sabido cantar expressivamente os elementos naturais de nossa região — as páginas de BOM DIA — vão ser engalanadas desta vez com as imagens criadas por esse extraordinário poeta, já que a linguagem dos poetas está acima das formas físicas e das limitações humanas ! Vamos sentí-lo nesta transposição que vamos fazer, vendo-o cantar, como se estivesse entre nós — e quem dirá que não está ? — penetrando no âmago de nossa selva :

"A floresta estende até ao horizonte longínquo suas massas de verdura que estremecem sob a brisa e ondulam, de colina em colina. Através das espessas ramadas, a luz se escoa em loiros raios sobre os troncos das árvores e sobre as ervas; o sopro da brisa folga nas ramagens. De vários matizes se compõem o verde das folhagens. E à medida que avançamos, a floresta nos envolve com seus eflúvios e seu mistério.

E em meio a imensa floresta — uma árvore gigante — a samaumeira, ergue-se, alta qual uma igreja !

Aromas fecundos sobem do solo; as plantas exalam sutil perfume. Poderoso magnetismo se desprende das árvores gigantescas e nos penetra e nos inebria. Mais longes, raios dourados penetram em uma clareira e fazem brilhar os troncos das castanheiras qual se fossem as colunatas de um templo. E mais distante ainda florestas sombrias aparecem, a perder de vista, com suas arcadas de verdura, semelhante a abóbadas de catedral. Por toda a parte abrem-se refúgios cheios de sombra e silêncio, solidões profundas que inspiram uma espécie de emoção. **E em meio a essa paisagem florestal — uma árvore secular, a samaumeira gigante, patriarca das várzeas respeitada pelo machado e que três ou quatro homens não poderiam abraçá-la, eleva-se isolada, alta qual uma igreja !** O raio a tem visitado várias vezes, conseguindo, apenas, quebrar seus galhos, deixando-a sempre de pé altiva e protetora. Suas raízes estão petrificadas no solo — quais modernas edificações de cimento armado — e desafia os séculos. Que segredos não guardam consigo as árvores gigantescas como essa samaumeira para contar às Humanidades ? Quantos milênios de existência ? A floresta, entretato, não é apenas uma caixa de segredos, mas um maravilhoso espetáculo; e é ainda um perpétuo ensinamento. Ela nos fala sem cessar das regras dos fortes, dos princípios augustos que regem toda a vida e renovação dos seres e das estações. Aos tumultuosos, aos agitados, oferece seus retiros profundos, propícios à reflexão. Aos impacientes ávidos de gozo, diz que nada é duradouro, senão aquilo que custa trabalho e precisa tempo para germinar, para sair da sombra e subir para o céu. Aos violentos, aos impulsivos, opõe a vista de sua lenta evolução. Verte a calma nas almas enfebrecidas. Simpáticas às alegrias, compassiva às dores humanas, ela cura os corações chagados, consola, repousa, comunica a todas as forças obscuras, as energias escondidas em seu seio.

Quatro homens dão uma idéia da grandeza do tronco-raiz da samaumeira gigante, em plena floresta amazônica !

A Lenda de Anteu é sempre aplicável aos feridos da existência, a todos aqueles que esgotaram as suas faculdades, suas potências vitais nas ásperas lutas deste mundo. Basta-lhes pôr-se em contacto com a Natureza, para encontrarem na virtude secreta que dela emana recursos ilimitados.

E que analogias, que lições em todas as coisas ! A bolota, sob seu invólucro modesto, contém não só um carvalho completo em seu majestoso desenvolvimento, mas uma floresta inteira. A semente minúscula encerra em seu garrido berço toda a flor, com sua graça, suas cores, seus perfumes. De igual maneira, a Alma humana possui, em gérmen, todo o desenvolvimento de suas faculdades, de suas potências futuras. Se não tivéssemos sob os olhos o espetáculo das metamorfoses vegetais, nós nos recusaríamos a crê-lo. As fases de evolução das Almas em seu curso nos escapam, e não podemos compreender atualmente todo o esplendor de seu porvir. Temos, no entanto, um exemplo disso na pessoa desses gênios, que passaram através da História deslumbrantemente, deixando aos pósteros obras imperecíveis. Tais são as alturas a que se podem elevar as Almas mais atrasadas na escada das vidas inumeráveis, com o auxílio desses dois fatores essenciais : o tempo e o trabalho !

Assim a Natureza nos mostra em todo o seu esforço paciente, em toda a beleza da vida, o prêmio da coragem e a imagem dos nossos destinos sem fim. Ela nos diz que tudo evolve e se transforma, Almas e coisas. A morte é apenas aparente; aos tristes invernos, sucedem os dias primaveris, cheios de vida e de promessas."

A lei de nossas existências não é diferente das estações. Depois dos dias de sol, do verão, vem o inverno da velhice, e, com ele, a esperança do renascimento e de nova mocidade. A Natureza, tal qual os seres, ama e sofre. Por toda a parte, sob a onda do amor que transborda do Universo, encontra-se a corrente da dor; mas esta salutar, pois que, purificando a sensibilidade do ser, desperta nele qualidades latentes de emoção, de ternura e lhe proporciona assim um acréscimo de vida.

A floresta é o adorno da Terra e a verdadeira conservadora do globo e da Amazônia dependerá o grande futuro do nosso planeta. Sem ela, a floresta, o solo arrastado pelas chuvas, cedo voltaria aos abismos do mar imenso. Ela retém as largas gotas da tempestade em seus tapetes de relva, no enredamento de suas raízes; ela as economiza para as fontes e as entrega, pouco a pouco, transformadas, tornadas fertilizantes e não devastadoras. Por toda a parte em que as árvores desaparecem, a terra se empobrece, perde sua beleza. Gradualmente, chegam a monotonia, a aridez, e, depois, a morte. Regeneradora por excelência, a respiração de suas milhares de folhas destila o ar e purifica a atmosfera.

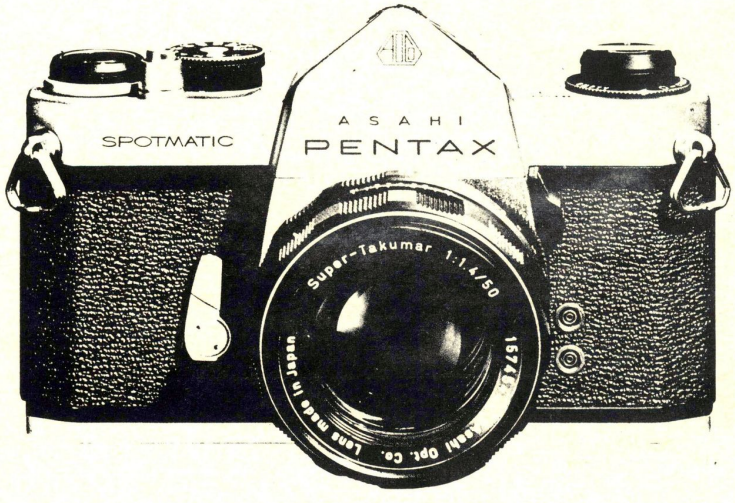
Conforme os conceitos acima, torna-se perfeitamente natural, embora sintamos objetivos escusos, a grita daqueles que vêem a Amazônia como esse reservatório imenso de exigênio — e que não deveria ser desmatado — porque esse desmatamento implicaria na instabilidade salutar de todos nós. Mas, o Brasil precisa progredir e ter condições para vigiar e guardar o patrimônio florestal que lhe foi dado, mesmo porque, **as árvores são os símbolos da vida** — indicando ao homem o verdadeiro caminho para Deus! E guardá-las e preservá--las mais de perto é um dever de todo brasileiro e particularmente do brasileiro — amazônico!

Esta árvore — bela em sua majestade — como tantas outras à beira dos rios amazônicos, dá bem uma idéia da paisagem e da grandeza florestal da região.

FOTOCINE

R. Henrique Martins, 366 Fone: 2-2696

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS



PENTAX — OLYMP
MINOLTA — KONIC
KODAK — CABIN
EUMIG — SEKON

RAQUETES TENIS WILSON

ARTIGOS PARA PRESENTE

AMAZÔNIA:
Conceito, sua Evolução Histórica

ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS

Em 1970 quando de sua visita a Manaus, o Presidente Emílio Garrastazu Médici, em seu discurso, proferiu estas palavras : **"O problema inicial da Amazônia é conhecê-la de verdade. Para conhecê-la como é preciso, impõe-se torná-la mais próxima, mais aberta, para poder povoá-la".**

Conhecer e aproximar são, realmente, os pontos básicos para que se possa realizar qualquer programa de integração da Amazônia. É, assim, com essa finalidade que começamos neste número de nossa revista a oferecer aos estudiosos a oportunidade de tomarem contacto com a AMAZÔNIA · — O que é ? Como se fez a sua formação.

Isso tudo, nós iremos dizer ou mostrar, através da obra de um dos mais categorizados historiadores da Amazônia que é o **Professor Arthur Cesar Ferreira Reis.** Um homem que vem dedicando sua vida no sentido de torna a Amazônia conhecida de todos os brasileiros e que defende desde há muito a necessidade de se fazer a sua integração, no espírito do lema : **"Integrar para não entregar".**

Com este número, pois, começamos a apresentar alguns pontos de sua obra sobre a Amazônia para que todos possamos melhor conhecer esta e assim mais próximos da realidade compreendê-la, amá-la e lutar juntos com os brasileiros desta e de outras regiões pela sua integração ao ritmo do desenvolvimento brasileiro.

EXISTE UMA SÓ AMAZÔNIA ?

I — COMECEMOS por uma afirmação : — **não há uma Amazônia.** Consequentemente, não haverá um conceito de Amazônia. E não será, assim possível definir a Amazônia como um todo homogêneo, harmônico, global.

Quando pensamos em Amazônia, logo ela se reflete como o trecho do espaço físico brasileiro marcado profundamente pelas águas da gigantesca bacia amazônica e coberto por uma floresta de alto porte, de coloração verde-forte, de continuidade e heterogeneidade impressionantes. Região de alta pluviosidade, clima quente e úmido, economia predatória, solo pobre, população escassa, de baixo padrão de vida, espalhada à margem da calha central do rio principal e seus tributários maiores e menores e vivendo sob o perigo constante de endemias que seriam uma explicação para o problema quantitativo da população, população, enfim, que, na maioria vinda do Nordeste, teria operado a sua consquista numa aventura cheia de bravura.

Evidentemente estamos frente a uma generalização. Porque esse trecho da base física do Brasil não apresenta a unidade constante daquelas características por que a imaginamos. Nem toda a Amazônia é só floresta, nem essa floresta é sempre de verde-forte, é permanentemente úmida e frequentada pela pluviosidade mais intensa. Nem toda a Amazônia é fruto de economia predatória sobre a floresta, nem, tão pouco, a sua população está toda dispersa, sem a constância das aglomerações mais ou menos densas. Também a Amazônia não é apenas uma parte integrante de território brasileiro, nem é o fruto exclusivo da ação dos bravos sertanejos nordestinos que a tivessem ocupado, na façanha que Euclides imortalizou em páginas fulgurantes de "À Margem da História" e "Contrastes e Confrontos".

O CONCEITO CLÁSSICO DE AMAZÔNIA

A Amazônia, no conceito clássico, é aquela que conformamos em nossa imaginação, trabalhada pelo sensasionalismo de viajantes e de uma literatura exótica, infiel, nociva, que a criou sem qualquer obediência ao real. Mas há outras Amazônias, inclusive uma mais nova, elaborada no texto legal, constante do diploma legistativo n.º 1806, de 6 de janeiro de 1953. Exemplifiquemos. As ilhas do arquipélago de Marajó, essa ilha em particular, é zona de floresta e de campo; é zona de umidade e de sêca tão violenta como as que matam o gado no Nordeste e provocam os êxodos populacionais.

Nos territórios do Rio Branco e Amapá, a floresta não predomina. No Rio Branco, ao contrário, o que é positivo, marcante, característico é o campo. Entre Manaus e a margem esquerda do rio Branco, a floresta que principia frondosa, espêssa, quase impenetrável, perde altura, espessura. A coloração verde-forte esmaece, o ar dominador entra em colapso. No Baixo Amazonas, a terra planiciária sofre interrupções com o aparecimento de elevações, como também na fronteira com a Venezuela e com a Guiana Holandesa. Agora mesmo, com o rasgamento da estrada Brasília — Belém, encontraram-se, aqui e ali, elevações, que contrariam ou desmentem a tese de uma planície harmônica. No tocante à bacia, é de registrar que os tributários do Amazonas não são de todo navegáveis — interrompidos por corredeiras ou diminuição da profundidade do leito — é o caso do Tocantins, do Tapojós, do Madeira, do Negro, do Branco, do Japurá, do Purus, do Jari, do Trombetas, do Nhamundá; é o caso do Purus-Acre e do Juruá, no que é o Território do Acre, onde as embarcações fluviais, durante meses do ano, não podem singrá-las. E no tocante ao problema de habitabilidade ? Espaço tropical, nele será possível a realização de uma emprêsa civilizadora em grande estilo ?

O QUE É A AMAZÔNIA ? OS DIVERSOS CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DA AMAZÔNIA

No decorrer desta palestra, teremos oportunidade de fixar as reservas aos demais elementos da caracterização clássica. E então, hão de concordar que uma definição de Amazônia parece muito difícil, talvez impossível de obter-se a rigor. Porque, evidentemente, não há apenas uma Amazônia, mas várias.

Queremos referir, porém, desde logo que o assunto não é novo. Em monografia que escreveu por determinação nossa quando à frente da SPVEA, e posteriormente ampliada para o INPA, agora por solicitação que lhe fizemos, o professor Eidorfe Moreira tentou responder à indagação — como conceituar a Amazônia ? Escreveu ele : "A Amazônia não é, contudo, uma região fácil de definir ou de delimitar a começar pela plurivalência do sentido do têrmo que a nomeie, que tanto pode significar uma bacia hidrográfica com uma província botânica, um conjunto político, como um espaço econômico".

E para melhor esclarecer o seu pensamento, examinou o que poderíamos chamar de conceitos hidrográfico, fitogeográfico, zoogeográfico, político e econômico, cada um tendo por eixo o aspecto ponderante a que buscou o nome. Assim, sob o critério hidrográfico, a Amazônia teria de ser a região inundada pelas águas do rio Amazonas e sua infinita rêde de afluentes, subafluentes, igarapés, paranás, furos, lagos. Ficariam, desse modo, excluidos os trechos do Amazonas, onde um certo número de cursos dágua, que se lançam no Atlântico, nenhuma ligação têm com os rios da bacia amazônica.

Pelo critério botânico ou fitogeográfico, os trechos onde não ocorresse a cobertura florestal estavam fora do mundo amazônico — como sejam os campos do Rio Branco, que possivelmente alcançam a costa, no Amapá, numa continuidade só aqui e ali interrompida pela presença das ilhas de floresta tropical. No Marajó, ainda para exemplificar, além da área de vegetação corpulenta, há um amplo espaço de campo, onde se faz o criatório, o maior criatório do extremo-norte do Brasil.

O conceito zoogeográfico possui, de seu lado, uma significação ainda mais pobre. Porque, para contá-lo seria necessário que certas espécies da fauna constituissem núcleo ponderável. Seja as das espécies que se escondem na floresta, seja

as que se encontram nas águas dos rios. A presença dos peixes e dos animais de pequeno porte, que podemos caçar para o negócio dos couros e peles, não é homogênea quanto à sua distribuição. Nem todos os rios são piscosos, como nem nos piscosos existem espécies iguais. As áreas do peixe-boi, do pirarucu, das tartarugas, das pescadas, dos tambaquis são distintas. Em algumas províncias da Amazônia, certos peixes são conhecidos das respectivas populações por ouvir dizer e não pela sua utilização. Ainda recentemente, um grupo de batedores do 27 Batalhão de Caçadores, sediado em Manaus, pretendeu proceder ao reconhecimento da zona entre Manacapuru e Manaus para efeito de operação experimental de guerra na selva. O INPA proporcionou um botânico para acompanhar o grupo. A viagem, por terra, fêz-se em mais de uma semana. Nenhum espécime de fauna foi encontrado. Nenhuma criatura humana. Como nenhuma fruta e nenhum veio de água.

Se formos ao critério político, temos de enfrentar o problema das soberanias — porque o que chamamos de Amazônia não pertence unicamente ao patrimônio do Brasil. E' também parte integrante da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colombia e da Venezuela. Se nos fixarmos apenas no que pertence ao Brasil, temos de atentar para o caso particular da divisão administrativa do país. Que Estados compreenderão a Amazônia brasileira? Esses Estados serão integralmente amazônicos ou apenas parcialmente? A lei 1806, de janeiro de 1953, disciplinando o dispositivo constitucional referente à valorização regional, determina que a Amazônia, pelos territórios federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco, e ainda, a parte do Estado de Mato Grosso ao norte do paralelo de 16.º, a do Estado de Goiás ao norte do paralelo de 13.º e a do Maranhão ao norte do meridiano de 44.º".

Como vemos, o critério político-legislativo está riscado com uma autonomia verdadeiramente surpreendente.

Em face do que aqui expusemos, a que conclusão chegar? Qual o critério preferível? Como conceituar a Amazônia? Há, realmente uma só Amazônia?

AMAZÔNIA: CAMPO DE CONFLITO ENTRE OS POVOS EUROPEUS NA FORMAÇÃO DOS IMPÉRIOS COLONIAIS.

II — A Amazônia começa, nas páginas da História, como campo de conflito entre os povos europeus que na emprêsa dos descobrimentos geográficos e formação de impérios coloniais, tentaram possuí-la para explorá-la na fartura de suas espécies florestais. Assim, espanhóis, inglêses, holandeses, franceses e por fim portuguêses, terçando armas, disputaram-na numa teimosa demonstração de cobiça ilimitada. Os espanhóis, é certo, tiveram as honras da revelação.

Nenhuma outra região das Américas foi, como a Amazônia, revelada de uma só vez, numa façanha que a propôs na maior extensão da bacia hidrográfica que o distingue. Francisco de Orelana, vindo do Pacífico, entre 1539 e 1541, e Pedro de Ursua e Lopo de Aguirre, em 1559 e 1561, desceram, o rio atingindo o Atlântico, num contato demorado, audacioso e de certo modo penetrante com a região, a cujos aspectos mais visíveis puderam atentar para identificação imediatista que lhes permitiu, e ao cronista da primeira viagem, padre Gaspar do Carvajal, relato vivo, capaz de provocar, como provocou, o interêsse europeu. Todas as outras regiões do Novo Mundo foram sendo identificadas trecho a trecho. Apenas na Amazônia, essa identificação se fez, no sentido este-oeste, numa extensão tão ampla que autorizou uma visão global, raiz, certamente, de quanta afirmação sensacionalista foi sendo escrita, distante da realidade que só mais tarde foi apurada.

Os espanhóis não se detiveram, porém, na emprêsa de ocupação da Amazônia. Os Andes, o desestímulo decorrente da não identificação de riquezas do tipo daquelas que se encontravam no México e no Peru constituíam razões de pêso a explicar essa ausência.

POVOS EUROPEUS NA AMAZÔNIA ANTES DOS PORTUGUÊSES.

Os franceses, a esse tempo, frequentavam as imediações do delta. Fácil lhes foi, por isso, penetrá-lo, aprofundando o conhecimento. Subindo o Tocantins, asseguram-se um conhecimento mais extenso, que lhes haveria de assegurar, em futuro próximo, a ampliação daquela base física, que estariam criando com a posse do Maranhão.

Os acontecimentos de São Luís não permitiram a execução de programa imperial.

Os inglêses e holandeses, organizados em pequenas companhias de comércio, com sede em Londres e em Fleissingué, tiveram mais êxito alcançando a costa do Macapá e, viajando pela zona dos estreitos até cercanias do Tapajós, mantiveram feitorias e posições fortificadas. Em comércio ativo com os grupos Tupinambá, assumiram o controle da região. Plantaram tabaco e cana. Fabricaram açúcar. Exportaram peixes salgados, urucu e outras espécies vegetais, já em consumo na Europa.

OS PORTUGUÊSES NA AMAZÔNIA.

Em 1616, todavia, chegaram os portuguêses, que encerraram a façanha da conquista do litoral Norte e da chamada costa Leste-Oeste. Inglêses e holandeses, dispostos a ficar, reagiram. Até 1647, os choques militares entre os que disputavam a Amazônia ocorreram com maior ou menor impetuosidade. Venceram os luso-brasileiros. Dos estabelecimentos armados restou apenas o reduto de Guarupá, que foi fortificado e durante algum tempo serviu de cabeça-de-ponte para a expansão pelas águas acima do Amazonas. O núcleo militar do Presépio, como mais tarde o de São José do Rio Negro, aquele origem da cidade de Belém e este de Manaus, assegurando o domínio de Portugal na bôca da bacia e no alto-sertão, permitiram a penetração continuada, incessante e veloz, que sertanistas, missionários e tropas de guerra realizaram. Alcançou-se o Oiapoque; ligou-se, pelo Tocantins, pelo Tapajós e pelo Madeira, a Amazônia ao Brasil Central. Alcançou-se o alto Rio Negro, passando-se ao Orenoco pelo Cassiquiari, descobrimento dos mestiços que operavam o deslocamento da fronteira e a coleta de especiaria regional. Subindo a Amazonas, então denominado de "estrada real", Pedro Teixeira alcançou Quito, no Equador, e na região fixou a fronteira entre o Napo e o Aguarico.

Em menos de oitenta anos, a Amazônia portuguêsa possuía a imensa bacia física que só em fins do século XIX seria alterada com o Acre.

A AVENTURA ECONÔMICA E A CONQUISTA ESPIRITUAL NA OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA PORTUGUÊSA.

Toda essa façanha processara-se como um empreendimento do Estado, como conquista espiritual e aventura econômica. Esta, em fase da multiplicidade de espécimens florestais com que Portugal imaginou compensar-se da crise que estava sofrendo com a perda das possessões no Oriente. As "drogas do sertão", denominação que receberam aqueles espécimens florestais, pareceram um sucedâneo à especiaria asiática, de cujo monopólio a velha potência peninsular não dispunha mais. A procuras das "drogas", identificadas pelo indígena local, que guiou as embarcações, trabalhou nos serviços domésticos e no do governo, pertenceu às forças armadas, embarcadas ou de terra, provocou uma corrida ao interior.

A conquista espiritual, a cargo de seis Ordens Religiosas, a Companhia de Jesus, os Carmelitas, os Franciscanos de Santo Antonio, os Mercedários, os Frades da Piedade, os Capuchos da Conceição da Beira e Minho, permitiu a participação da multidão primitiva, coordenada nos aldeamentos e em novos sistemas de vida sob orientação dos missionários.

O propósito oficial de domínio expressou-se na organização de um poder público rico em instituições, inclusive aquelas militares — uma vasta rêde de fortificações e uma flotilha que policiou os rios interiores, a costa, e serviu à façanha de conquista, necessária e útil, da Guiana Francesa, em 1808. Mais — na série de providências decretadas de Lisboa, visando à manutenção do mundo amazônico sob soberania portuguêsa, seja pela ação militar, seja pela ocupação permanente através de núcleos urbanos, sítios de lavoura, fazendas de criar, imigração disciplinada, construção de uma cidade como Belém, onde se levantaram edifícios públicos e templos de alto porte arquitetônico que permitiram, inclusive, a notícia de que a Côrte pretendia transladar-se para a cidade-capital, em momento de conflito com a Espanha.

A AUTONOMIA POLÍTICA DO ESTADO DO MARANHÃO E GRÃO-PARÁ.

III — As dificuldades de comunicação com o governo sediado na Bahia, as condições especialíssimas que a desligaram do quadro fisiográfico das demais partes do Brasil nascente, a conveniência de criar uma área de fixação no projeto de ampliação da base territorial brasileira, levaram à providência de conceder à região uma autonomia política, que só no período joanino foi encerrada. Criou-se, então, no ano de 1621, o Estado do Maranhão e Grão-Pará, com capital não em Belém, mas em São Luís. Esse Estado viveria pela política que se decretaria de Lisboa, sem subordinação de qualquer espécie ao Estado do Brasil. O governo próprio que possuiu teve caráter civil e caráter militar, essenciais à emprêsa de sua consolidação, e mesmo no particular de vida espiritual possuía autonomia — Bispado do Maranhão, Bispado do Pará, Ordens Religiosas, inclusive a Companhia de Jesus, que caminhavam e realizavam-se independentemente, isto

é, também sem subordinação às autoridades eclesiásticas do Estado do Brasil —; governo civil e militar porque a região possuia uma fronteira ampla, a maior da colônia sul-americana, fronteira que ia sendo elaborada em menosprezo aos títulos que a Espanha sustentava, sôbre espaço que, realmente, se vigente o Tratado de Tordesilhas, estaria sujeito à soberania daquela potência. Não seria possível, é claro, efetuar qualquer operação governamental sem ter presente aquelas condições. E dela resultava não só a conveniência de manter a maior atenção em tôrno aos perigos que poderiam surgir, e eles surgiram, realmente, mais de uma vez, como a necessidade de adotar essa política de segurança, que não era apenas militar porque deveria repousar na preparação de condições existenciais permanentes, seguras e ativas.

As autoridades metropolitanas, conscientes do quadro a que era preciso atender, não lhe fugiram à proposição nem ignoraram as soluções pragmáticas. Foram, nesse particular, profundamente objetivas. Não se lhes pode acusar de terem pôsto em execução programas em conflitos com a realidade ambiente. Cedo, apercebendo-se que o nôvo meio político exigia medidas especiais, praticaram-nas com coragem, com decisão e ímpeto. Toda uma série de atos foram sendo baixados de Lisboa, depois do exame refletido do Conselho Ultramarino e do pronunciamento dos governadores regionais, que falavam a linguagem da experiência, alcançada dia a dia no trato da coisa pública e da terra diferente.

O CONSULADO POMBALINO E A OCUPAÇÃO DEFINITIVA DO NORTE BRASILEIRO.

Esse corpo de leis, compondo uma política de Estado, que não sofreu alterações ponderáveis, importou numa primeira tentativa de empossamento da região através de ação coordenada e não como aventura desordenada. Sob o Consulado do Marquês de Pombal, um vasto planejamento foi ordenado. Consta das instruções baixadas a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que deveria promover os primeiros grandes esforços de valorização, que incluiu o povoamento com casais de ilhéus, como ocorreu no Rio Grande, e a fundação de núcleos urbanos, a intensificação da agricultura, a defesa da produção florestal e animal, a reorganização sistema de trabalho, a intensificação do comércio de exportação, a integração de uma nova sociedade com a participação da multidão indígena, chamada a participar da direção dos negócios locais, nas câmaras municipais. Esse planejamento incipiente, a que não faltou a consciência de que era fundamental a existência dos recursos financeiros indispensáveis, buscados ao capital privado e ao capital do Estado, que se associaram na Companhia de Comércio, não teria sido, é evidente, um planejamento nos moldes por que hoje o concebemos e é em grande parte fruto do progresso tecnológico e da necessidade de apressar soluções. Tal planejamento, se assim considerarmos aquele conjunto de providências englobadas num texto único e posteriormente enriquecido pela decretação de medidas complementares, pode ser disposto no quadro dos planejamentos incipientes do tipo daquele que Colbert estruturava visando à França européia e à França ultramarina. E já em fins do século XVIII, um governante da maior estatura, D. Francisco Inocêncio de Souza Coutinho, irmão do futuro Conde de Linhares, ampliava os planos, numa atuação ainda mais realista, entre elas a de proceder à ligação permanente da Amazônia com o Centro-Oeste e o Sul, libertando-a do imperativo das comunicações pela via marítima. O Tocantins, como caminho ideal, foi estudado e, ao longo de seu curso, iniciada a ocupação que garantisse aquela comunicação constante, sem interrupções. Visava, portanto, numa antecipação de concepção, à integração do Brasil na unidade de veículos econômicos que levariam aos vínculos políticos.

A Amazônia estava na compreensão dos homens de Estado do velho Portugal, exigia cautelas, tratamento especial.

A INCORPORAÇÃO DA AMAZÔNIA AO IMPÉRIO DO BRASIL

IV — Essa integração ia ser uma realização obtida mais solidamente com a Independência. Os anos que se seguiram ao expirar da dominação portuguêsa na Amazônia foram anos de agitação, de insegurança, de guerra civil. Como a própria conquista da Independência, que não se processou como em muitas outras partes do Império nascente. Na Amazônia, os que desejavam a nova soberania tiveram que agir pelas armas. A princípio nas jornadas liberais de imprensa, na conspiração doméstica, que aos poucos foi tomando toda a região, deixando de limitar-se a Belém, para depois passar aos conciliábulos de quartel, com os pronunciamentos de rua. Os líderes da Independência, em ligação com os centros da metrópole brasileira, executaram um trabalho intenso, que resultou na obtenção da liberdade.

A incorporação da Amazônia ao Império, se no momento final ocorreu placidamente, dando a impressão de arranjo, de entendimento amável, de adesão mesquinha, pois que se tez sem mais um tiro, em hora decisiva, à simples presença, em águas do Guamá, de um barco de guerra, o brigue "Maranhão", expedido pelo Almirante Cochrane, na realidade fôra possível daquela maneira quase suave, porque já se formara ali uma consciência à volta de sua necessidade e conveniência. Toda e qualquer reação seria infrutífera. Os pronunciamentos armados de 14 de abril e de 28 de maio de 1822 eram eloquentes como afirmação nacionalista crescente.

As horas posteriores iam mostrar, porém, até que ponto a demora da incorporação e o modo sereno por que ela se fizera fôra um erro. E' que os elementos ligados aos interesses de Portugal não abandonaram as posições. E para desalojá-los, os partidários da Independência lançaram-se a atos de violências que culminaram com a retirada de várias centenas de comerciantes e proprietários, funcionários e militares portuguêses que não quiseram ou não puderam aceitar a nova ordem de coisas. Correu sangue. Municípios do interior levantaram-se, exigindo a entrega do poder unicamente a filhos da Amazônia. Por todo o vale lavrou a insurreição. O governo estabelecido em Belém, não dispôs de forças para conter os ânimos. As expedições armadas que expediu para esmagar os grupos que se pronunciavam, contra ele e contra o espiríto de pacificação que representava, foram batidas. Com a chegada do primeiro presidente, nomeado pelo Imperador, aquietou o ambiente. E as armas foram depostas. O Primeiro Presidente, conquanto filho de pais portuguêses, ele próprio de certo modo inclinado a uma aproximação com as forças econômiacs que os portuguêses ainda representavam tão expressivamente, era, natural da região. Paraense. Bastava, nesse momento, para satisfazer os anseios da multidão agitadiça.

Era realmente a pacificação de espíritos? As duas facções em luta, disputando o poder, cederiam nos seus apetites? Cessaria de existir o grupo que sonhava com uma restauração portuguêsa? Durante todo o primeiro reinado, as lutas se registraram mais ou menos violentas. Não houve possibilidade de paz. Ninguém cedia. A incompreensão era grande, sem limites.

O período regencial não foi menos difícil e improdutivo. Época heróica brasileira, talvez necessária para estruturar em bases mais sólidas os sentimentos de nacionalidade e de unidade pátria, custou um sem-número de vidas e valeu tremenda experiência política.

CABANAGEM, A MAIS EXTENSA VIBRAÇÃO CÍVICA EM TERRAS BRASILEIRAS.

Na Amazônia escreveu-se, então, a sua página de mais extensa vibração cívica. As multidões em armas, pleiteando uma nova condição de existência, multidões saídas das áreas mais pobres da sociedade, e por isso mesmo tendo por bandeira a reivindicação sócio-econômica, que foi a motivação fundamental de sua explosão, lutaram com uma coragem e uma violência difíceis de explicar numa sociedade até então serena, tranquila. Durante cinco anos, de 1835 a 1840, quando para estabelecer a ordem e acalmar os espíritos, vencendo-lhe o desespero, o governo cedeu pela anistia que concedeu, por toda a Amazônia os grupos se chocaram. Era a Cabanagem. Os caudilhos da Independência foram substituidos por líderes populares, como os irmãos Vinagre e Angelin, um seringueiro que vinha ocupar os postos de Clemente Malcher e Batista Campos. E sem um momento de concessão, legais e rebeldes lutaram, praticando morticínios, pilhagens. Belém padeceu um começo de incêndio ateado, no dia em que as forças da revolução, tendo de abandoná-la, ante o poderia oficial, bateram em retirada para as guerrilhas em que se firmaram numa tentativa extrema de tornar vencedora a causa que defendiam.

30.000 mortos e toda a lavoura e o criatório do Marajó e do Baixo Amazonas destruídos ou praticamente destruídos, foram os resultados da guerra civil. Afinal, era a paz? Governantes e governados, cansados da luta, dar-se-iam as mãos? A pacificação, trazida por meio da anistia, foi aceita. E a região pôde entrar num novo ciclo de trabalho.

PRIMEIRAS TENTATIVAS DE INTERNACIONALIZAR A AMAZÔNIA.

V — Até então, a Amazônia permanecera fechada aos olhos atrevidos, perscrutadores, ambiciosos, do estrangeiro. Portugal defendia o patrimônio territorial que criara, por todos os meios e modos. E nenhum lhe pareceu melhor que aquele da porta trancada. Trancada antes que o aventureiro ou o concorrente chegasse. Com a situação nova criada com a entrada do Brasil no concêrto universal, seria possível manter a mesma orientação?

No particular da navegação do Amazonas, foi esse o objetivo do governo imperial. Uma ofensiva perigosa,

todavia, foi desencadeada contra ela, pelos Estados Uuidos e, em menor escala, pela Inglaterra. Sustentava-se, contra a argumentação brasileira, que os interesses da humanidade estavam acima dos títulos de soberania que invocamos. Um oficial da marinha norte-americana, o tenente Maury, mobilizou a opinião pública de seu país. O "destino manifesto" do povo norte-americano levava-o não apenas à ampliação de sua base física, no deslocamento da fronteira em direção oeste, mas à criação de áreas que servissem, no exterior, aos seus interesses, proporcionando-lhes aqueles elementos econômicos que lhe faltavam para sua ascensão e para a sua preponderância. Ademais, a humanidade precisava ser satisfeita nos seus anseios de bem-estar, que os povos capazes deviam assegurar-lhe. Ora, a Amazônia, visitada por oficiais das marinhas norte-americana e inglesa, surgia como o paraíso dos produtos tropicais, como mercado em potencial, como área por ocupar e dinamizar.

O Brasil manteve-se firme no seu propósito de não franquear o rio à navegação internacional. Travou uma batalha enérgica. O governo norte-americano, à pressão da opinião pública nacional, tentou forçar o Brasil a mudar de posição. Também a Inglaterra. Em vão. A navegação foi realizada por frotas brasileiras, a primeira das quais organizada pelo capital de Irineu Evangelista de Sousa. E só quando, cessada a campanha no exterior, foi sentida, ante a pressão interior, a conveniência de abandanor o propósito, é que decretou a abertura do rio à navegação das bandeiras amigas, criando uma nova era à região.

Já, então, havia demonstrações francas de apetite sôbre a Amazônia. A França disputava o Amapá. A Grã-Bretanha penetrara no Pirara. Cônsules estrangeiros propagandeavam a conveniência das populações amazônicas, desobrigarem-se de obediencia ao Imperador para se transformarem em membros da nova pátria. Durante a Cabanagem, sugerira-se ao governante rebelde a secessão, sob a garantia inglesa. Expedições científicas visitavam a "hinterlândia" não apenas a serviço da ciência, mas dos interesses materiais de seus países. Jornalistas, viajantes indiscretos também a frequentavam, todos anunciando ou insistindo na tese de que ao Império faltavam condições para transformar a Amazônia num trecho útil à humanidade. Um governante imperial confessava que a Amazônia exigia, para sua valorização, um homem de gênio.

A BORRACHA E A VITALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA.

VI — O descobrimento do emprego da borracha apressou o processo de aproveitamento do extremo-norte. A princípio foram caboclos paraenses e amazonenses, depois maranhenses, que exploraram os seringais. As levas de nordestinos, no entanto, é que asseguraram pressurosidade ao empreendimento. A fronteira econômica foi levada aos altos rios, onde se descobria a hévea. Cêrca de 100.000 nordestinos fizeram a Amazônia, nessa fase. Em consequencia, as bacias do Xingu, do Tapajós, do Purus-Acre e do Juruá foram subidas e, às margens desses cursos fluviais, abertos os seringais nativos. O Acre constituiu uma resultante desse arrojo pioneiro e dessa ofensiva contra a floresta. Reconhecera-no-lo a Bolívia, pelo Tratado de 1867. Mas aquela nação não se apressara em descobri-lo e ocupá-lo. Foram, assim, os seringueiros nordestinos que dele se empossaram, estabelecendo uma nova fronteira, que quase nos leva ao estado de guerra.

O Monopólio da produção gomífera assegura ao Brasil amazônico a sua vitalização. Emprêsa admirável, em que só brasileiros tiveram a participação que revelava a bravura individual. A essa altura, com os recursos que o Norte, com a borracha, e o Sul, com o café, proporcionavam, a República começava um outro ciclo existencial. A dinamização do processo nacional fundava-se no binômio café-borracha.

NOVAS FACETAS DA COBIÇA INTERNACIONAL PELA AMAZÔNIA.

VII — A produção dos sintéticos não é suficiente nem parece o sucedâneo para a matéria-prima vegetal, animal e material. A fome em tôrno a ela, por isso mesmo, continua a mesma. As estatísticas das Nações Unidas são eloquentes para confirmação do que afirmamos. Assim, sendo, as regiões sôbre as quais recai o interesse, porque não dizer bem, o apetite insofrido das nações que se afirmam pelo potencial econômico, ou melhor, pela potencialidade industrial.

A África, o Oriente e a América do Sul constituem as áreas preferenciais da produção tropical de matéria-prima. O Oriente, no entanto, reage à condição colonial sob que vivia. Na África, grande concorrente do Brasil, as manifestações nacionalistas estão perturbando os planos europeus de uma Euráfrica, que subtituiria a Eurásia perdida. Embora os capitais investidos agigantando-se, Inglêses, Belgas e Franceses planejaram, como operações estatais ou de iniciativa privada, a utilização econômica do continente negro, na tentativa de controlá-lo. Negam-lhe a possibilidade de industrializar-se ou de realizar uma econômia de base agrária. A depredação e a degradação da terra africana, começadas pelos grupos nativos, inconscientes do que faziam contra seus próprios interesses futuros, prosseguidas desnecessariamente pelo europeu consquistador, serve de alimento às teses negativistas da incapacidade do mundo tropical para a elaboração das grandes civilizações. Negam e depredam para que na África só se efetui a produção de matérias-primas, evitando-se a concorrência e a libertação dos povos de côr. A revolta que marca hora na África é, todavia, uma resposta a meditar. Restará a América do Sul, cujas reservas são muito melhor sabidas pela ciência européia que propriamente pela ciência sul-americana, a brasileira, inclusive. E na América do Sul, preferentemente a Amazônia, onde os produtos tropicais representam, representados nas madeiras, nos minerais, nos oleaginosos, nas castanhas, nas resinas, nas fibras, nas plantas medicinais, taníferas, aromáticas e alimentares, são abundantes, é sem exploração orientada, ou técnica e financeiramente empreendida.

A exploração das matérias-primas na Amazônia tem sido constante de sua existência em termos econômicos. Essa exploração conduzida, porém, sem as proporções de grandiosidade decorrente da atividade de exércitos de trabalhadores, como ocorria na Ásia e ainda ocorre na África. Isso porque a Amazônia é um espaço praticamente desabitado. Soma a sua população 3.500.000 habitantes, para 5.500.000 km2 em números redondos, isto é, 2/3 do Brasil. Área, portanto, inteiramente desguarnecida, aberta, escancarada à inteligência e a capacidade de contingentes populacionais que a transformem, explorando-a e vitalizando-a.

E' preciso considerar, em face da gravidade do quadro que estamos apontando, que há, no momento, pressões

Concessionário - Ferreira da Silva & Cia. Ltda.

O refrigerador FRIGIDAIRE tem um frio para conservar cada coisa no natural. Alto estilo e linhas dinâmicas. Economia aliada à qualidade Frigidaire.

Todo refrigerador Frigidaire, possui um frio para verduras e legumes, outro frio diferente para peixes e carnes, outro para manteiga e outro para frutas.

Praça 15 de novembro, 157 - Fone: 2-3600

Manaus Amazonas

demográficas e pressões de fome que exigem a nossa atenção. O pêso dessas pressões é incalculavelmente severo. O desenvolvimento demográfico do mundo vem assumindo proporções gigantescas. Em 1650, havia, no ecúmeno, 450 milhões de indivíduos; em 1850, 1.100 milhões; em 1900, 1.595; em 1940, 2.150 milhões. Segundo Landrey, a contribuição da Europa para esse último algarismo é de 530 milhões; a da América, de 271 milhões; a da África, de 153 milhões; a da Oceania, de 10 milhões. A Ásia traz, todavia, o grande algarismo — 1.185 milhões. Em 1956, segundo as estatísticas da O.N.U., esse último algarismo subia para 1.480 milhões. Para a alimentação desses grupos asiáticos, que se concentram principalmente na China e na Índia, não tem havido o crescimento da produção no mesmo rítimo do crescimento da população. Em conseqüência, segundo os dados coletados pelo professor Marin Brugarela, jesuíta espanhol, no seu livro sôbre "El drama de la poblacion", estão morrendo de fome no mundo, na atualidade, 30 a 40 milhões de pessoas. Os subalimentados, na Sul-América, subiam a cerca de 2/3 de sua população, mas na Ásia elevam-se a 20 % da população. O drama da fome é, assim. o drama de nossos dias. Como resolvê-lo? Quantos o vêm estudando, para as soluções a longo e a curto prazo, são unânimes na indicação de um só caminho — produção de mais gêneros alimentícios, uma vez que nas regiões mais afetadas os processos de contenção da natalidade não surtem efeito, principalmente por motivos religiosos. Mas onde produzir e onde colocar os excedentes daquelas populações que sentem o martírio da fome e não dispõem, em suas pátrias de origem, de um pedaço de terra onde construir os seus destinos, o seu futuro? A Austrália e a América do Sul são as duas regiões apontadas para o recebimento desses excedentes e para a produção de alimentos. São, presentemente, os dois maiores espaços desabitados e de perspectivas mais amplas. Têm, os dois, soberanias a zelar pela sua existência. E aqui entra em cena a concepção que se desenvolve e já encontra eco no próprio Brasil de que, acima das fronteiras políticas nacionais, pairam os interesses da humanidade. Só isso? Não, numa literatura que circula e é recebida sob aplausos, sustenta-se que a Amazônia é área ideal para ser ocupada e transformada na fonte de produção de gêneros alimentícios, capazes de satisfazer a fome que atormenta a espécie humana. Entre os livros dessa literatura, queremos citar três: "A luta contra a fome", de Robert Brittan; "Terras despovoadas e povos famintos", de S. Chandrasekhar; e "A grande fronteira", de Walter Prescot. O primeiro autor, é um técnico em problemas de alimentação; o segundo, um dos mais eminentes nomes da ciência social, encarregado, entre 1948 e 1949 de dirigir o inquérito demográfico promovido pela UNESCO; o terceiro, famoso historiador norte-american que sugere, como último capítulo da histtória da formação da fronteira de sua pátria, o que poderia criar na Amazônia pela inversão de capitais e a execução de um programa de conquista social, sanitária e técnica da imensa região tropical.

No ano de 1953, o governo federal dava início a um dos empreendimentos mais sérios, que poderia ser uma prova real da maturidade alcançada pelo Brasil — a valorização da Amazônia.

Fui o primeiro Superintendente, nomeado para montar o órgão criado para realizá-la.

Na base da experiência que alcancei, posso afirmar — não alcançamos a maturidade desejada. A política partidária, interferindo sem cesar, prejudica o andamento dos trabalhos. Governo Federal e os Estados não pagam as contribuições a que estão obrigados por dispositivo constitucional.

O primeiro plano qüinqüenal, elaborado por uma comissão técnica, até a presente data não mereceu as honras de um segundo de atenção do Parlamento, que deve conhecê-lo e aprová-lo para sua execução.

O Brasil, ante os perigos a que está exposta a Amazônia, e aqui só muito sumariamente indicados, precisa formar uma consciência acerca dos problemas daqueles 2/3 do seu território.

(do Livro A AMAZÔNIA E A INTEGRIDADE DO BRASIL,
Edições Governo do Estado do Amazonas
Série ALBERTO TORRES — IV
Editôra Sérgio Cardoso, 1966,
Manaus — Amazonas)

DIFUSORA DIA e NOITE

CONFEITARIA AVENIDA

Grande sortimento de Doces finos, Bolos e Biscoitos, Caramelos, Bombons e Chocolate

Frutas em Conservas e Cristalizadas

Av. Eduardo Ribeiro, 575 - Fone, 2-4129
Manaus - Amazonas

Grandes nomes da Literatura da Língua Portuguêsa

BENJAMIN LIMA

Escreve MENDONÇA DE SOUZA
da Academia Amazonense de Letras

UM NOME, ainda em nossos dias, lembrado, realmente, o de BENJAMIN LIMA. Ficou na estima dos vivos, em nossa admiração pelo muito que nos ofereceu em trabalhos memoráveis. Não se isolou na morte. Seus alunos, fiéis amigos e admiradores, não no deixam de evocar na figura excelsa de pensador e de esteta.

Viveu na alegria duma perene devoção aos confrades e discípulos. Dele, jamais se esqueceu a excelente dramaturga MARIA JACINTHA. Em livro divulgado pela Editora VOZES, em 1968, intitulado — JÁ É MANHÃ NO MAR, dava-se, assim, neste agradecimento, ao fulgurante autor de QUEM RI, AFINAL ?

— **A Benjamin Lima,**
que me deu o Teatro — e a coragem do Teatro.

Diante disso, realmente, animamo-nos em dizer-lhes que o drama em tres atos e seis quadros — JÁ É MANHÃ NO MAR, da notável MARIA JACINTHA, foi, pelo Acadêmico JOSUÉ MONTELO, considerado uma obra-prima do teatro brasileiro.

Admiramos as pessoas gratas. Belíssimo esse agradecimento da escritora MARIA JACINTHA. Ela, autora de obras como **O GOSTO DA VIDA,** prêmio de Teatro, da Academia Brasileira de Letras, e de traduções aplaudidas como "Anfitrião 38", de Giraudoux, consagrada internacionalmente, não esqueceu de oferecer ao pranteado mestre BENJAMIN LIMA as flores mais lindas de sua criação.

Deu-lhas, na íntima fidelidade de culto à memória do mestre querido, numa espécie de registro inviolável em face de uma probidade artística e mental, e de tudo quanto completa a significação da própria vida.

Na verdade, BENJAMIN LIMA jamais foi esquecido pelos que o conheceram e privaram da agradabilíssima estima. Podemos isso comprovar, sem muita demora, no suntuoso ensaio de PÉRICLES MORAIS — **Um inovador da crítica literária : BENJAMIN LIMA.**

Em mil novecentos e trinta e cinco : na Revista da Academia Amazonense de Letras, número especial de fevereiro assim no-lo dava PÉRICLES MORAIS, perfeitamente exato, neste magnífico retrato.

— "A crítica do sr. Benjamin Lima é muito diferente. Não se parece com nenhuma outra crítica. Tendo como poucos a faculdade de saber penetrar a obra na complexidade de seus problemas mais indistintos e menos perceptíveis, não se escraviza de modo algum a pontos de vista preconcebidos. Esforça-se por interpretá-la dentro do espírito que a criou, de conformidade com as idéias da época e as causas exteriores das quais dependeram a sua concepção íntima, e coloca-se como julgador acima das próprias paixões, numa atmosfera de consciência e responsabilidade, absolutamente liberta dessa ortodoxia estreita que proscreve a obra e tenta suprimir o valor, a ação pessoal do escritor, todas as vezes que os seus conceitos não se amoldem ou não se adaptam ao código restrito dos sentimentos e pendores do crítico. O sr. Benjamin Lima faz crítica por amor da beleza e da inteligencia, sem ficar adstrito a preconceitos de escolas. Crítica que se conserva alheia às virtudes negativas do escritor para contemplar-lhe apenas os horizontes elevados, as idéias nobres e corajosas. Crítica clarividente, que sabe definir e julgar na medida justa, sem intolerâncias e sem desconforme louvores, mas que não confunde a estética do artista com a técnica do artífice, e que considera a obra literária como se fosse, antes de tudo, uma verdadeira obra-de-arte". (p. 25 e s.).

Como vemos nesse parágrafo, imparcial, movimentado e seguro, BENJAMIN LIMA tinha consigo o culto carinhoso pelas inteligências construtivas, radiosas. No crítico, geralmente, encontramos o esteta atilado, de saber múltiplo. Observamos o pesquisador bastante proveitoso ao nosso querido idioma. Notamos o sábio, o humanista e o pensador. A astúcia do verdadeiro artista na plasticidade e emanações dum espírito superior.

Não é fácil, como alguns descuidados pensam, criticar numa integridade imaculada. Sem misturar afabilidade, cuidado, valor na transformação das palavras no tempo e no espaço. Um crítico de forte probidade intelectual, quase sempre, ainda que balizado numa inteligência construtora moderna, não pode dispensar-se dos modismos tradicionais. Não deve esquecer-se de um passaporte para o reino de Seide nem desconhecer os caminhos do verbo de Vieira.

Jornalista, escritor e teatrólogo, BENJAMIN LIMA foi um homem de consciência tranquüila. Lemos-lhe os trabalhos. Sobretudo, os da fase jornalística. Na página ao lado, oferecemos-lhes um ensaio primoroso de sua lavra, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, de 8 de agosto de 1929, intitulado :

UMA ORDEM DOS JORNALISTAS.

Neste magnífico trabalho, notamos-lhe a forma de escrever, sem preocupação de ser simpático a quem quer que seja. Estimava ver-se em largas estradas. Quase poderíamos dizer-lhes que nasceu escritor.

Estreiou com ligeiro artigo literário, ainda estudante. Já aí suas manhãs surgiam claras, belas, magistralizadas de sol. Manhãs amazônicas focalizadas no adorno das águas saltitantes, dos lagos piscosos, aformoseados das garças poéticas, multicoloridas.

Valemo-nos de RAUL DE AZEVEDO, nosso bom amigo quase ao final da vida, e que, consoante palavras suas, foi o venturoso apresentador de BENJAMIN LIMA, aos leitores dos jornais manauaras.

Em nosso majestoso Teatro Amazonas há uma placa na qual podemos ler : nesta Casa foi encenada as mais belas peças teatrais de BENJAMIN LIMA — **O Homem que ri** e **O Homem que marcha.**

Nascido em Óbidos, cidade — présepio do Pará, e que às nossas boas letras deu escritores da estirpe de José Veríssimo e Inglês de Souza, a Manaus chegou ainda menino.

Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, antes e na fase heróica da doença, jamais deixou de pontificar, em espírito e graça, nos seus escritos. A obra jornalística em artigos, crônicas, ensaios, sueltos é imensa.

Em Manaus, foi redator de **"A Imprensa".** Como seu mestre Oscar Wilde, distinguiu-se no comentário espirituoso, paradoxal. No **Diário da Bahia,** brilhou ao lado de Almachio Diniz.

Revelou-se num trabalho de intenso jornalismo. No Rio, em **O País, Diário Carioca, Diário de Notícias, Diário da Noite, Jornal do Brasil,** (como redator), **Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, O Dia, A Rua, Jornal do Povo.** Em São Paulo, no **Correio Paulistano e Gazeta.** Em Santos, em **O Diário.** Em Belém do Pará, na **Folha do Norte** e **Imparcial.**

Como podemos ver em Raul de Azevedo, foi BENJAMIN FRANKLIN DE ARAÚJO LIMA professor de História, e exerceu diversos cargos públicos. Promotor de Justiça, Juiz Municipal e Juiz de Direito da Comarca.

Diretor da Biblioteca Pública, Diretor da Penitenciária, Procurador Fiscal, Secretário da Prefeitura, Escrivão Federal, Delegado Geral do Recenseamento de 1920, Oficial da Diretoria Geral de Estatística, cargos estes exercidos em Manaus, Amazonas.

A seguir, "no Rio de Janeiro", foi membro da Comissão do Teatro Nacional do Ministério da Educação, quando de sua fundação. Diretor do Curso de Teatro, cargo em que se assinalou e foi aposentado".

Suas peças se firmavam em aplausos e elogios : **O Carrasco,** em 1922; **O homem que marcha,** em 1925; Boa Noite, em 1931; **Quem ri, afinal ?** 1932; **Babilônia,** 1933; **O amor e a noite,** 1933; **Venenos,** 1938".

Inédito, deixou-nos, num enredo à Piradello, a comédia **Dom Juan, ou 6 autores perseguindo um personagem".**

Na Academia Amazonense de Letras, na qualidade de sócio-fundador, ocupava a Cadeira n.º 9, cujo Patrono é Machado de Assis.

Ao tempo do centenário do fabuloso criador de Capitu, BENJAMIN LIMA numa insigne conferência pronunciada na Federação das Academias de Letras do Brasil, intitulada sugestivamente de **O heroismo da ironia em Machado de Assis,** em períodos memoráveis como estes, afirmara :

— "Revigora-se a minha desconfiança de ser Machado de Assis, um desses poucos autores, autenticamente geniais, positivamente aberrantes dos tipos e proporções comuns, que só aceitam uma qualidade de glorificação a da leitura, e até proibem, como sacrilégio, qualquer empenho de interpretação e julgamento fora dos êxtases interiores".

— "Homem subterrâneo, vivendo no sub-solo da psicologia, como o seu irmão e êmulo da Rússia, para empregar a terminologia que este inventou,, o maior dos nossos escritores e somente para ser pressentido".

Machado de Assis, nessa estraordinária caracterização de BENJAMIN LIMA, está perfeito.. De fato, como igualmente nos dizia Augusto Meyer, era um escritor cheio de caminhos, alguns profundamente fechados, quase impenetráveis.

BENJAMIN LIMA disso nos fala. Das imagens surpreendentes e inimitáveis, do fulgor e substância romanesca e contística de Machado de Assis. Confirmemo-nos desse enigmatismo mestrial, de fundos desvios propositais, nestes trechos eminentemente machadianos :

— "Uma noite, voltando para casa, trazia tanto sono, que não dei corda ao relógio. Pode ser também que a vista de uma senhora que encontrei em casa do comendador T. contribuísse para aquele esquecimento; mas estas duas razões destroem-se. Cogitação tira o sono e o sono impede a cogitação; só uma das causas devia ser verdadeira. Ponhamos que nenhuma, e fiquemos no principal, que é o relógio parado, de manhã, quando me levantei, ouvindo dez horas no relógio da casa". (Rel., pág. 31).

— "Daí a pouco, Santos pegou na mão da mulher, que a deixou ir à toa, sem apertar a dele; ambos fitavam os meninos, tendo esquecido a zanga para só ficarem pais.

— Já não era espiritismo, nem outra religião nova; era a mais velha de todas, fundada por Adão e Eva, à qual se chama, se queres, paternalismo. Rezavam sem palavras, persignavam-se sem dedos, uma espécie de cerimônia quieta e muda, que abrangia o passado e o futuro. Qual deles era o padre, qual o sacristão, não sei, nem é preciso. A missa é que era a mesma, e o evangelho começava como o de São João (emendado). "No princípio era o amor, e o amor se fez carne". (Paternalismo, Esau e Jacó, pág. 67).

Em face de um escritor subterrâneo, de um mestre assim esquivo nos conceitos, BENJAMIN LIMA não se deixou ficar sem nos oferecer um julgamento curto e incisivo como este :

— "Os grandes, os maiores, os máximos escritores não são para ser analisados e criticados. Não são, sequer, para ser comentados. São, única e exclusivamente, para ser lidos".

"O pior é que Machado caçoa dos seus leitores principalmente em algumas ocasiões em que os parece estar tomando a sério".

Sem dúvida, BENJAMIN LIMA, pelo que nos deixou em qualidades de talento e de inteligência, tem uma presença eterna em nossa Literatura. Viveu dignificado em trabalhos que elevam a nobreza estilística de um escritor.

Para um homem nascido a 27.11.1885, o trabalho ao lado que, de propósito, oferecemos aos nossos leitores, revela-nos, de fato, um escritor firme, com imensa imaginação aos 44 anos de idade.

Um grande, sem dúvida, BENJAMIN LIMA na forma triunfal de amadurecer as idéias, de transformá-las, com inteligência, em produções majestosas.

Firmou-se, ficou em nossa estima pelas jóias de assinalado lavor literário que nos legou com personalidade enérgica. Nem a doença que o perseguiu durante longos anos pôde vencê-lo no espírito combativo, na veemência e constância do escritor irredutível ao fragor e ferocidade dos temporais.

Andrade, Santos & Cia. Ltda.

Ferragens em Geral - Material para Construção - Artigos para presentes - Tintas - Material Elétrico - Lustres - Louças de todas as espécies - Lavatórios - Conjuntos para Sala de Banho

Tradição e bom atendimento sempre e a qualquer momento !

Rua Marechal Deodoro, 32/40 Cx. Postal, 386 — Fones : 2-3160 e 2-3076

Manaus — Amazonas — Brasil

UMA ORDEM DOS JORNALISTAS

BENJAMIN LIMA

Foi altamente expressivo, além de muito reconfortador para quantos, por este vasto mundo, militem honestamente na imprensa, o movimento de idéias provocado na França pela recente iniciativa do Governo, relativamente à campanha contra os profissionais da difamação e da calunia.

Consoante logo se divulgou pelo universo inteiro, o Ministério Poincaré submeteu à consideração do parlamento em projeto de lei, que não só institui, para os chamados delitos de imprensa, formas processuais extremamente singelas e sumárias, como cria, com o caráter de vultadas indenizações para as vítimas, penas terríveis e, pois, seguramente intimidantes, para aquela repulsiva classe de criminosos habituais.

Claro está que a sociedade francesa, pelos seus intérpretes mais autorizados acolheu jubilosa, ou, mais precisamente, aliviada, essa esperança de uma reação cuja necessidade cada vez mais vivamente se fazia sentir. Mas o melhor do caso, aquilo que mais depõe a favor da reforma legislativa esboçada, é a simpatia decidida com que ela foi recebida pela maioria dos próprios jornalistas. Houve, mesmo, figuras proeminentes da literatura e da imprensa do mencionado país que proferiram, a propósito, palavras singularmente significativas, às quais me reservo para oferecer comentário em outra oportunidade.

Meu intento, agora, restringe-se a registrar e avalisar aquele dos pensamentos então agitados que, conquanto não envolva propriamente a matéria em debate, me parece haver mais direta e plenamente atingido a própria gênese dos distúrbios sociais e morais considerados.

Quero referir-me à lembrança que, pelas colunas de certo quotidiano parisiense lançou Gabriel Boissy — a de fundar uma Ordem dos Jornalistas, a exemplo e feição da Ordem dos Advogados, e, como esta, visando, acima de tudo, o policiamento e depuração da classe, que assim ficaria livre, ou, pelo menos, profilática e elegantemente isolada, "das fricotuirs sans talent, techmenté ou conscience".

Tudo ao encontro de objeções facilmente previsíveis, não se limitou o publicista ilustre a invocar aquilo que de tanta respeitabilidade e nobre fulguração vem cercando, através já de séculos, o "burreau" frances. Observando com justeza pendores inequívocos da mentalidade moderna, argumentou, ainda, com a iminente criação da Ordem dos Médicos, na conformidade do projeto a cujo estudo atualmente se entrega a Academia de Medicina e, de um modo geral, com a tendência que todas as profissões presentemente revelam, para a si mesmas se selecionarem, seleção essa que não será possível enquanto elas se não impuserem uma disciplina moral, e não adotarem uma doutrina de bases essencialmente éticas.

Não se trata, em rigor — e Boissy implicitamente o reconhece, de uma idéia por inteiro nova. Muitos congressos de jornalistas se têm reunido nestes últimos anos, e nenhum houve em cujo programa se não incluissem teses relacionadas com o problema, universalmente inadiável, do saneamento de uma das esferas da atividade humana que mais fortemente influem nas condições de vida coletiva, e aquele, inegavelmente, que ativa de modo mais decisivo na formação espiritual dos povos. Na conferência de Praga foi, mesmo vitoriosa uma indicação no sentido de se instituir um Tribunal de Honra dos Jornalistas.

Ninguém, todavia, tinha, em tal ordem de cogitações, acertado com a fórmula engenhosa que Gabriel Boissy teve agora ensejo de ofertar ao exame dos seus confrades, e à qual não é temerário profetizar-se rápida e integral vitória no seio de uma nacionalidade qual a francesa, admiravelmente suscetível de ordem e disciplina, muito embora seja totalmente diverssa a impressão que dela se tem à distância, e certas análises superficiais, certas deduções levianas autorizam.

Seguirão outros países essa nova e salutaríssima lição da França? E' possível. De um sei, porém, onde o instituto em apreço nunca se aclimaria, devido àquela mania de liberalismo, "à outrance", que já tive ocasião de apreciar por estas mesmas colunas, e da qual resulta, paradoxal e misteriosamente, hipertrofia de liberdade, verdadeira licença, para os piores elementos da sociedade, com virtual escravização dos bons. E logo, se compreende que do Brasil falo.

Se até hoje não assimilamos o ensinamento sábio dos franceses quanto à defesa moral do foro, como poderia nutrir-se a esperança de que apliquemos, algum dia, esse ensinamento a idênticas preservação do jornalismo? São numerosos, por toda a extensão do nosso país, os advogados que atraem para tão nobres mister, verdadeira magistratura em boa doutrina, prevenções, suspeitas, críticas enxovalhantes. Que continuassem bachareis em direito, compreende-se porquanto portadores são de diplomas que representam, simplesmente, uma presunção legal de capacidade técnica. Justo era, porém, e a todas as luzes necessárias, que, estigmatizados pela própria corporação de classe, perdessem o direito de acesso aos juízos e tribunais, a não ser para serem julgados pelos delitos porventura cometidos.

Lembro-me de que já se movimentam no Congresso Nacional, a idéia de se formar entre nós uma instituição no gênero daquela cuja grandeza moral e intelectual pode medir-se pela dos homens eleitos para presidir com o título de "batonnier", aliás bem expressivo, o respectivo conselho; homens como Labori, Raymond Poincaré, Henri Robert. Mas Lauro Muller, em nome do liberalismo brasileiro, contraditório, paroxístico, anarquizante, vibrou imediatamente, golpe mortal no projeto em elaboração, com o simples afirmar — oh! santa simplicidade, não dele, que o fazia por espírito de setarismo, e sim de quantos se deixaram assim pertubar — que uma Ordem de Advogados no Brasil nos faria retrogradar aos tempos da Idade Média, em que todos os ofícios constituam corporações dotadas de poderes amplos para fiscalizar e dirigir quantos os praticassem, eliminando os incapazes e os indignos.

E' um remanescente desses bárbaras usanças medievais que a França — pobre França! feliz França! — vê na sua Ordem dos Advogados, verá de certo, brevemente, na sua Ordem dos Jornalistas. Tem o Brasil outras responsabilidades, outras aspirações. Fazemos questão de manter um foro cuja entrada se não interdiz a indivíduos inconscientes de rubi no indicador e queremos perpetuar uma imprensa onde jornalistas de verdade se acotovelam com achacadores mais ou menos disfarçados e cívicos.

AMAZONAS - Confecções Ltda.

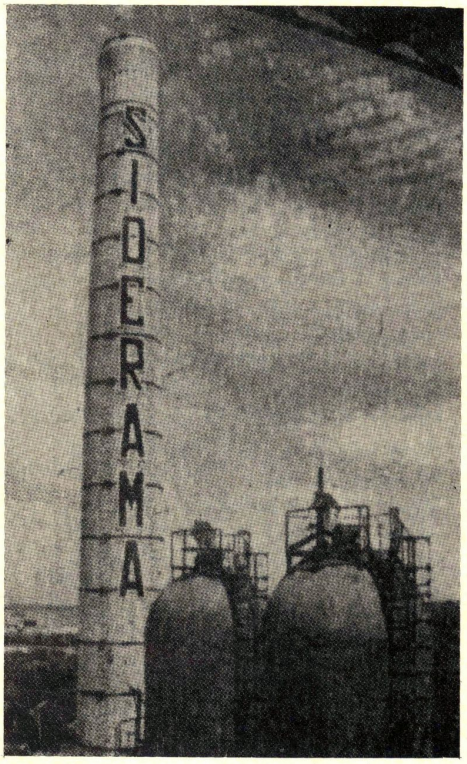
Roupas de Trabalho: Uniformes, Macacões, Batas, Bermudas, Jalecos, Estamparias - "Silk - Screen" etc.

Rua 10 de julho, 695 - Fone: 2-3189

Manaus - Amazonas

Notícias em Destaque

SIDERAMA ACENDE ALTO FORNO — Por ocasião das comemorações do 8.º aniversário da Revolução de março de 1964 a **Companhia Siderúrgica da Amazônia** acendeu o seu primeiro Alto-Forno, consolidando dessa maneira a fase industrial do Amazonas. A SIDERAMA foi fundada em 1961 por um grupo de pessoas e entidades amazonenses, liderados pelo sr. Socrates Bonfim. Passou diversas dificuldades até ver seu projeto aprovado pela então SPVEA, em 1965. A partir desta data a SIDERAMA passa a captação dos incentivos fiscais até que em 1966 começam os serviços de terraplanagem da área onde hoje ergue-se a Usina. Em setembro de 1969, a capacidade inicial de produção é aumentado de 25.000 mil toneladas de gusa por ano, para 60.0000 toneladas por ano e há perspectivas de chegar até 120.000 toneladas/ano. A Usina acha-se localizada à margem esquerda do Rio Negro, bem próximo do Terminal da BR-319, no trecho Manaus-Encontro das Águas. O Alto-Forno agora aceso tem capacidade para produzir 170 toneladas diariamente. A Usina é integrada pelo Alto-Forno, pela Aciaria e pela Laminação. A SIDERAMA irá utilizar minério de ferro cujas jazidas se localizam à margem esquerda do rio Jatapu e que fazem parte do seu patrimônio. Suas reservas de minério estão estimadas em ..... 25.000.000 toneladas e o teor é da ordem de 56% a 63%. Em suas reservas do rio Jatapú, a SIDERAMA mantém uma verdadeira cidade dotada de todos os recursos. O calcário virá de Monte Alegre, no Estado do Pará, que está a 500 milhas, pelo rio. O carvão vegetal será produzido na reserva da própria empresa, no Araras a 30 Km. de Manaus. E o manganês será fornecido pela Mineração Bonfim, no Rio Aripuanã. A SIDERAMA irá consumir gás do Alto-Forno e óleo combustivel, fornecido pela Refinaria de Manaus e a energia a ser consumida será distribuída pela Companhia de Eletricidade de Manaus. Todo o minério será transportado por embarcações de propriedade da Campanhia e o porto também será próprio. O mercado da SIDERAMA abrange toda a Amazônia Legal, Goiás e Mato Grosso, também podendo alcançar o mercado das Repúblicas vizinhas.



INAUGURADO COLÉGIO MILITAR DE MANAUS — Foi inaugurado no dia 7 de abril, pelo Gal. Augusto Cesar de Castro Muniz de Aragão, Chefe do Departamento de Pesquisa e Ensino do Exército, o COLÉGIO MILITAR DE MANAUS, que funciona no antigo quartel general do Comando Militar da Amazônia, na Praça General Osório. Estiveram presentes à inauguração as maiores autoridades do Estado à frente o governador Cel. João Walter de Andrade. O Comandante do Colégio Militar Cel. Jorge Teixeira leu na oportunidade, o Boletim Especial n.º 3, do Ministério do Exército, que publicou a implantação do Colégio Militar de Manaus, baseado no Decreto .... 68.966, de 2 de agosto de 1971, assinado pelo Presidente Emílio Gazzastazu Médici. O comandante do Colégio falou sobre a luta para que o Colégio fosse implantado, e lembrou aqueles que para isso contribuíram : "O Colégio Militar de Manaus, ficará eternamente grato aqueles que lutaram por ele. O futuro desses jovens, que agora, ingressam na carreira que os fará amar cada vez mais esse país imenso e grandioso, será o fruto que os senhores colherão" dizia o Boletim.

MUSEU DE S. RAIMUNDO CONTA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA — Em São Raimundo foi criado um Museu com peças originais e muito raras da cultura dos povos do vale amazônico. O Museu é fruto do trabalho incansável do padre João De Vries, um holandes magro e alto que acaba de montar um museu indígena com peças de valor fundamental para a compreensão da cultura das nações que vagavam pelas selvas dessa imensa Amazônia que, hoje começa a ser descoberta para o progresso, deixando ainda sem um melhor aproveitamento o legado dessas culturas dos primeiros habitantes da Amazônia. No museu organizado pelo padre De Vries, há um pouco de tudo, tanto para o estudioso como para o turista sem maiores preocupações científicas ou culturais. Lanças manchadas de sangue humano, pedaços de cranios, cerâmica de várias centenas de anos, flexas envenenadas com curare, peças dos índios Bororós, Nhambiquaras e Atroaris, cerâmicas de Janauacá, Tefé e Manaquiri, adornos para o corpo de vários tipos, para determinar o "status social", e para as celebrações sociais e religiosas. Enfim, um "hobby" como diz seu organizador, que, se tornou agora uma necessidade para que se tenha uma melhor compreensão da Amazônia e dos seus primitivos habitantes. Um museu cuja finalidade é "mostrar o que é original do Amazonas", a par de outras culturas que também ali se acham presentes, como as peças africanas legítimas que lá podem ser vistos.

A FESTA DO LIVRO — Jorge Azevedo esteve em Manaus, cumprindo uma visita especial que se estenderá por quase todo o Brasil, objetivando incentivar os moços pelo gosto da leitura. É uma promoção que tem como patrono o Presidente Emílio Garraztazu Médici e que tem recebido, tal como aconteceu em Manaus, o apoio dos Governos Estaduais, dado o alto sentido da programação que, inclusive, está dentro das festividades do Sesquicentenário de nossa Independência.

Por duas vezes o jornalista Jorge Azevedo visitou a redação de BOM DIA, sendo que em uma delas acompanhado do poeta, escritor e jornalista Hass Gonçalves que exerce a Assessoria na Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

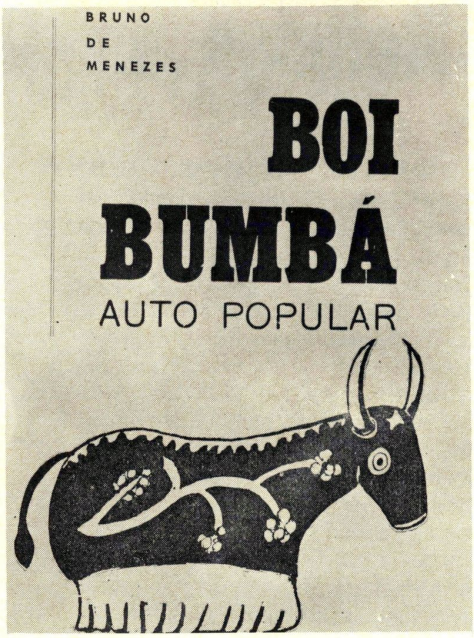
Foi excelente a visita de Jorge Azevedo, escritor e jornalista consagrado, cujo bate-papo espontâneo e agradável, trouxe para nós maiores ensinamentos na difícil arte de fazer imprensa por idealismo, fazendo da notícia, um motivo de educação para o povo. Relembrou ele os seus velhos tempos de "Alterosa", onde foi Redator-Chefe e das lutas mantidas para a confecção da revista.

Cumprida sua missão em Manaus na "Festa do Livro", viajou para Belém, prosseguindo, assim, o roteiro com que pretende empolgar a juventude brasileira, no sentido de fazer do livro, o principal motivo de sua cultura.

Somos gratos à visita dos confrades e desejamos a Jorge Azevedo e Hass Gonçalves muito êxito nas lides jornalísticas e literárias.

GONÇALVESLÂNDIA A CIDADE MUSEU — No Km 106 da Torquato Tapajós (estrada Manaus-Itacoatiara) irá surgir uma das maiores atrações turísticas da América do Sul, com a construção da **Gonçalveslândia,** um complexo turístico-cultural-recreativo, que se estenderá por uma área de 100 milhões de metros quadrados. Esse arrojado projeto é obra do advogado amazonense Alvaro Henrique Gonçalves, há muito radicado em São Paulo. Para realizar este empreendimento arrojado, Alvaro Gonçalves fundou a empresa Gonçalveslândia Cidade Museu S. A., com o capital de um milhão de cruzeiros e cuja sede é a cidade de Manaus. O complexo inclui a construção de um hotél de cem apartamentos, no estilo de uma maloca, cercado por palmeiras da Amazônia. Terá ainda grande telescópio já em construção em São Paulo, a ser instalado num mirante a uma altura correspondente a um edifício de 15 andares. O Museu terá animais pré-históricos confeccionados por uma equipe de engenheiros eletrônicos, mecânicos e artistas plásticos. Gonçalveslândia terá ainda uma reserva florestal e uma área destinada a construção de pavilhões por parte dos Estados e países do mundo. Em linhas gerais este será o projeto, já em execução, do amazonense Alvaro Gonçalves.

BANAVIT, UM COMPLEXO AGROINDUSTRIAL PARA O APROVEITAMENTO DA BANANA "IN NATURA" — A Brasil Tropical Alimentícia S.A. irá implantar em Manaus, um grande complexo agroindustrial para a produção de purê e flocos de banana. — de larga demanda pelo mercado europeu — a partir de frutos de elevadas qualidades produzidos em seus próprios bananais. Os objetivos da **BANAVIT** são: — produção de flocos **(crystals)** e purê **(mashed),** de banana para colocação no mercado externo, na Europa onde existe um amplo mercado para o produto. — produção da própria banana, que deverá atender a rigorosas exigências de qualidade e ainda para libertar o processamento industrial das incertezas da rudimentar produção local. — montagem de uma serraria objetivando a produção de embalagens, casas para operários, instalações diversas e a criação de 500 novos empregos, aproveitando a mão de obra local.



BOI BUMBÁ DE BRUNO DE MENEZES — Recebemos, oferecido por sua filha, irmã Marília Menezes, a reedição do consagrado estudo folclórico dos folguedos e festejos populares do Boi Bumbá, na área Amazônica, particularmente no Pará. Boi Bumbá, escrito em 1951, como contribuição que a Comissão de Folclore do Pará enviaria ao 1.º Congresso de Folclore Brasileiro, onde veio a merecer parecer para que fosse publicado nos anais daquele conclave, o que não aconteceu. Chamava-se então: "A evolução do Boi Bumbá, como forma de teatro popular". O **Boi Bumbá,** é um auto popular da época junina. E essa reedição mandada fazer pelo Governador do Pará vem preencher um vazio de há muito sentido pelos estudiosos das nossas tradições culturais e, sobretudo, dos apreciadores da encantadora obra de BRUNO DE MENEZES, escritor perfeito, folclorista dos mais autênticos e poeta de sensibilidade maior. Agradecemos a irmã Marília pela maravilhosa lembrança e, acreditamos que após esta outras obras do notável autor paraense serão reeditadas para felicidade e alegria dos estudiosos, dos seus parentes e de todos os amantes das coisas belas como ele bem sabia produzir.

IMPORTAÇÃO — REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Gramcitel Ltda

Montagens Elétricas Industriais - Material Elétrico em Geral, de Alta e Baixa Tensão

RUA 10 DE JULHO, 633 — Fone, 2-3177
MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO AMAZONAS

FORJA DE SABER E CULTURA

A Fundação Universitária do Amazonas é o grande centro propulsor de nossa cultura e progresso. A revista BOM DIA, compreendendo o que significa na atualidade a Universidade para o Amazonas e particularmente para a Amazônia, dada à sua localização, resolveu penetrar os portais da mesma e reportá-la, não em seu todo, porque isto seria impossível no momento, mas, a fim de mostrá-la, em simples mais coerente dados estatísticos, inicalmente ao nosso povo, para que este possa sentir o que ela representa, falando, porém, intimamente, da Faculdade de Medicina, unidade que mais empolga o interesse de nossa juventude no sentido da Universidade. E resolvemos fazer isto, quando os acadêmicos de medicina da FUA, se preparam para tomar parte no IVº Encontro Científico de Estudantes de Medicina, em Campo Grande, Mato Grosso, onde estarão presente mais de mil estudantes de todo o Brasil, juntamente com equipes de professores que presidirão os trabalhos e julgarão as teses apresentadas pelos participantes do Encontro.

Esta reportagem tem o objetivo de mostrar aos nossos irmãos, também, lá fora, aquilo que nós já possuímos dentro do setor Universitário — e de que confiamos no futuro — certos de que, sem cultura o progresso é utopia, e de que contaremos cada vez com maiores recursos da técnica incorporando-se às nossas Faculdades, colocando-nos em igualdade com outros centros maiores, para aqui formarmos os técnicos de que o país tanto carece. E com sua formação mais aprimorada, um grande contingente deles, saídos todos os anos de nossas Escolas, atuarão melhor no desenvolvimento do Brasil, formados por este complexo extraordinário que é a Fundação Universitária do Amazonas, tendo à frente, o exemplo de capacidade administrativa e trabalho do Magnífico Reitor, Dr. Aderson Pereira Dutra, sendo ela forja de saber e cultura, cuja raiz veio de tão longe, sustentando-se por muitos anos como árvore de um só fruto — a nossa tradicional Faculdade de Direito do Amazonas — orgulho de nossa mocidade de ontem e de hoje, formadora de grandes juristas que a enobrecem, pelas relevantes funções que exercem na administração pública e particular, dando ainda agora ridentes frutos, sendo, por mérito, paradigma de todas as outras Faculdades.

No primeiro plano, o prédio central da Faculdade de Medicina e ao fundo o Instituto de Anatomia, ambos, edifícios novos e de belas feições arquitetônicas.

A PRIMEIRA UNIVERSIDADE

1. A Universidade surgiu em 22 de novembro de 1909, criada pelo entusiasmo do tenente-coronel, da Guarda Nacional, Joaquim Eulálio da Silva Chaves, Engenheiro-Civil, natural de Minas Gerais, que aqui chegou atraído pelo fascínio da terra manauara.

Naquela época havia em Manaus um Clube da Guarda Nacional, cuja Vice-Presidência era ocupada por Eulálio Chaves, homem culto, intelectual dinâmico e de espírito criador, que logo manifestou a idéia de fundar uma Escola Militar, recebendo apôio unânime por parte dos intelectuais da terra. Todavia, a dinamização daqueles homens, o desejo de melhorar cada vez mais o desenvolvimento intelectual de Manaus, fez com que esta Escola Livre da Instrução Militar se transformasse na Escola Universitária Livre do Amazonas, cuja instalação se deu no dia 22 de novembro de 1908.

Esta Escola Livre do Amazonas foi logo em seguida denominada Universidade de Manaus a partir de 13 de julho de 1913, sendo ressaltada como um fato meritório do idealismo de um homem que não mediu esforços para a sua concretização, cedendo inclusive sua própria residência para que tivesse início o funcionamento da Secretaria da Escola.

Por vários anos perdurou a Universidade de Manaus e até hoje existe como um elo significativo do esforço de Eulálio Chaves, a veterana Faculdade de Direito como um símbolo de vitória ligada à promissora Universidade do Amazonas, criada pela lei federal n.º 4.069-A, de 12 de junho de 1962, em regime de fundação, sendo instalada somente em 15 de fevereiro de 1965.

2. Funcionavam na data de sua criação, em 1908, os seguintes cursos:

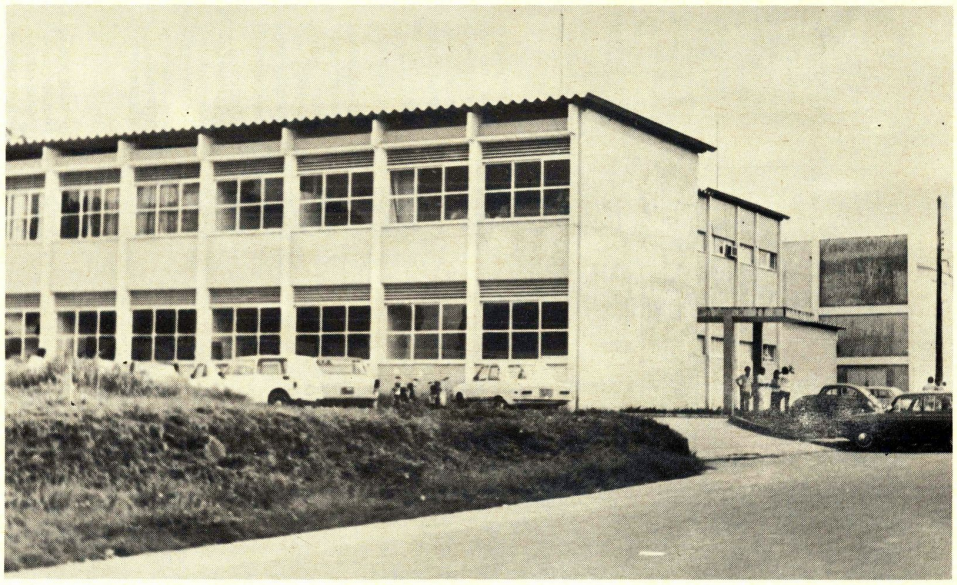
a) curso das três armas, segundo programas adotados para as escolas do Exército Nacional;

b) curso de engenharia civil, de agrimensura, indústria e outras especialidades, todos de acordo com os programas oficiais e com as modificações introduzidas pelo progresso das ciências;

c) curso de ciências jurídicas e sociais, segundo programa adotado nas faculdades de Direito Federais;

d) curso de farmacêutico e bacharelado em ciências naturais e farmacêuticas, pelos moldes da Escola de Farmácia de Ouro Prêto; e

e) curso de ciências e letras, segundo programa do Ginásio Nacional.



Fachada do Instituto de Histologia da Faculdade de Medicina do Amazonas.

3. Atualmente funcionam 23 cursos, discriminados a seguir:

Curso Seriado — (18)

Curso de Direito, Economia, Ciências Contábeis, Administração, Engenharia Civil, Filosofia, Pedagogia, Matemática, Letras, Ciências, Química, Biblioteconomia, Comunicação Social, Educação Física, Farmácia e Bioquímica, Odontologia, Medicina e Serviço Social.

Ciclo Básico — (5)

Ciências Humanas e Filosofia, Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Letras e Artes, Educação Física e Ciências.

4. As Unidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Educação foram as seguintes: Primeiramente foi reconhecida a Faculdade de Direito, pela Lei federal n.º 924, de 21.11.49, sendo reconhecida posteriormente a Escola de Serviço Social, pelo Decreto n.º 41.463, de 07.03.57 e por último, as Faculdades de Medicina, de Engenharia e Faculdade de Ciências Econômicos.

4. O Total de alunos matriculados nas Unidades da UA é de 3.551.

Ambulatório "Araújo Lima" que pertence a Faculdade de Medicina, dentro desse conjunto de blocos de que ela é formada, em prédios próprios.

Sala de aula de técnica histológica, onde cada estudante tem direito a um microcópico para as suas observações.

CURSO SERIADO

a) Curso de Direito	408
b) Curso de Economia	136
c) Curso de Ciências Contábeis	73
d) Curso de Administração .	138
e) Curso de Engenharia Civil	140
f) Curso de Filosofia	57
g) Curso de Pedagogia	154
h) Curso de Matemática ...	54
i) Letras	129
j) Ciências	28
l) Química	20
m) Curso de Biblioteconomia	41
n) Curso de Comunicação Social	61
o) Curso de Educação Física	56
p) Curso de Farmácia e Bioquímica	94
q) Curso de Odontologia ..	105
r) Curso de Medicina	738
s) Curso de Serviço Social ..	127
	2.559

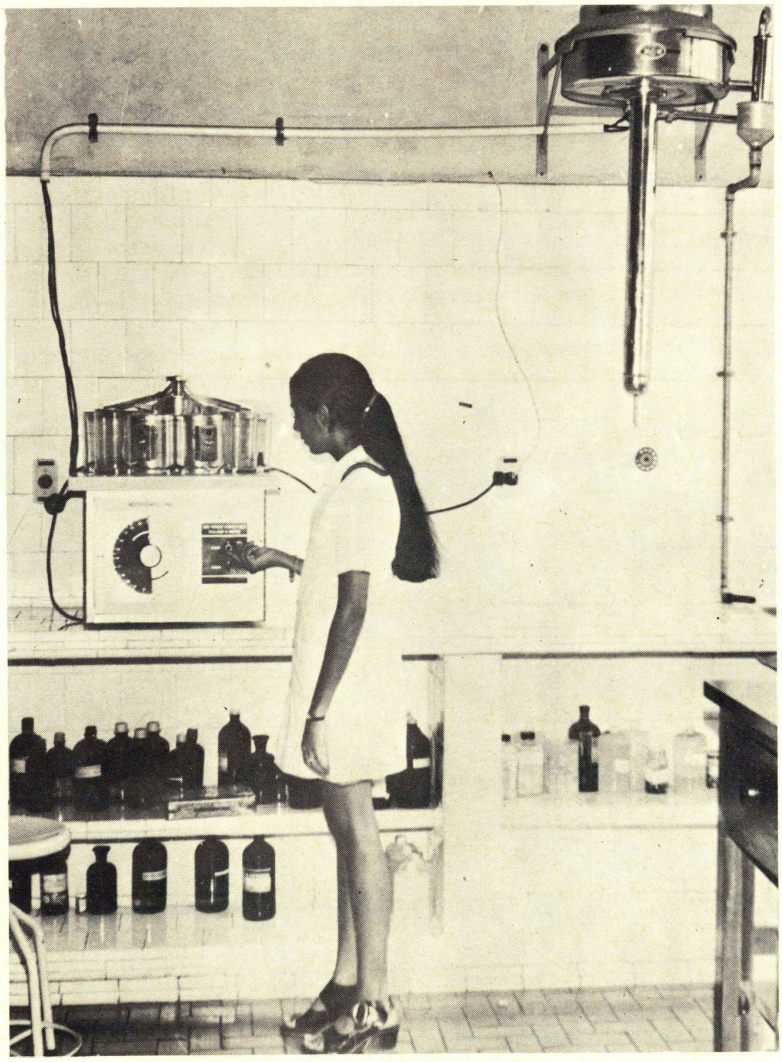
CICLO BÁSICO

a) Ciências Humanas e Filosofia	503
b) Ciências Biológicas	240
c) Ciências Exatas	147
d) Letras e Artes	60
e) Educação Física e Ciências	42
	992

FACULDADE DE MEDICINA

Representava esta Faculdade um velho anseio da mocidade amazonense. Embora há muitos anos tivesse sido esboçado um movimento nesse sentido, ele não vingou, por diversos motivos, que não cabe aqui serem enumerados. O certo é que pela lei federal n.º 4.069-A de 12 de junho de 1962 foi criada a Faculdade de Medicina do Amazonas. Do decreto para o seu funcionamento, dentro do cumprimento de exigências legais e considerando as dificuldades naturais do meio ambiente, levou este mais três anos, representando dura espera para a mocidade amazonense e vindo a funcionar, com muito ceticismo esta é a verdade, no ano de 1965, rompendo todas as barreiras e em luta titânica por aqueles que acreditavam nela e de que Manaus já tinha condições para possuir a sua Escola de Medicina.

Do funcionamento para o reconhecimento foi outra grande luta. O fantasma da inutilidade de um título que lhe restringia a capacidade de ação era o que perseguia os estudantes, muitos deles, vindos de fora, sem condições alguma de aqui permanecer. E imenso esforço foi dispendido por professores, alunos — e quantos se sentiam com uma responsabilidade no progresso de nossa terra — comovendo as camadas sociais de nossa



Na foto, uma funcionária, trabalha com o aparelho Histotécnico, que é usado para desidratação automática dos cortes.

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Medicina fosse reconhecida, o que felizmente veio a acontecer antes que a primeira turma de médicos recebesse o seu diploma, pelo Decreto n.º 69.609, de 29 de novembro de 1971, publicado no Diário Oficial de 30.11.71.

Atualmente estão matriculados 738 alunos, cursando os seis anos da Faculdade, cujo Diretório Acadêmico tem o nome de "Adriano Jorge", prestando homenagem a um dos mais humanos médicos de que se possa ter tido conhecimento, podendo ser modelo para as novas gerações.

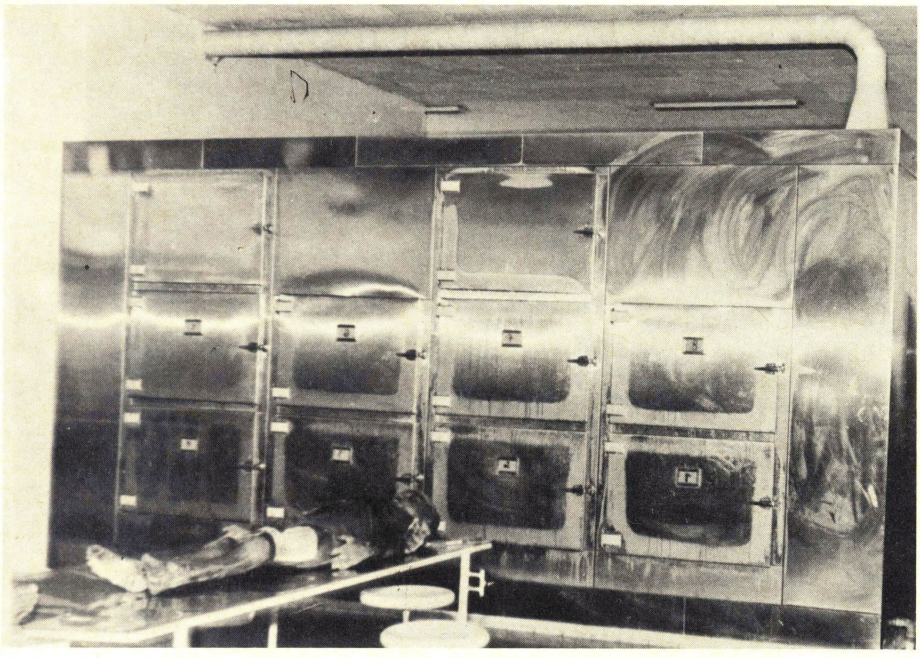
Constantemente, professores são contratados pela Universidade, no sentido de ministrar cursos dentro das especialidades do currículo, dando, assim, melhores condições de aprimoramento aos estudantes.

Prestou a nossa Faculdade de Medicina, ao seu início, um grande serviço à mocidade, recebendo excedentes de diversas partes do Brasil, estudantes estes que já terminaram o seu curso aqui mesmo, outros que foram transferidos, mas que atestaram onde ficaram, lá fora, da capacidade do ensino que a Faculdade ministra. Esta é a primeira vitória e as outras virão dentro do esforço de cada um na profissão que escolheram.

No Laboratório de Histologia está sendo feita uma análise no Micrótomos. Um cresostato é utilizado para pesquisa. Aqui são também preparadas as lâminas da rotina regular.

O VALOR DE UM CONVÊNIO

A Fundação Universitário do Amazoans, pelo seu Reitor, Dr. Aderson Dutra, assinou um Convênio com o Governo do Estado do Amazonas, através da Secretaria de Saúde, regulamentando o uso das unidades hospitalares do Estado, para fins eminentemente didáticos, pelos corpos docentes e discentes das Faculdades de Medicina, Farmácia e Odontologia da Universidade, em que o Estado colocava à disposição, para uso daquelas Unidades de Ensino (cem) leitos no HOSPITAL "GETÚLIO VARGAS", 50 (cincoenta) leitos no HOSPITAL INFANTIL "DR. FAJARDO" e 50 (cincoenta) leitos na Maternidade "ANA NERI", sendo utilizados os serviços de Radiologia, Radioterapia, Fisoterapia, Eletrocardiografia, Laboratório, Banco de Sangue, bem como os Centro Cirúrgico, Obstétrico, e Berçário, ficando ainda sob a orientação da Faculdade de Medicina o Ambulatório do Hospital "Getúlio Vargas", o Serviço de Pronto Socorro do mesmo, mais o de emergência da Maternidade "Ana Neri". Os plantões na Maternidade e no Hospital acima referidos serão feito sob a responsabilidade da Faculdade de Medicina. O HOSPITAL COLÔNIA "EDUARDO RIBEIRO", que também pertence a rede Hospitalar do Estado, abrigando os enfermos mentais, funciona como Hospital Psiquiátrico, estagiando nele os estudantes do quinto e sexto anos, sendo que alguns dos estagiários residem no próprio Hospital para um melhor aproveitamento dos estudos, dentro das suas especialidades.



Na foto : em primeiro plano um cadáver e ao fundo a grande geladeira que serve à Faculdade de Medicina, tendo capacidade para 40 cadáveres.

Este Convênio veio proporcionar aos professores das Faculdades de Medicina, Farmácia e Odontologia, a oportunidade de ministrar as aulas práticas nos Hospitais, dando, assim, melhores condições à aprendizagem e sanando as dificuldades existentes antes, em nosso ambiente, para que as Faculdades, através da Universidade, com seus próprios recursos, desse aos alunos aquilo de que eles, de fato, precisavam para a sua formação pro-

fissional. O espírito de compreensão prevaleceu, a mocidade lucrou com o Convênio que permitiu a utilização das Unidades Hospitalares do Estado, dando a elas maior extensão na sua forma de ser útil, ao mesmo tempo que passaram a ajudar na formação de novos profissionais na arte de curar e minorar o sofrimento alheio, tal como fazia Hipócrates.

A CLÍNICA TROPICAL

Não faz muito que em Manaus foi realizado um Congresso Médico de Doenças Tropicais, tendo comparecido a ele inúmeras autoridades no assunto, vindas de todo o país, dado à importância das enfermidades assim classificadas — de tropicais — no solo brasileiro. E' um campo que oferece bastante material para a pesquisa, daí porque a Faculdade de Medicina inclue em seu currículo, por sua importância, o estudo dessas doenças, dentro dessa clínica que foi inaugurada recentemente e que tem capacidade para 40 leitos distribuídos em 4 enfermarias, com corpo de enfermagem do Hospital "Getúlio Vargas" e plantonistas acadêmicos do quarto e quinto anos. O HGV tem um total de 391 internos, predominando entre os doentes os casos de malária (casuística). Dentro da Clínica Tropical funciona um Centro de Estudos, com reuniões periódicas, tomando parte médicos especialistas que são convidados de outros Estados do Brasil, tendo ainda um Centro de Treinamento para doenças tropicais, de que tomam parte os estudantes do curso regular. A Clínica possui um laboratório especial para a pesquisa da malária e que funciona diariamente, está montando um laboratório, em uma dependência anexa a mesma, no objetivo de ampliar consideravelmente o seu campo de pesquisa. Todo o corpo clínico da Clínica Tropical é formado por professores da Faculdade de Medicina.

O "CAMPUS" UNIVERSITÁRIO

Na atual conjuntura dos centros universitários em todo o mundo, desde os países mais avançados da Europa e das Américas, até nós aqui no Brasil, onde somos mais jovens em exeperiências dessa natureza, o "campus" universitário tem a maior significação no desenvolvimento cultural do estudante, de professores e de todos aqueles que tomam parte no complexo universitário. E esse "campus" torna-se imprescindível para o aproveitamento técnico e teórico dos alunos, principalmente porque possibilita o estudo em áreas afins de conhecimento, para que possam ser feitas pesquisas mais disciplinadas e melhor orientadas dentro dessa infra-estrutura da nova Universidade. Daí termos tomado conhecimento, que o Dr. Aderson Dutra tem um Plano Integrado de Desenvolvimento que, parceladamente será executado, a fim de que essas possibilidades que estão incluídas na Reforma Universitária, atinjam o seu mais alto objetivo, aproveitando desde já — no próprio levantamento da área onde está sendo plantado o "campus" — os recursos de que dispõe a Universidade, com seus elementos humanos, utilizando os estudantes, dentro dos seus conhecimentos para inicialmente fazerem a abordagem social, já que ali moravam famílias que precisavam ser retiradas, o levantamento topográfico e tudo o que for possível, quanto aos valores já adquiridos, compreendendo que o "campus" irá custar muitos bilhões de cruzeiros, conforme previsão, à Fundação Universitária do Amazonas, para abrigar todas as Faculdades, Centro de Estudos. Departamentos de Pesquisas, Laboratórios de Física, Química, Biologia, Centro de Esportes e tudo o mais que for imprescindível ao bom funcionamento da Universidade, que tem uma área tão grande de ação, que precisa corresponder ao atual progresso brasileiro dentro da realidade educacional e dos anseios de uma juventude que busca sempre o melhor no sentido da aprendizagem.

A estimativa na aplicação de recursos no "campus" vai muito além dos 3.500.000 cruzeiros, sendo que a área a ser construída compreende mais de 4.400 metros quadrados, levando-se ainda em consideração que a Faculdade de Medicina, por sua condição de estrutura atual, será a única que ficará fora do "campus" universitário, dado que utiliza, conforme convênio aqui assinalado, a rede hospitalar do Governo do Estado, cujos próprios estão todos os que servem a Faculdade no centro da cidade.

O "campus" universitário, pois, é o passo mais decisivo e o mais importante a ser dado, no sentido de integração própria, pela atual FUA. E dado à grandeza da obra e o seu valor, acreditamos na sua realidade no menor espaço de tempo, desde que não faltem os recursos econômicos, porque conhecemos a capacidade dos que lutam por esse Brasil gigante — senhor de sua potencialidade — e a que se integram perfeitamente aqueles que dirigem a Universidade do Amazonas.

SADIO IDEALISMO

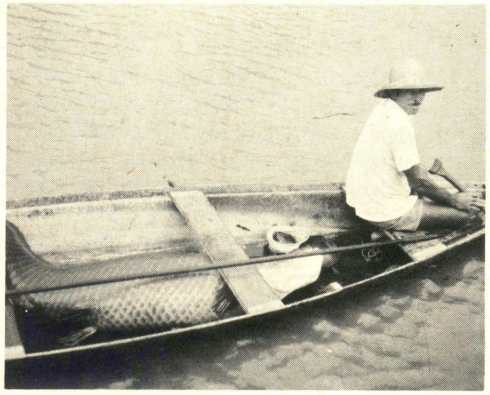
Chegamos ao final desta reportagem, esperando, entretanto, muito em breve fazer outras na Universidade do Amazonas, focalizando todas as Faculdades, tal como fizemos agora com a Faculdade de Medicina e por motivo justo do IV° Encontro Científico de Estudantes de Medicina, na certeza de que com isto estamos cumprindo os nossos melhores objetivos e mostrando ao povo, mais de perto o valor da Universidade — como patrimônio da mocidade — dentro do que ela representa para a vida do Estado e consequentemente para o crescimento e o progresso do Brasil.

Nascida vitoriosa, já que emanada de um sadio idealismo, vai a Universidade do Amazonas, fruto da perseverança e do trabalho organizado, atingindo cada dia com maior firmeza sua meta, formando moços, aprimorando-os cultural e moralmente, cumprindo o seu dever, a fim de que os moços vivendo dentro dos padrões da dignidade humana, atuem conscientemente nos destinos da sociedade, compreendendo esta como um todo universal.

A mocidade amazonense — e quantos aqui vivem — sente-se agora em função da Universidade do Amazonas mais realizada e confiante de que, entre nós, pode atingir os supremos ideais de sua consciência. E BOM DIA deseja, acima de tudo, que o moço corresponda, de maneira bonançosa e em fértil colheita, a tudo aquilo que o esforço, a dedicação, o trabalho e à abnegação de todos aqueles que lutam para que a Universidade do Amazonas, seja realmente no contexto pátrio, aquele centro augusto de cultura e sabedoria, criado, repetimos, pelo sadio idealismo de um homem.

TURISMO

Roteiro para Caça e Pesca no Amazonas



O texto aqui transcrito faz parte do "Roteiro Para Caça e Pesca no Amazonas" **da EMPRÊSA AMAZONENSE DE TURISMO — EMAMTUR — com vistas á dar ao turista e aficionados as principais informações e mais concisas orientações relativas à prática dêsses esportes no Amazonas.**

O "roteiro" em questão, elaborado pelo Serviço de Informação e Divulgação da EMAMTUR, é resultado de demoradas pesquisas realizadas nas regiões mais propícias à prática da caça e pesca.

O trecho a seguir (apenas sôbre caça), excerto do original, bem demonstra o propósito da EMAMTUR.

1 — CAÇA

O Amazonas, esse maravilhoso recanto natural da Terra, caracteriza-se pela suavidade do verde de sua paisagem. Floresta, rios, lagos, tudo se harmoniza como o som emitido pelo conjunto de instrumentos que formam uma orquestra.

À primeira vista, o espectador é envolvido pelo êxtase provocado por um turbilhão de idéias desconexas vindas da imensidão da flora que se lhe descortina. Depois, é tragado pelo encantamento que o mundo semi-mitológico amazônico oferece a quantos tiverem a oportunidade de vê-lo.

Mas, o poder de criatividade da natureza não termina aqui; no interior dêsse mundo quase desconhecido se desenvolve um outro, de vida selvagem, paraíso dos aficionados às caçadas. É, sem dúvida, o Amazonas, a região mais propícia para a prática dêsse esporte, principalmente pela escassez de população nessa parte do Brasil. Calcula-se que em tôda a área, 1.500.000 km2, vivem apenas 900 mil habitantes, dos quais mais de 300 mil em Manaus.

De um modo geral, pode-se caçar na Região Amazônica durante o ano inteiro. No entanto, com mais facilidade no verão, período compreendido entre os mêses de junho e novembro, quando também amadurecem as frutas silvestres, muito apreciadas pelos animais.

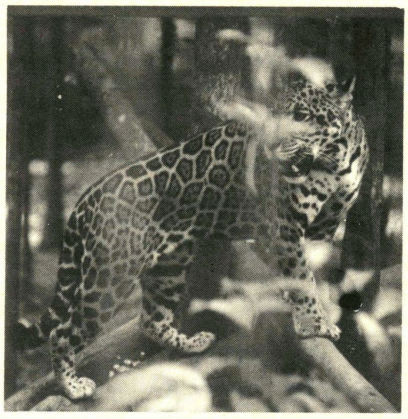
A via de acesso aos pontos estratégicos às caçadas é, naturalmente, a fluvial. Há também regiões que, embora cortadas por estradas que, como a rodovia Torquato Tapajós que liga Manaus a Itacoatiara, devido à sua construção em tempo récorde, são completamente selvagens.

TIPOS DE CAÇADAS

Numa floresta densa, com um tapete de fôlhas e galhos sêcos a cobrir-lhe o solo, só se tem visão a apenas cinquenta metros de distância. E' mais conveniente para dois caçadores, um guia ou mateiro. Sabe-se que os animais da região amazônica têm atividades noturnas. Passam o dia escondidos nos ôcos dos paus podres e tantos outros esconderijos que envolvem de mistério a imensa floresta onde se escuta apenas o maravilhoso canto dos pássaros que ficam acordados durante o dia. Por isso, é mais proveitoso caçar animais durante a noite e pássaros durante o dia, devendo-se usar, de preferência, uma "WINCHESTER 44".

a) CAÇADA DE ESPERA : é feita à noite, perto de árvores que dão frutos silvestres : o piquiá, o uxi, o buriti, a sorva, etc., que caem sôbre o solo e atraem os pequenos animais roedores Em consequência da afluência dos animais de pequeno porte se aproximam os felinos, os mais espertos animais caçadores da região;

b) CAÇADA DE ONÇA : os caboclos da região usam o fruto da cuieira, onde, depois de sêco, se faz um orifício na parte superior através do qual se sopra para se obter um som igual ao urro da onça que, sem dúvida, se aproximará do local;



c) CAÇADA DE RESTINGA : com a enchente e vazante dos rios amazônicos, geralmente os animais ficam ilhados muitos dias em pontos estratégicos e são fàcilmente mirados pelos caçadores;

d) CAÇADA DE CURSO (ou caçada a ponto) : é feita durante o dia e é mais frequente, sendo aconselhada para dois caçadores acompanhados de um guia caboclo ou mateiro que conheça muito bem a mata da região;

e) CAÇADA DE FOCAR : é feita sòmente durante a noite, em uma canoa, dentro do igapó ou várzeas. O caçador leva consigo uma lanterna e, focando nos olhos do animal, deixa-o cego por alguns instantes, quando poderá alvejá-lo. Êste tipo de caçada é indicado por jacarés, pacas, cotias, para os roedores em geral;

f) CAÇADA DE BASTEJAR : semelhante à caçada de curso. O caçador segue o animal através do rasto deixado entre os galhos e fôlhas sêcas caídos sôbre o solo;

g) CAÇADA DE ESCUTA : o caboclo faz um varadouro (picada) de mais ou menos duas horas de viagem a pé. Dois dias depois faz uma caminhada escutando o ruído feito pelos animais.

TIPOS DE ANIMAIS

A fauna amazônica é a primeira do mundo em quantidade de espécies, situando-se em segundo lugar a congolesa. Aqui vivem 250 tipos de mamíferos e cêrca de 1.800 tipos de aves (já identificadas). Entre alguns dos muitos que vivem na floresta amazônica os mais conhecidos são:

MAMÍFEROS	AVES
paca	mutum
cotia	jacu
cotiara	cujubin
capivara	nambu
porco do mato	pato selvagem
porco espinho	urumutum
queixada	jacamin
caitetu	jacuraru
lontra	garça
veado	gaivota
tatu	Maguari
quatipuru	alecorne
ariranha	aracuã
anta	acauã
onça	gavião real
gato maracajá	arara
	papagaio

REGIÕES DE CAÇA

As regiões propícias às caçadas estão localizadas em zonas acessíveis sòmente por estradas ou por via fluvial.

Entre as que têm acesso por estradas :

a) Estrada Manaus-Itacoatiara : no trecho localizado no km. 90, após o Rio Preto. As zonas mais estratégicas estão situadas entre os kms. 120 e 150;

b) Estrada Manaus Caracaraí-Bôa Vista : no trecho compreendido entre os kms. 80 e 85;

c) Tarumã Grande : é uma região abundante em frutos coquinhos como o tucumã, o patauá, o buriti e a pupunha que atraem os pequenos roedores e êstes aos animais felinos, que os devoram.

Entre as muitas regiões de acesso por via fluvial :

a) Baía do rio Urini : situada a 16 horas de Manaus nas proximidades do Arquipélago do Papagaio, onde se encontra grande quantidade de capivaras e também de pacas;

b) Rio Cuieiras : viajando-se em um motor de popa de 10 hp chega-se a esta região localizada a 6 horas de Manaus. Pode-se caçar ali capivaras, pacas, antas, jacamins, jacus, veados, queixadas, etc.;

c) Rios Macujaí e Ajaranti : viajando-se 3 dias numa lancha de 165 HP alcança-se êstes rios que banham o Território de Roraima. Há, ali, farturas de pássaros (marrecas, maguari), e quelônios (tracajá e tartaruga), não sendo necessário que o caçador penetre na mata;

d) Rios Teiã, Vinurixi e Aimanã : êstes rios são afluentes do rio Negro e desembocam em frente de Tapuruquara. As regiões banhadas pelos dois últimos rios são habitadas por índios mansos;

e) Rio Jurubaxi : próximo à cidade de Tapuruquara e distante 4 dias de Manaus viajando-se em lancha de 165 HP.;

f) Rio Mamori : localizado na cabeceira do Rio Autaz-Açu, distante 8 horas, de Manaus, viajando-se em lancha de 165 HP.

g) Rio Juma : situado a 12 horas de Manaus, viajando-se em lancha de 165 HP; Esta região é habitada pelos índios Mura que são bons caçadores e guias;

h) Rio Urubu : situado a 12 horas de Manaus viajando-se em motor de popa. Esta região é habitada por grande quantidade de patos selvagens;

i) Lago Puraquequara : distante de Manaus 1 hora, viajando-se em motor de popa. Pode-se caçar, na cabeceira dêste lago animais de grande porte;

j) Rio Madeira : nesta região, merece destaque o Lago Antônio ou Região do Garçal. Durante os mêses de junho e julho há abundância de manfis, garças, jaburus, tuliões e outros pássaros, que fazem um barulho ensurdecedor quando alimentam os seus filhotes. Não se encontram com muita facilidade animais de grande porte.

OS CORVOS TERÃO O SEU FIM

Lemos com muita atenção o editorial publicado em "A Notícia" do dia 5 de maio de 1972 e sentimos o quanto de real existe em todo ele, particularmente no trecho inicial e que vamos aqui transcrever para que os leitores de BOM DIA tomem conhecimento de um fato que interfere até em nossa imprensa, já que temos encontrado mil e uma dificuldade para implantar a nossa revista no seio da coletividade amazonense e brasileira, pelo que somos obrigados a aceitar haver em tudo isso propósito mesquinhos daqueles que acreditamos sejam inocentes úteis nas mãos desses que procuram por todos os meios e modos internacionalizar a Amazônia. Se não vejamos o que diz o editorial : **"Por mais incrível que pareça, o nosso povo, de um modo geral, e a nossa mocidade, de maneira particular e especial estão a viver um período de profunda alienação, no que tange aos nossos problemas sociais, econômicos e políticos, como se esses problemas não lhes dissessem respeito e nada representassem para a segurança, para o bem-estar, para o desenvolvimento e para o progresso da comunidade.**

Assim, quando numa roda de estudantes, num grupo de operários, num círculo de comerciários, num ajuntamento de funcionários, alguém se atreve a falar, por exemplo, no perigo que a cobiça internacional representa para a Amazônia, e, conseguintemente, para o próprio Brasil; se alguém se resolve a trazer à baila o problema da infiltração encapuçada do capital estrangeiro nos mais diversos setores da atividade empresarial da Nação, como o caso recentíssimo da aquisição da TV-Bandeirante por parte da Editora Abril, empresa norte-americana camuflada de nacional, fato que fere frontalmente o artigo 174, § 1.º da Constituição atual, que diz : "A responsabilidade e a orientação intelectual e administrativa das empresas jornalísticas, de qualquer espécie, inclusive de televisão e radiodifusão, caberão aos brasileiros natos".

Eis aí a grande verdade que todos nós os brasileiros da Amazônia precisamos de compreender e sentir, para que possamos reagir contra aqueles que procuram por todos os motivos obstaculizar, para que um órgão qualquer, cujo objetivo seja intrinsecamente defender os interesses do Brasil possa se expandir. Infelizmente tudo que está dito prende-se a verdade que estamos sentindo desde que viemos a público — trazendo conosco este conteúdo maior de nossa razão de ser como imprensa — defender os interesses da Amazônia, de conformidade com os interesses das Forças Armadas, que são os do próprio Brasil.

Acreditamos que as potências negativas que têm procurado nos atingir, solapar os nossos anseios, sejam também movidas por essas mesmas forças estrangeiras — que não podendo tomar conta da região — por suas legiões de soldados, habitá-la segundo a célebre fantasia do famoso Lago já agora completamente desmascarado, tentam talvez dentro da racional compreensão de alguns de que a mola do mundo é o dinheiro, tentam — através desses atingir os seus objetivos e sonhos dourados de ocupação dessa área por intermédio do poderio econômico, encontrando, por certo, quem sem o menor espírito de brasilidade, venda a sua consciência para servir os mesquinhos interesses daqueles que procuram internacionalizar a Amazônia pela imposição do capital sonante.

E' séria a denúncia feita, mas cremos que as autoridades do país não estão indiferentes à posição que todos nós tomamos diante da vida e de uma coisa podem todos ficar certos, que jamais nos uniremos aqueles que sem escrúpulos, usando de processos os mais indignos possíveis querem anular a nossa voz, querem ver o encerramento das atividades de BOM DIA, acreditando com isso haver calado um órgão que tem por exclusiva finalidade defender a região — pelo ideal de defendê-la — e unicamente por amá-la e compreendê-la dentro dessa grandeza do que ela representará um dia para toda a humanidade. Os que assim pretendem estão perdendo o seu tempo, porque um ideal é sempre um ideal, é luz que não se apaga nunca, e este que agora vivemos por sabê-lo profundamente nobre, jamais será arrefecido em nosso ânimo. Os que não acreditam não perdem por esperar e ver. Os corvos terão o seu fim !

AMAZÔNIA - Sempre o assunto

ALFREDO TRIGUEIRO

UM IDEAL EM FOCO

A necessidade de nos integrar mais de perto as coisas do Amazonas e da Amazônia, relativos à divulgação, embora a nossa insignificância, colocou-nos dentro da redação de BOM DIA, uma revista jovem que o idealismo tem feito imprimir. Fomos convidados a participar desta equipe que aos poucos vai sendo organizada para que possamos dar ao Amazonas e à Amazônia um órgão à altura de seu progresso atual, dentro da arrancada que todos nós estamos vivendo e sentindo quanto ao novo destino da região.

Nenhum de nós que trabalhamos em BOM DIA temos dúvidas quanto às possibilidades da revista que começa a crescer e firmar-se, pelo valor de suas páginas, de seus artigos e de suas reportagens, sempre sérias, abordando de perto problemas que interessam a região, mostrando os pontos vulneráveis, as deficiências, apontando caminhos e soluções — abrindo debates — já que esta é uma das principais finalidades de BOM DIA.

A mocidade amazonense, por aqueles que frequentam a Universidade, está convidada a tomar parte em tudo aquilo que diz respeito ao desenvolvimento da Nova Amazônia. BOM DIA — por sua direção — enviou expediente nesse sentido ao Dr. Aderson Dutra, Magnífico Reitor, colocando as páginas de nossa revista ao inteiro dispor daqueles que tenham teses, artigos, enfim trabalhos que falem da problemática amazônica, que precisam de ser divulgados e conhecidos pelo povo, dando, assim, principalmente uma oportunidade aos valores novos.

Temos, também, convidado diversas pessoas a colaborarem conosco, a se integrarem nessa batalha da qual o indiferentismo nos não poupará, já que devemos de ser, todos nós que aqui vivemos e residimos, parcelas vivas e atuantes de um mesmo ideal : o de construir essa Nova Amazônia, marco de uma era resplandecente, para entregá-la amanhã aos nossos continuadores, cheia de possibilidades, desbravada, dominada realmente pelo homem, com seus campos cultivados e novas cidades, tudo dentro desse fulcro desenvolvimentista que abala o Brasil de hoje.

Acreditamos que nosso esforço como imprensa não será em vão, embora tenha que ser exaustivo e constante. Legaremos à posteridade, trabalho que nos não envergonhará, isento de paixões e tanto quanto possível também de erros; trabalho até certo ponto desbravador, sem ser pioneiro, mas com tendência ao bandeirantismo das idéias, nessa arrancada decisiva para a integração nacional, produto de uma mentalidade marcante e progressista, caldeada nas experiências do povo brasileiro — compreendendo o nordestino e o caboclo — dois heróis, ambos lutadores e perseverantes, mas perseguidos pelos fenômenos da natureza : Um na imensidade das florestas e dos rios, outro na agressividade das caatingas e das secas; ambos estoicos e valentes, na particularidade do ambiente em que vivem, suportando e superando os elementos naturais como um forte !

O HOMEM — E A NOVA AMAZÔNIA

O homem da Nova Amazônia está preparado por suas experiências anteriores para essa outra experiência, em que dependerá e muito da sua capacidade de adaptação e de trabalho ao meio hostil, porque sabe que ainda agora ele precisa de vencer, já que todo o seu potencial de energia e de conhecimento será posto à prova, para a ocupação do imenso espaço vazio e — o nordestino e o caboclo — são os elementos capazes e recrutados para esta tarefa de formação de novas cidades em plena selva. Os técnicos e outros mais que agora atuam serão elementos passageiros; os que vão ficar definitivamente no centro selvático são aqueles que por sua condição econômica, não têm base para se sustentarem em outras regiões, dada a pequenez do salário que seriam obrigados a dispor no atual mercado de trabalho brasileiro. A presença deles, sua localização às margens das estradas, seria de todo necessária e por isso mesmo até sacrificial, sem que o empreendimento não teria o rendimento esperado pela nação e pelo governo.

A Nova Amazônia pede muito trabalho e amor à região. E dentro desta sistemática, devemos de compreender bem melhor aqueles que vão para o sacrifício de ocupar o Grande Vale. Eles serão os verdadeiros desbravadores. Porque irão suportar mais de perto o poder das intempéries, a agressividade da selva e para se tornarem os donos da terra terão que vencer todos os obstáculos naturais e as enfermidades, como autênticos sapadores, caminhando à frente, estabelecendo e dando foros de comunidade às regiões onde se localizarão. O lar, a escola, a igreja e o hospital serão as primeiras preocupações de nossos irmãos que vão ser os reais habitantes dessas novas cidades, vilas e lugarejos, contando mais tarde sua dura estória, que é a própria estória da fixação do homem brasileiro no solo agreste da Nova Amazônia. Sejam para eles o nosso incentivo e louvor. Legionários da fé e da corágem — cujo espírito de brasilidade precisamos de reconhecer — nós os habitantes das cidades grandes e confortáveis devemos de ter para com todos eles a mais profunda admiração e respeito. Seus nomes ? Pouco importam. Mas importam os seus feitos, porque eles são heróis no silêncio de suas atitudes, na ingenuidade de seu estoicismo e no brasileirismo de seus corações. Conheci de perto um desses heróis que nunca mediu sacrifícios para estar junto aos seus irmãos no interior, este sempre abandonado e desprovido de quase tudo, para lhes levar o seu sentimento de brasilidade e de patriotismo. Com ele aprendi amar mais a Deus, à família e à Pátria. E não posso deixar de recordá-lo neste instante, porque a Nova Amazônia precisa de muitos que como ele confiaram no futuro de nossa terra e na capacidade de nossa gente, não medindo meios para servirem aos seus semelhantes. Nós precisamos de compreender o esforço desses nossos irmãos, gente humilde de nosso país, sacrificada e sofredora, mas nem por isso menos patriota e desejosa de servir ao Brasil — embora sob o peso da necessidade — na hora em que o Brasil tanto carece da ajuda de todos nós. A mocidade da Nova Amazônia — que brota nesta hora de explendor pátrio — deve de amar e de bem compreender essa parcela do povo brasileiro, porque ela à semelhança de nossos antepassados — os Bandeirantes — vai levar a essas novas paragens os princípios da civilização que nasce nos céus da Pátria do Cruzeiro — quem sabe ? — para o doce alvorecer do Terceiro Milênio.

CONVITE À MOCIDADE

BOM DIA, repetimos, como imprensa moderna e independente quer ser o arauto dessa mentalidade nova e dos anseios da mocidade, deixando de ser uma revista simplesmente divulgativa — o que já seria bom — para tomar parte decisiva na batalha pelo progresso do Grande Vale. E para isto a mocidade está convocada e fazemos questão de reprisar que ela não deve de omitir-se. Aqueles moços que tenham propensão para as atividades pensamentais — em qualquer setor — encontrarão as páginas de BOM DIA como excelente veículo de suas idéias e conceitos. A região precisa da maior presença da mocidade, assim como o próprio Brasil, estudando e debatendo os seus intrincados problemas. E esta juventude que tanto participa de **festivais** representativo de seus anseios, deve de interessar-se, também, pelos problemas culturais e mais sérios de nosso país, porque somos no conceito universal uma nação ainda jovem. E a Nova Amazônia — que vem sendo elaborada desde há muito — precisa da mentalidade do moço, do seu discernimento, do seu amadurecimento na luta e de sua ajuda que deve de ir bem mais além dos projetos Rondon e Mauá — nobres em todos os sentidos — mas que deixam muito a desejar no tocante a medir a capacidade de integração do moço brasileiro nos problemas mais profundos de nossa Pátria. Fruto da experiência mais importante no desenvolvimento do país — isso sem qualquer glebarismo — a Amazônia-Brasileira quer contar com a participação ativa do moço do presente, consciente do seu papel e daquilo que ele pode realizar dentro da comunidade brasileira. Esta fase da História do Brasil vai dizer — e muito — da capacidade do moço, e a mocidade possa ser digna dela, fugindo, tanto quanto lhe seja possível, da apatia e do indiferentismo ! E vale à pena lembrar neste **Convite à Mocidade** quando festejamos o Sesquicentenário de nossa Independência — a figura de Tiradentes — não por sua morte infamante, mas por aquilo que ele representava em seu ideal. Cremos que melhor e maior exemplo não teria a mocidade na hora presente.

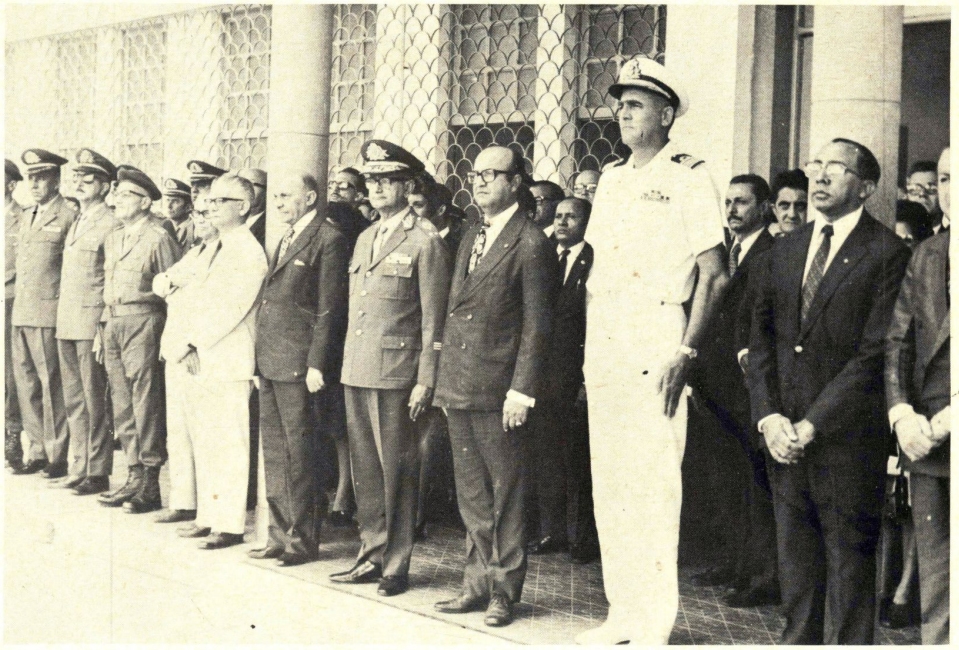
DIFUSORA DIA e NOITE

CMA Comemora dia da Revolução

Em toda a Amazônia as unidades do Comando Militar da Amazônia realizaram solenidades em homenagem ao aniversário da Revolução de março de 1964. As comemorações do oitavo aniversário do Movimento de Março, foram antecipadas em virtude de ser Sexta-Feira Santa o dia 31 de março.

As solenidades, em Manaus, foram realizadas no pátio do 1.º Batalhão de Infantaria da Selva, no bairro de São Jorge, presididas pelo General Octávio de Queiroz, Comandante do 2.º Grupamento de Engenharia de Construção e que eventualmente se encontra à frente do CMA. As comemorações contaram com a participação de todas as Unidades do Exército sediadas em Manaus e com a presença das mais destacadas autoridades do Estado, à frente o Cel. João Walter de Andrade, Governador do Estado. O General Álvaro Cardoso, Comandante Militar da Amazônia, em sua Ordem do Dia, dirigindo-se especialmente aos brasileiros da Amazônias, afirmou que a Revolução foi feita para construir e que durante esses oito anos vêm se implantando no país grandes realizações, despertando interesses e insinuando atividades.

Esta é a íntegra da Ordem do Dia do Comando Militar da Amazônia, lida em homenagem a mais um aniversário da Revolução de 1964.



Autoridades civis e militares presentes as comemorações do dia da Revolução no quartel do 1.º Batalhão de Infantaria da Selva.

Outro flagrante das Comemorações do 8.º aniversário da Revolução de março de 1964 pelo Comando Militar da Amazônia, no quartel do 1.º BIS.

"Aos brasileiros da Amazônia.

A Revolução foi feita para construir.

Faz oito anos, eliminava-se o mal-estar da irreverência cívica, do desassossego político-social e do descontrôle econômico.

Longe, foram ficando o ostracismo vermelho, a demagógica anarquia e desenfreada, a mensagem do terrorismo e o apaniguamento da desordem e do tumulto.

Um clima de ordem e recuperação passou a assinalar trabalho, correção, planejamento e significativos resultados.

Valores e padrões reformulados propiciaram a formação de uma consciência espontânea, da participação individual e coletiva reunindo povo e Govêrno na tarefa de melhor desenvolverem o Brasil.

São oito anos que atestam a permanência da Revolução, não apenas pela lembrança da ocorrência, pela certeza de sua necessidade, pelos propósitos que a inspiraram e pelos resultados que a exaltam mas, sobretudo, pela compreensão de sua influência como fator indispensável de Ordem e Progresso.

Implantando realizações, despertando interêsses, insinuando atividades, insuflando entusiasmo, vai, o Movimento de 64, reajustando possibilidades e, na conjugação da iniciativa pública, privada e do Povo, em geral, firmando a convicção da grandeza da Nação Brasileira.

Estruturando assistência, humanizando regiões, ampliando serviços, valorizando o homem e a sociedade, melhorando padrões, realçando valores, criando progresso e assegurando a tranquilidade, realiza a Revolução de março de 64, o seu destino com a sensibilidade nacional de todos os brasileiros no mesmo estado d'alma e na mesma consciência que nos dão a certeza de grande futuro para o Brasil.

Em decorrência dessa compreensão e dêsse entendimento, os princípios que fundamentam a Doutrina do Govêrno Revolucionário, bem como os processos de sua consecução muito vem favorecendo o conhecimento e a ação política realizada, graças particularmente ao desenvolvimento, mais se acentua e concretiza.

Por todos êsses motivos, quando outro aniversário da Revolução é celebrado, quando, na Amazônia, esfôrço e empenho procuram atender aos reclamos dos vazios destas áreas, lembrando preocupações e a todos impondo encargos e tarefas, podemos, confiantes, renovar a certeza de um Brasil nosso e forte e uma Amazônia mais conhecida, integrada e realizada.

Confiança que se fundamenta numa trilha de trabalho e sacrifícios, conscientemente palmilhada na firme intenção de resultados que se coadunem com a responsabilidade de brasileiros bem formados, no dever do civismo e no sentimento de patriotismo.

Ao lado do povo e da gente desta Amazônia, nêsse propósito e nessa obrigação, estão a presença e o sentimento do soldado brasileiro, verde-oliva destas selvas e dêstes rios, sentinela de extensas fronteiras e cidadão de tôdas as comunidades do interior, ao alto, firmando e mantendo bem erguida a flâmula do Comando Militar a lembrar passagem, permanência, duração e atividade que nos levam à figura de Pedro Teixeira e nos transportam à certeza de um futuro tranquilo e seguro.

Das fronteiras do Oiapoque, das calhas do Negro, do Branco, do Madeira, do Solimões e do Amazonas; nêsse 31 de março uma mensagem, envia, o Soldado da Amazônia, aos seus concidadãos e irmãos do Pará, Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima e Amapá".

O MUNDO AMAZÔNICO
NO IMPACTO DO GRANDE LAGO

O QUE É O MUNDO AMAZÔNICO NO IMPACTO DO GRANDE LAGO

ANDRÉ ARAÚJO

Vice-Presidente da Academia Amazonense de Letras

À Amazônia se integram Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Dessa área composta de 7.406.000 K2, — 4.500.000 K2 são pertencentes ao Brasil e formam a Amazônia Brasileira.

Esse vasto mundo, constituído pela maior bacia hidrográfica da terra, é uma vasta área florestal, heterogeneamente compacta, com um clima quente e úmido, onde as chuvas torrenciais e constantes, dão o sentido próprio de tropicalidade a esta zona e à natureza brasileira. A Floresta é densa; a terra é vasta, as águas são incalculáveis, entretanto, há uma população muito rarefeita. Essa população, que é mínima, se espalha pelos diversos tipos de várzeas e de terras firmes, existentes desde o Atlântico até as cabeceiras dos altos rios.

As águas que afogam, periodicamente, no extraordinário dilúvio ânuo toda a Amazônia, são avaliadas entre 60 a 140 metros cúbicos por segundo.

A planície tem inúmeras fronteiras : — geopolíticas, nacionais, botânicas, geográficas, internacionais, etnológicas, zoológicas, econômicas, geológicas, antropológicas, culturais. Nessas fronteiras, interessam duas Amazônias : —

A Amazônia clássica, tem 4.500.000 K2, de extensão, e a Amazônia legal, — face a lei n.º 1806, de 6 de janeiro de 1953, — tem os seus 5.030.109 K2.

A primeira tem uma população de 1.844.655 habitantes. Na segunda, existem 3.650.750 habitantes, e aumenta aceleradamente. Qualquer delas, está por ser descoberta, tal a sua imensa e extraordinária complexidade.

Na sua grandeza, o vale amazônico, de tão imenso e extraordinário, — pode ser classificado como um dos maiores mundos florísticos e monótonos da selva tropical da terra, contendo riquezas minerais imensas.

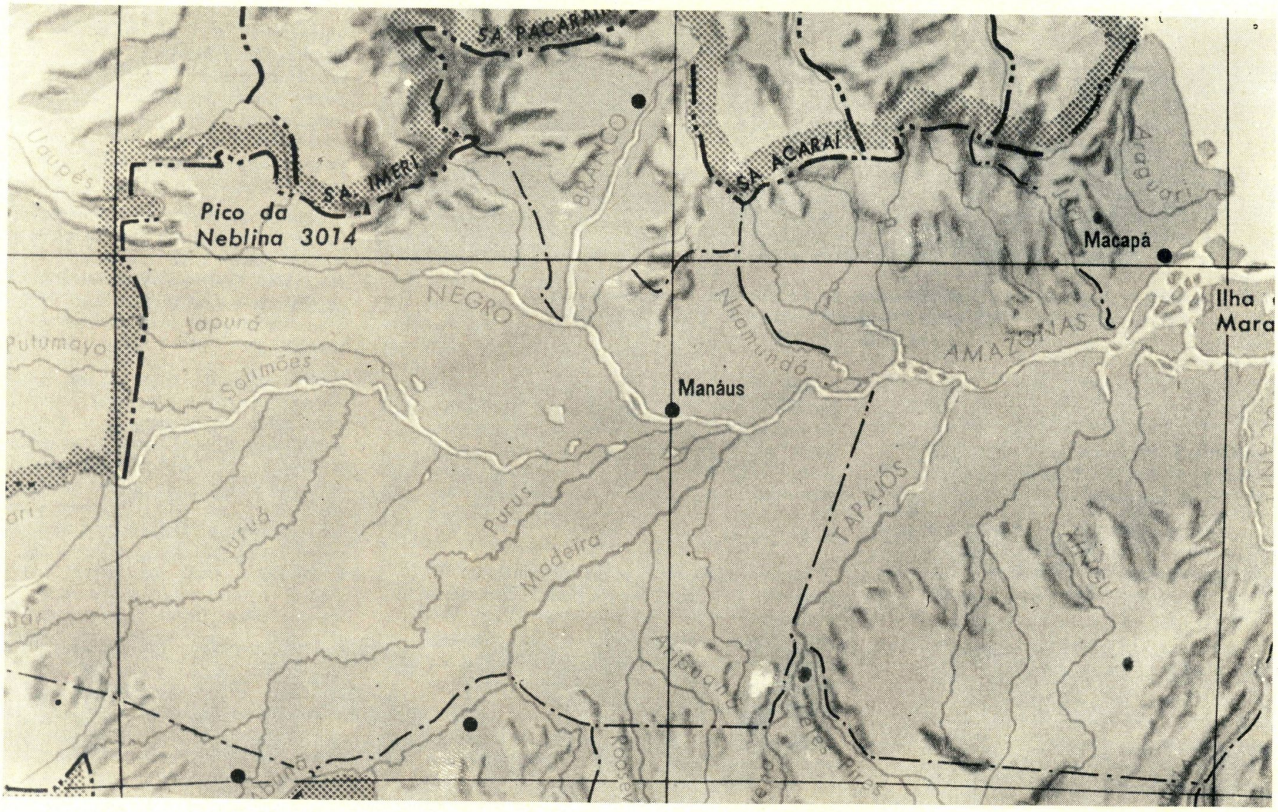
Planície rasa, sem alturas, um pouco inclinada para o Atlântico, — sua extensão atinge a quase dois terços do território brasileiro.

Nem nos contrafortes dessa bacia monstro tem montanhas ou sistemas de montanhas, alturas consideráveis.

A calha principal é o rio Solimões — Amazonas, cujo volume dágua não tem par no globo terráqueo.

Dois aspectos tem esse mundo : — um, na vazante; outro, na cheia, época em que a terra é invadida pelas águas, transformando-se em igapós, charcos, chavascais, furos, lagos e inúmeros acidentes do vasto sistema hidrográfico.

Gigantesca e tremenda, maravilhosa e dantesca, a selva amazônica, atrai, engana, surpreende, decepciona, emociona, exalta, enriquece, empobrece.



O timbre de tudo aqui, é que aqui tudo é gigantesco. Essa é a marca indelével na natureza e no homem. Há uma grande hora de monotonia, como há uma grande hora dantesca : — a do temporal em que toda a floresta estala, range e estronda, e as próprias águas se levantam, dançam na cenografia infinita do pesado chumbo do tempo escuro e funéreo.

Naquela imensa multiplicidade de espécie, vegetais e animais, está um paradoxal aspecto da pobreza. Paisagem suntuosa, verdadeiramente deslumbrante sobre diversos aspectos, a Amazônia é, fundamentalmente a floresta tipo Hiléia de Humboldt e Bonyland, a imensa floresta pluvial que cobre parte do Orenoco, bacia do Tocantins, Pará, além do Turiaçu, e quase todos os inúmeros rios que estão nessa enorme vastidão que fica compreendida entre o Oceano Atlântico e os Andes, isto é, Amazonas, Pará, Acre, Amapá, noroeste do Maranhão, norte de Mato-Grosso, Guaporé, sul do Território de Roraima, — isso segundo a fitogeografia, em face ao conceito de A. Ducke e G. A. Black.

O panorama é o de uma multiplicidade imensa dos tons verdes de todos os tipos florestais e das águas claras, verdes, amarelas, azuladas, negras, brancas, pardas como se fossem vidros líquidos que escoassem.

A característica da planície é essa : água, água, água e uma faixa de floresta que se estende, cobrindo de vegetação exuberante, própria dos trópicos, terras altas e baixas.

Árvores de todos os tipos; arbustos de todos os aspectos, gramíneas, fetos, fungos, líquens, algas as mais terríveis, — proliferam abundantemente.

Rios caprichosos, extensos, extuantes, imensos, tranquilos, encachoeirados, extraordinariamente largos, tremendamente profundos, — se espicham, se alongam, se estendem, se encurtam, se encurvam em remansos, param, deslizam, se espraiam, batem-se nos barrancos, cavam a terra, solapam barrancos enormes e arrancam grandes barreiras de terras para sacudirem no profundo das águas, em redemoinhos violentos, com estrondos, assobios de ventos, que cantam e arrastam pedaços de florestas e lençóis enormes de canaranas, capins, garranchos e tronqueiras.

São as terras caídas que devoram enormes áreas com casas, plantações, sítios, currais, fenômenos comuns e característicos nesta bacia tropical.

Tufos, cortinas, cordas, penachos, rendas, tudo parece tecido para ornamentação miraculosa daquela realidade sombria de lianas, cipós, teias palmas, folhas, que se tecem sobre outras tantas ramagens, troncos, sapopemas, paus, podruras, fofados, cofins, espinhos, garras, navalhas, pontas, enfim, um colossal emaranhado de ramos e cordoalhas negras que amarram, que prendem, que impedem, que dificultam, que apavoram a entrada do homem novo naquele universo extraordinário de fios, de grades, de pontas agudas, retilíneas, encurvadas, zigue-zagueadas que trancam com os cernes, como em correntes enormes e grossas, o seio da floresta dantesca e bela, cheia de árvores, de palmeiras como jarinas, paxiúbas, canaraubim, jaci.

A floresta é, às vezes, silêncio. E' um mundo subjetivo de pavores, de monotonia, de dúvidas : sombras, sempre, penumbra contínua. A sua interioridade vegetativa, úmida, anoitece cedo, e a luz é tardia.

Escurece o tempo, lentamente. Muito longe, no fundo da terra, um trovão ribomba. Outro se escuta, após alguns instantes. Outros se seguem, de espaço a espaço. Assim, lentamente, escurece o tempo e pode haver trovão que se amiúda, até que o temporal se desencadeia furiosamente.

Então, na mata, tudo se estremece. As árvores se lançam, caem. Galhos, gravetos, folhas, tudo é sacudido. Tudo parece que rodopia, que se alevanta. Vozes pavorosas saem dos estalos, das contorsões. Bichos disparam. As cordoalhas dos cipós arreiam das roldanas suspensas. A queda das grandes espécies vegetais abre clareiras. A água cai em catapulta, como se tanques enormes se destampassem, instantaneamente. O homem se abriga abeirado aos troncos dos gigantes da selva. Os frutos, as flores, os ninhos, as epífitas, podem ser atiradas pelos espaços. E' o temporal.

E nos rios, o banzeiro, a mareta, as ondas que se sacodem. O vento agita tudo. A água se enfurece e a chuva fecha a visibilidade no horizonte. O céu está escuro, negro. Lençóis de água passam pelos ares e entram nas embarcações, alagando-as. O motor é de quando em vez, como que suspenso no espaço e guinchando água do **casco,** estalando e lançando água pelos lados. O trovão reboa. O raio estala. O desgoverno domina a embarcação. O motor falha. A hélice, de quando em quando, gira no espaço. A desgraça assombra os tripulantes que se previnem com tábuas, latas grandes arrolhadas, salva-vidas, sacos de borracha com roupa, esperam o afundamento. E' ainda o temporal, um fantasma do tempo que ronda sempre toda a Amazônia.

Tudo isso é uma realidade. O sinal carismático do universo amazônico é a água, como expressão de uma totalidade geográfica, que é bem um pacífico desmentindo à necessidade de lagos artificiais.

E' importante o problema da floresta nas terras firmes, primeiro, pela extensão das terras inalagáveis. A natureza desses terrenos terciários, impõe tipos vegetais próprios à zona tropical.

Vejamos os seguintes : — acapu (Vonacapona americana Aubb); marupá (simaruba amara Aubb); massaranduba (minusops Huberi Ducke); caucho (casilloa Ulei Warb); a castanha (bertoletia-excelsa); acariuba (minquartia guianensis Aubb); andiroba (carapá guianensis Aubb); cedro (cedrela huberi Ducke); copaíba (copaífera multiinga Hayne); itaúba amarela (silvia itaúba); coquirana (ecclimusia balata Ducke); paracuúba (trichilia Lecointei Ducke); seringueira branca (hévea benthamiana Muell).

A seringueira branca e preta (hévea brasiliensis Muell); seringa-rama (hévea guianensis Aubl); o amapá (Hancornia amapá Hub); a paracuúba (mora paraensis Ducke); a acupurana (Campsiandra laurifobia Benth); o molongó (ambeliana grandiflora Hub); sumaúmas (ceiba pentandra L.); oiranas (Salix Martiana Leyb); imbaúbas (cecropia paraensis Hub); munguba (bombax munguba Mart.); tachi (triplaris surinamensis Cham); assacu (Hura crepitans L.); castanha sapucaia (lecthis paraensis Hub); cedro branco (guarea trichilioides L.); jenipapo, (genipa americana L.); mari-mari (cassia leiandra Benth) pau mulato (Calycophyllum spruceanum Benth.); piranheira (piranha trifoliata Baill); seringueira barriguda, (Hévea spruceana Muell).

Nos campos, destacam-se : o caimbé (curatella americaan L. Dilleniaceas); o cajueiro (anacardium occidentale L.); mucajá (aerocomia sclerocarpa Mart.); tucumã (astrocaryum vulgare Mart); malvas (sida rhombifolia); matapasto (cassia alata L.); canarana rasteira (paspalum refens Berg.); barba de bode (eragrotis reptans Nees); mururés (cichornia azurea); mutamba (guazuma ulmifolia Lom.); murucu (Byssonima craesifolia); bacaba (cenocarpus distichus Mart.); arroz bravo (oriza sativa L.); sorva (couma macrocarpa Barb. Rod.).

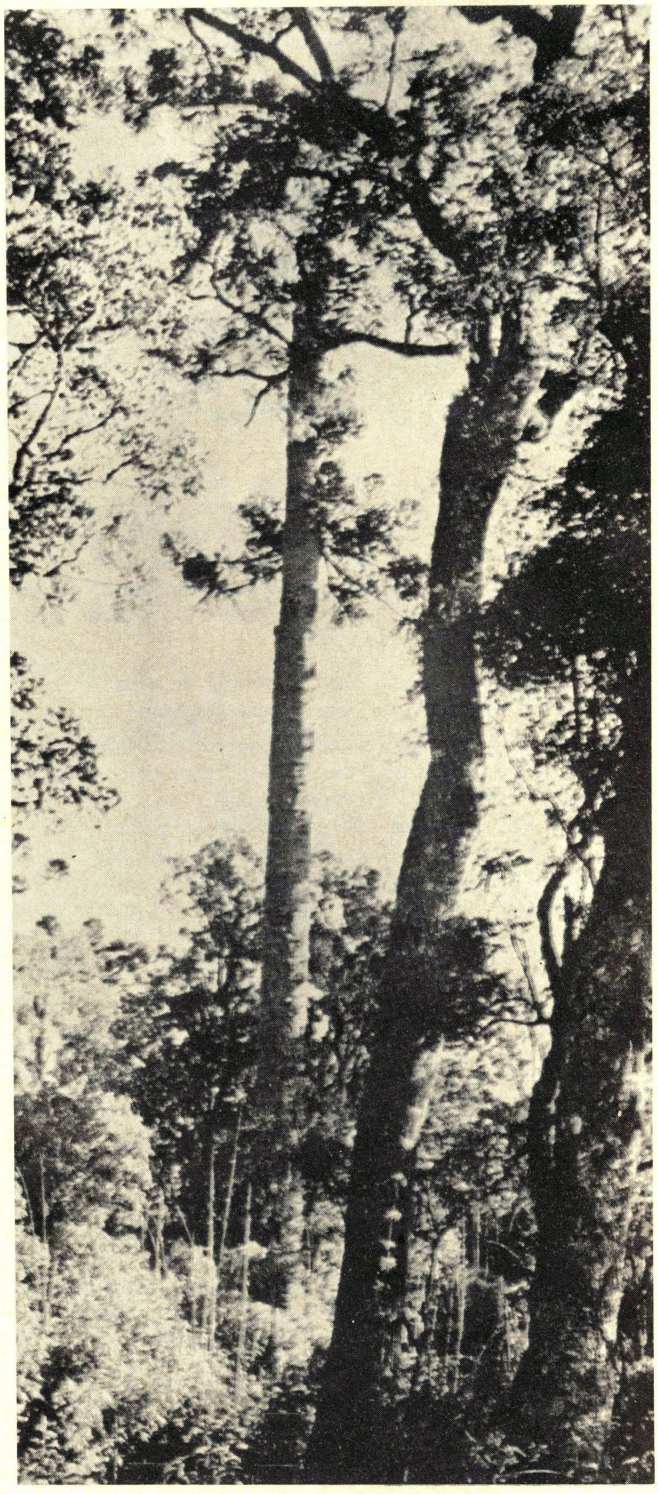
Essas vegetações, esses exemplares botânicos que citei presentemente classificam a Amazônia como uma floresta úmida; uma planície estuante de águas.

"Inferno Verde", de Rangel; "Terra Imatura", de Ladislau; "País das Amazonas", "Terra das Lendas", "Terra Ignota", de Frederico Hartt; "Hyleia", de Humboldt; "Terra de Ofir", "Terra de Parvaim", "Terra de Tardschisch", — a Amazônia pode ser classificada em suas terras da seguinte maneira, excluídas as terras e vegetações das margens marinhas : —

1.º — igapós,
2.º — várzeas,
3.º — praias,
4.º — campos,
5.º — terras firmes.

Cada um desses tipos de terra, tem uma vegetação específica, como riqueza mineral própria.

Nos igapós, que são matas alagadas, com parte dos troncos cobertos de água das cheias ou das chuvas, sua vegetação é, em regra, a seguinte : — **apuí** (Ficus Urostigma) da família das moraceas; o **assacu** (Hura crepitans L.) das enforbeaceas; **louro do igapó** (nectandra



amazonum, das lauraceas); **caraná** (Mauritia martiana Spruce) palmeira espinhenta; paxiúba barriguda (Iriartea ventricosa Mart.), palmeira; jeniparana (Gustavia augusta L. Lecythidaceas).

Nas várzeas se destacam :

a aninga (montrichardia arborescens Schott) aracea; o aturiá (Drepanocarpus lunatus Mey), leguminosa; o mururé (eichornia, esp. div.); a canarana (panicum amplexicaule Rodge) gramínea; buritis (Mauritia flexuosa L.f.); o assaí (Euterpe oleracea Mart.).

Todas essas riquezas vegetais são o vastíssimo tapete verde, espesso, de altura enorme que encobre as imensas riquezas minerais que estão no sub-solo da Planície.

Toda a planície é um reservatório de recursos alimentares em frutas, peixes, óleos, carnes de caça, terras ubérrimas em várzeas e terras altas.

Esse depósito imenso de matérias-primas, que sempre despertou a ambição do mundo inteiro, com exceção de Portugal, — é que é o motivo do plano diabólico, assalto mascarado à região amazônica.

E' o olho da ambição econômica nas 300.000 espécies vegetais, nas 20.000 espécies de plantas vasculares, além da fauna.

E' a ganância no manganês (a pirolusita) do Aripuanã, na bauxita do Amapá, nos calcários do Tapajós e outras regiões, como a de Bragança.

E' a ambição do ferro de Vila-Nova, do ouro e diamantes do Rio Branco e Amapá, Rondônia, Marabá.

E' o desespero pelo petróleo do Madeira e de outras áreas amazônicas, reservas futurosas.

E' o ouro do alto Jari, do médio Tapajós, dos afluentes da margem esquerda do rio Negro, do médio.

São a **cassiterita** (estanho) de Rondônia, Amapá, Aripuanã; as jazidas de **hematita** do Jatapu, no Uatumã; a **bauxita** (alumínio) no Guiana Brasileira; o **calcário** de Bragança, de Itaituba, do Tapajós; o **antracito** do rio Fresco, no Xingu; os **carvões minerais** de várias áreas onde há sinais de hulha; o **lenito** do alto Solimões, do Jutaí; a maior **bacia de sal-gema** do mundo, no médio Amazonas, bacia onde existem, segundo técnicos renomados, mais de 10 trilhões de toneladas; o **petróleo,** cujo mistério será esclarecido breve, tudo isso excita a ganância internacional, que se tenta realizar através de planos como o célebre finado "Bolivian Syndicate"; nas compras de terras imensas, na expedição "Iglésias", no merencóreo assalto da "Hiléia" e outras astúcias da política colonialista estrangeira contra a Amazônia.

Caso assombroso nos revela o admirável Arthur Reis no seu livro imortal "A Amazônia e a Cobiça Internacional", quando cita o caso do fuão S. Chandrasekhar, da fundação londrina "Nuffielol", em 1952, em relação ao seu livro "Hungry people and empty lande", citando esse trecho : —

Cultivo da juta, na Amazônia

"Em face dessa situação sócio-econômico-demográfica geral, parece quase criminoso manterem certas terras de pouca população, não utilizadas por motivos políticos, racionais ou imperialistas. Onde se encontram estas terras e quais as suas possibilidades" ? E quais os lobstáculos para seu próprio desenvolvimento e utilização? Estas terras são, como já vimos, a Austrália, o Brasil, o Canadá e a Argentina.

Essa história é admiravelmente relatada pelo grande Arthur César Ferreira Reis.

Ingleses, Irlandeses, Holandeses, Espanhóis, Franceses, começaram as primeiras tentativas no assalto à Amazônia Brasileira.

Esses movimentos foram revestidos de diversos aspectos : econômicos, científicos.

Em relação a essa última parte, grandes cientistas, expedições como a de Spix e Martius, sábios como Castelman, Bates, Wallace, Spreece, Agassis, Hart, Derly, Stein, Stradelli, Coudreau, perlustraram a Amazônia, especialmente, a brasileira, estudando-a, conduzindo espécimens para os museus, coleções para o estrangeiro.

Eram geógrafos, botânicos, zoologistas, mineralogistas, antropólogos, linguistas, etnólogos.

A grande resposta nacional, direta, à audácia da tentativa de um grande Lago Amazônico, é a construção das estradas na Amazônia : Belém-Brasília; Brasília-Acre; Manaus-Porto-Velho-Brasília; a patriótica Transamazônica "Euclides da Cunha".

Embora a idéia da barragem tenha nascido, pelo menos, ao que se sabe, do Dr. Eudes Prado Lopes, mas o que sabemos é que foi o "Instituto Hudson", nos Estados Unidos, com Hermann Khan, que amparou a idéia, sob a benevolência do gabinete do Ministério do Planejamento, cujo titular era o sr. Roberto Campos.

Então o sr. Robert Panero foi encarregado da elaboração do anteprojeto dos grandes lagos na América do Sul.

O "Instituto Hudson" é ligado ao Pentágono, órgão estratégico do governo norte-americano, que paga 85% de suas enormes verbas, com os 16 cientistas, chefiados pelo futurólogo referido Herman Khan.

Dentre esses cientistas, Robert Panero, norte-americano naturalizado, planejou, então, o sistema de lagos sul-americanos : —

1.º — o de Choco;
2.º — o de Pinichin;
3.º — o "Grande Lago Amazônico";
4.º — o das regiões remetos do leste da Bolívia;
5.º — o do "La Araracuara", no Caquetá (Juruá), barrando esse rio na Colômbia, até as fraldas dos Andes; e

6.º — o do "Amazonas Peruano", barrando o Ucaiáli, no Peru.

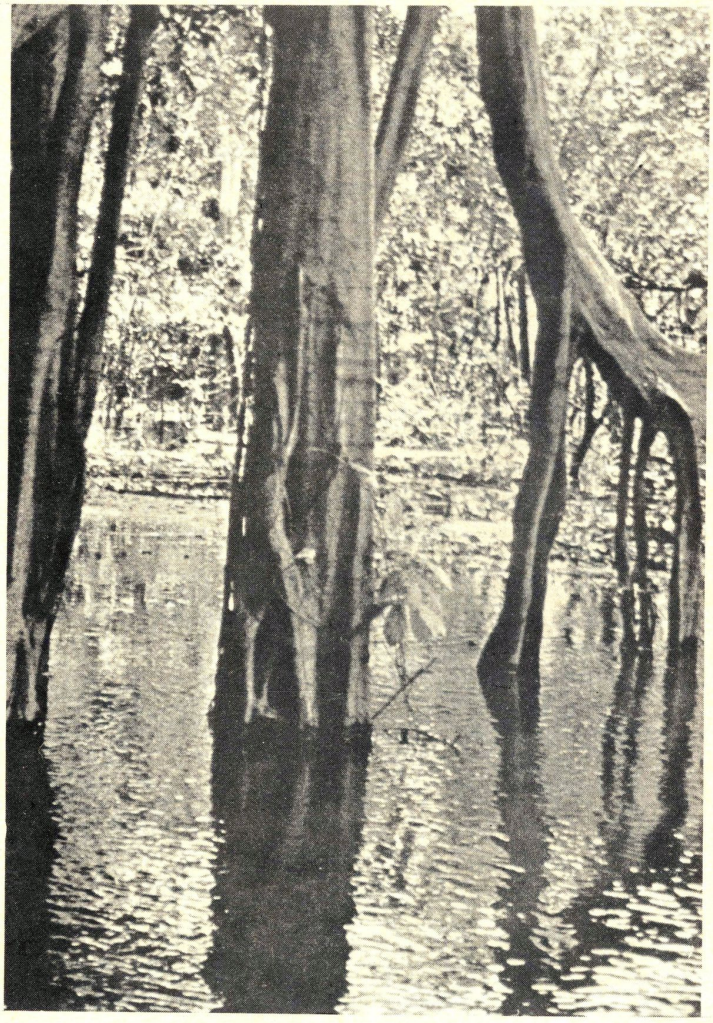
O projeto Panero tem a aprovação de Khan, portanto do Pentágono Americano.

E' como se sabe, sem nenhum subterfúgio, uma manifestação do imperialismo, que repelimos em nome dos cem milhões de brasileiros.

Tudo isso é muito grave para uma política de **boa-vizinhança.**

Mas, está repelido pelo patriótico povo brasileiro, pelas gloriosas Forças Armadas do Brasil.

Mas, se tenta ainda, em planos diabólicos, reduzir o Brasil a um mínimo com a campanha que a indústria norte-americana farmacêutica faz através dos anticoncepcionais, especialmente, na Amazônia, esterilizando nossas patrícias, para matar o povoamento, estando a serviço disso algumas seitas protestantes.



Um outro sintoma grave desse atentado da ocupação da Amazônia, é o assalto que se tem feito em relação à tomada de terras imensas, vergonhoso cinismo que uma notavelmente histórica Comissão Parlamentar de Inquérito denunciou ao heróico Povo Brasileiro, cujo relator valente foi o brioso brigadeiro Haroldo Veloso.

Foram terras do Pará, Goiás, que os desonestos cidadãos Richard Amos Selling e Henry Fulker, grilheiros principais dessa tentativa de ocupação pretendiam negociar.

As grandes rodovias da Amazônia são as respostas dadas ao projeto do Lago Amazônico.

A Transamazônica se realiza sob o impacto da voz agoureira do Sr. Eugenio Gudin.

Outras rodovias integram a Amazônia afrontosamente, como resposta ao mundo : a Belém-Bragança; Belém-São Luís; Brasília-Belém; Macapá-Oiapoque; Brasília-Acre; Porto-Velho-Manaus; Manaus-Caracaraí; Manaus-Itacoatiara; Manaus-Manacapuru; Humaitá-Lábrea; além das em construção, como : Quito-Manaus; Brasília-Santarém; Óbidos-Guiana Holandesa.

O lago amazônico projetado pelo engenheiro Eudes Prado Lopes seria de 180.000 Km2. Conhecendo o projeto, o Instituto Hudson, com a colaboração do Dr. Felisberto Camargo, viu a possibilidade de sua execução, imaginando outros na América do Sul, na Colômbia, Venezuela, Guianas e no setentrião da Amazônia.

Herman Khan para conseguir seus objetivos, nesse setor, muda muito de idéias. Antes, o Brasil era uma nação inferior, com possibilidades poucas de sobrevivência. Vindo ao Brasil, convencionalmente, mudou de opinião, e, considerou o Brasil, o "País do Futuro". Tática de conquista popular de desarmamento moral do povo, desnacionalização para nossa gente, igual àquela

que o Ministro Jarbas Passarinho denunciou, com relação aos efeitos do célebre "Laboratório de Produtos Florestais de Madisson" (Estados Unidos), que visava o assalto à Amazônia Brasileira, através de investidas botânicas, disfarces de coleta de material para identificação nos Estados Unidos.

Há outras cousas bem sérias, como essa, como por exemplo a do levantamento aerofotogramétrico da Amazônia, em que a U.S.A.F. lutou muito tempo para arrumar autorização para realizar esse trabalho.

Essas cousas, todos os nossos estudiosos conhecem muito bem.

A incorporação do Texas aos Estados Unidos, começou por um disfarce em torno a jazidas de petróleo.

Era o que se pretendia fazer com o Acre, que seria uma senha com a disfarçatês de "The Bolivian Syndicate of New York".

O Presidente Wilson, dos Estados Unidos, sugeriu a Lloyd George, 1.º Ministro Britânico, para que se internacionalizasse a Amazônia, diz Gondim da Fonseca, no livro "Que sabe você sobre o Petróleo".

Hamilton Rice, depois de estudar o vale do Rio Branco, disse :

"O Rio Branco basta para salvar da ruína qualquer país do mundo, conforme se refere Osny Duarte Pereira em "A Transamazônica — prós e contras".

O patriotismo dos brasileiros tem destruído todas as tentativas claras ou veladas, como o Instituto Internacional da Hiléia.

O heróico e culto Arthur Reis revelou o caso da United Fruit que aspirava penetrar na Amazônia.

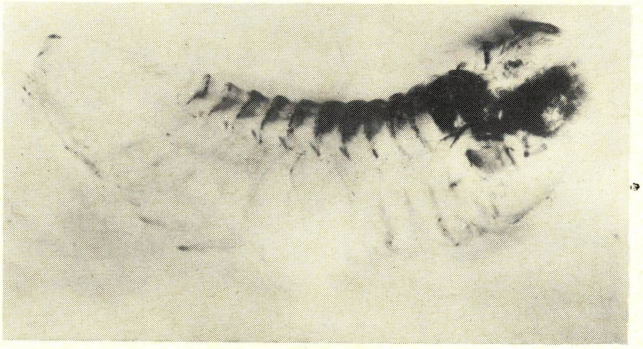
Há, entretanto, ainda algumas penetrações iniciadas a que vamos reagindo.

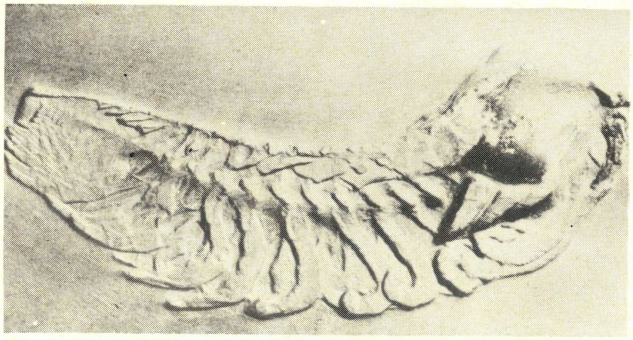
Paira no ar uma constante ameaça, que sabemos, através de discursos políticos de estadistas americanos.

A mineração na Amazônia é outro drama triste da asfixia americana. Lembremo-nos do projeto Marabá, do projeto Aripuanã-Secunduri. A "Esso Brasileira de Petróleo", o manganês do Amapá, e a "Bethlehen Stell", — tudo isso tem função de ocupação ou asfixia da iniciativa brasileira.

Mas tudo isso está numa resposta : — o "Programa de Integração Nacional" e as rodovias Guiabá-Santarém, a Transamazônica, a nova consciência brasileira, o Brasil novo, o Brasil heróico, que não se entrega, que cresce e será a grande nação do futuro, respeitada, humana, verdadeiramente cristã, amiga verdadeira da liberdade de todas as nações do mundo.

"ESFERA SOLAR" — Selb (Impressões da Alemanha) — Uma das maiores fábricas de porcelana da República Federal da Alemanha, cujos produtos são conhecidos em todo o mundo, pretende penetrar agora no mercado de móveis. As primeiras idéias da "studiolinie" Rosenthal apareceram no mercado. Conhecidos designers e artistas recorreram a novos materiais e técnicas, criando móveis originais, nem sempre baratos. O escultor Günter Ferdinand Ris e o arquiteto Herbert Selldorf projetaram esta "esfera solar" na qual pode-se estar sentado ou deitado ao ar livre ou em casa. Os elementos de plástico são móveis e podem ser fixados tanto de fora como de dentro. Os estofos são duplos, podendo-se fazer facilmente uma cama. Luigi Colani desenvolveu para Rosenthal o quarto para toda a família constituido por vários elementos.





DESVENDANDO O PASSADO — Mainz (Impressões da Alemanha) — Geólogos da Universidade de Mainz, na República Federal da Alemanha pretendem lançar luz no devônio inferior. As conchas, os corais e os crustácios petrificados nas camadas xistosas das montanhas da Alemanha Central contam 350 a 400 milhões de anos. Na micro-radiografia vêem-se exatamente não só a estrutura dos organismos prehistóricos, mas também pormenores abaixo da escala de 1/100 mm. Como exemplo convincente apresentamos a radiografia de um crustáceo de 300 milhões de anos.

CULTIVO DE FRUTAS SEM ÁRVORES

Pelo

Professor John Hudson

LONDRES (B.N.S.) — Nem a agricultura nem a horticultura constituem indústrias estáticas, mas estão sempre em movimento para satisfazer às necessidades de circunstanciais mutáveis. A maioria das modificações obedece a um andamento gradual, mas, ocasionalmente, evidenciam-se certos progressos fundamentais, demandando sistemas inteiramente novos de produção, como acontece com os crisântemos que permanecem o ano inteiro, com o cultivo de cogumelos e certos processos modernos relativos à produção de legumes. Estas modificações fundamentais decorrem, geralmente, de pressões econômicas, juntamente com novos conhecimentos adquiridos com o trabalho de pesquisas que possibilitam a produção de safras segundo procedimentos antes impossíveis.

Esta inovação suscita atualmente um interêsse maior no que tange ao setor do cultivo das frutas. Embora esteja ainda no estágio puramente experimental, pode redundar, dentro de poucos anos, em um processo inteiramente nôvo relativo à produção de maçãs. As pressões econômicas que estimulam o interêsse constituem a necessidade de obter uma produção maior e mais regular de frutas com muito mais antecedência no cultivo do pomar, de forma que seu lançamento no mercado se faça de maneira mais ordenada, com um retôrno maior de capital. Os progressos científicos que acionaram os trabalhos consistem da criação de elementos que retardam o crescimento e que podem ser aplicados às árvores para induzir o abotoamento das frutas com muito mais antecedência que o meio natural e a possibilidade de empregar compostos químicos para exterminar rebentos de forma seletiva, isto é, pela "podagem química".

PRODUTOS ABUNDANTES

Êste nôvo processo, conhecido como o "pomar do prado", acha-se em fase de estudos na Estação de Pesquisas de Long Ashton, Bristol, no oeste da Inglaterra. Baseia-se na hipótese de que seria impossível obter produções abundantes de frutas de "árvores" plantadas muito mais próximas umas das outras do que se costumam dispor atualmente, com um espaçamento, talvez, de 30 a 38 centímentros, isto é, 86.490-101.200 árvores por hectare. Normalmente era de se esperar que estas plantas apresentassem uma vegetação pujante de rebentos no primeiro ano, mas seria utilizado um agente retartador do crescimento para detê-lo em certa fase levando, ao invés, cada rebento a formar um abotoamento numeroso de frutas ao longo de seu comprimento.

Êstes botões floresceriam no ano seguinte produzindo uma safra de vários quilogramas de frutas em cada árvore, safra esta que se colheria removendo-se os rebentos com um tipo combinado de segadeira, donde o nome de pomar do prado, porque se assemelharia a um prado de brotos de maçãs quando em crescimento, que seriam colhidas por segadeira ao invés de com a mão. Cada um dos tocos deixados produziria um feixe de novos rebentos na primavera seguinte, que seriam reduzidos a um só pela aplicação de um agente podador seletivo. A sequência seria então repetida, levando-se o abotoamento dos frutos a formar-se num rebento seletivo em seu primeiro ano, para produzir uma safra no ano seguinte que seria colhida novamente pelo processo de segadeira, e assim por diante.

Seria de se esperar, então que as plantas produzissem uma safra em anos alternados, e o fruticultor dividiria, sem dúvida, seu pomar em duas partes, uma das quais seria segada cada ano. E' muito cedo para prever quais os resultados, no que toca à produção, que poderiam ser obtidos com êste sistema, mas as experiências preliminares demonstraram que teriam de ser extremamente abundantes comparadas com o processo atual de cultivo de frutas, inteiramente à parte as vantagens relativas à produção iniciada pelo pomar com muito mais antecedência que até mesmo os mais intensivos sistemas atuais, produzindo retornos máximos sôbre o capital do segundo ou terceiro ano em diante.

CONTRÔLE MAIS EFICIENTE

As vantagens do sistema do pomar do prado consistiriam na eliminação virtual do trabalho manual, na grande simplificação administrativa, e talvez no contrôle mais eficiente de moléstias e pragas, especialmente se chegasse à conclusão de que todos os componentes químicos poderiam ser aplicados com eficiência através do método de irrigação, sem a necessidade de borrifar o pomar com um equipamento de tratores. Sob o ponto de vista econômico, o sistema pode atrair o interêsse por causa dos lucros maiores que, em decorrência, poderiam ser esperados, e ainda pela possibilidade de contrôle muito maior do tamanho e acabamento da fruta, embora compreendesse, inevitàvelmente, um dispêndio maior de capital do que o método ora utilizado.

Mas o processo ainda não passa de um plano em fase de estudos, baseados nos resultados de uns poucos experimentos preliminares, e ainda resta uma série de difíceis problemas a serem resolvidos antes que o pomar do prado possa oferecer algum resultado que se aproxime de um sistema comercial. Por exemplo, árvores crescidas por floração ou enxêrto em rizomas pelo processo tradicional seriam excessivamente dispendiosas de plantar, e um dos mais difíceis problemas consistiria em descobrir meios de propagar as principais variedades de maçãs a um prêço muito mais barato que o atual. Pode decorrer uma década ou mais antes que se consiga êste objetivo, havendo ainda outra questão longe de ser resolvida : o meio de remover os rebentos indesejáveis mediante o emprêgo de agentes químicos podadores.

Todavia, os crisântemos cultivados em vasos durante o ano inteiro teriam sido inteiramente impossíveis de produzir há coisa de 20 anos, mas constituem, agora, uma importante setor da indústria floresta, graças aos descobrimentos científicos não relacionados relativos aos efeitos do curso do dia sôbre o florescimento e o emprêgo de substâncias controladoras do crescimento. O sistema relativo ao pomar do prado não é menos possível, e pode com facilidade vir a constituir uma hipótese praticável se os atuais programas de pesquisa em Long Ashton e outras regiões forem bem sucedidos.

Mas quanto à possibilidade ou não do sistema, há pouca margem de dúvida quanto ao fato de que as pesquisas conduzirão a uma nova e interessante compreensão do comportamento das árvores frutíferas que redundará em aplicações práticas em qualquer tipo de cultivo de pomares realizado nas décadas de 1980 e 1990.

PLÁSTICO : UMA NOVA PALAVRA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

Por

John Swift

LONDRES (B. N. S.) — Caso fosse possível remover toda a pintura do mais moderno caça-minas da Grã-Bretanha, teríamos diante de nós aquilo que poderia muito bem passar por um navio fantasma.

Não veríamos os convencionais painéis de aço, ligados por milhares de rebites pregados a martelo, mas apenas uma superfície inquebrável e brilhante, opalescente de popa à proca. A baça iluminação das lâmpadas das anteparas poderiam ser vistas através da espessura do casco de 32mm.

O navioHMS Wilton é feito de plástico, reforçado com fibra de vidro e, se não fossem as camadas de pintura, seria quase transparente.

A técnica não é absolutamente, nova, pois em várias partes do mundo já existem iates, traineiras de pesca, barcos de trabalho e de praticagem bem como embarcações-hospital e de oceanografia que já são inteiramente feitos de plástico armado de vidro (PAV).

Até agora o comprimento máximo destas embarcações tem sido de aproximadamente 24m, mas tal foi o sucesso das experiências e das pesquisas feitas pelos tecnologos britânicos, que se tornou possível atingir os 47 m no caso do Wilton, de 450 toneladas.

REVESTIMENTO ÚNICO

Para o Wilton escolheu-se o revestimento único — uma camada de tela de vidro sobre a outra até conseguir-se uma espessura de 32mm. Poderia ter-se acrescentado um pigmento colorido, o que não se fez, para facilitar a pesquisa e a técnica.

A fibra de vidro foi também utilizada nas anteparas e até mesmo nas estruturas ou "esqueleto", sobre o qual se monta um barco. Estas estruturas não foram parafusadas, como nos barcos tradicionais, mas ligadas, utilizando-se a mesma resina e a fibra como no processo de revestimento do casco.

Várias das estruturas e enrigecedores foram preformados de espuma rígida de poliuretano e com material excepcionalmente leve sendo, em seguida, revestidos e ligados com camadas de PAV. O processo é muito semelhante à construção normal de longarinas, mas sem o custo e o tempo exigidos pelo processo de fundição de aço.

"O esquema global, diz o construtor, o grande grupo da Vosper Thornycroft, Southampton, foi escolhido por dar o máximo de resistência às cargas de choque, desencadeadas ao ocorrer uma explosão submarina junto do casco".

O HMS Wilton é algo mais que um aperfeiçoamento do sistema defensivo. Trata-se de mais um marco no progresso dos plásticos incorporados à construção dos grandes navios.

MINAS MAGNÉTICAS

Uma das razões principais para a construção desse caça-minas protótipo em plástico deve-se a vantagem de ser muitomenor o risco de detonação de minas magnéticas, o que constitui, sempre, o maior perigo para os navios construidos com o material tradicional.

Outros motivos, já comprovados com embarcações menores, são a construção mais econômica e a vantagem de poder-se construir em recinto fechado.

Há vários meios de utilizar-se o PAV. Basicamente, o processo em questão não difere do empregado no revestimento de paredes com papel mas, ao invés de utilizar-se papel de parede e camadas de cola de fibra de vidro, armam-se camadas de telas deste material numa camada resistente e compacta de cola de resina especialmente formulada.

Cola-se camada sobre camada até que se obtenha a espessura necessária. Uma folha deste material tem uma resistência de tensão superior ao ferro da mesma espessura.

Para formar um casco pode-se utilizar ou o próprio PAV, com suas propriedades especificas ou colocá-lo entre duas camadas para formar uma espessura de uma das novas espumas sintéticas. Pode também ser utilizado para recobrir ou revestir um barco de madeira já em atividade, para maior resistência.

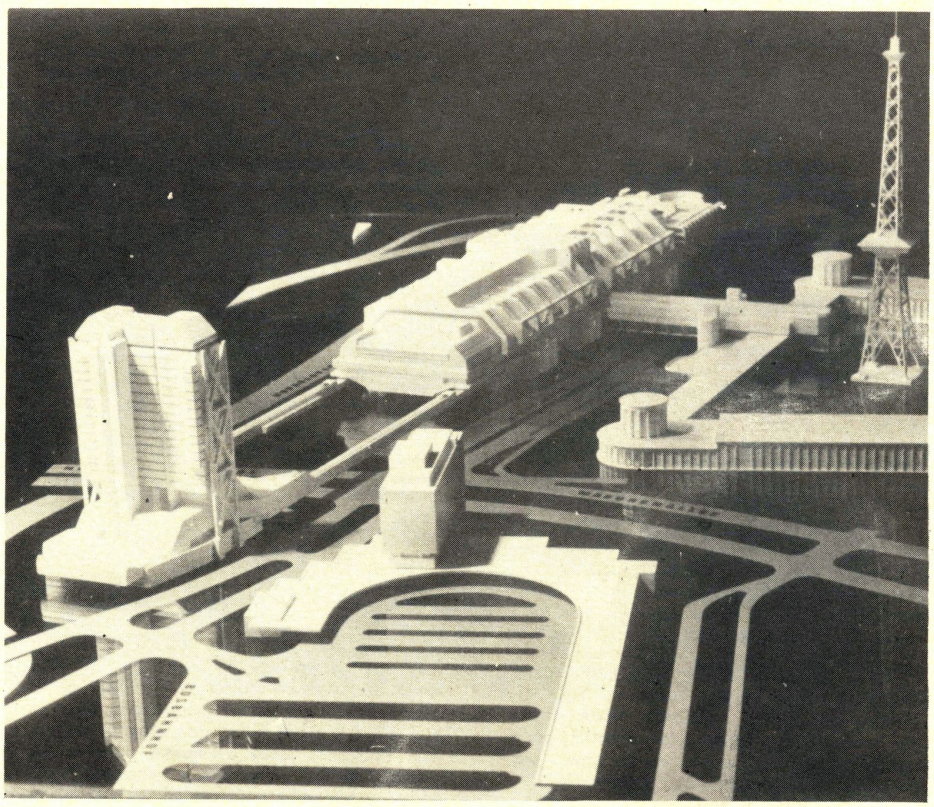
Menos manutenção (pois o PAV é facilmente reparado) e uma estrutura incólume à ameaça dos bichos roedores do mar, que arruinaram ou naufragaram, no passado, tantos navios de madeira, são algumas das vantagens compreendidas no processo.

CIENTISTAS ESTUDAM A CONTRAÇÃO NERVOSA E À ADAPTAÇÃO DO SISTEMA NERVOSO À IDADE

LONDRES (BNS) — A concessão do Prêmio Nobel de 1970 conjuntamente a um cientista britânico, a um sueco e a um americano, por seu trabalho sobre a condução dos nervos, ressalta o renovado interesse pelo progresso no campo da neurologia. O Prêmio foi partilhado entre Sir Bernard Katz, Ulf Von Euler e Julius Axelrod, pelo seu trabalho sobre a eferência nervosa que estimula os músculos à atividade. A importância do trabalho não se limita a estes fatos, ajuda também a explicar como as mensagens passam de uma célula a outra — a base de toda a atividade mental !

Originalmente pensou-se que o sinal que se transmite de um nervo a um músculo era elétrico. Mas, nos últimos anos, concluiu-se com certa surpresa que o sinal é, antes, químico. Entre os cientistas, os ganhadores do Prêmio Nobel demonstraram exatamente em que consiste este sinal químico e o meio pelo qual ele é enviado. Quando o cérebro envia uma mensagem a um nervo, tem lugar uma mudança nas propriedades elétricas da membrana que o circunda. Esta modificação, que percorre toda a extensão do nervo, parece ser tanto elétrica quanto química. Mas no local onde um nervo termina, na chamada lâmina terminal, quando se une a um músculo, o sinal é traduzido num sinal químico, ou seja, na liberação de minúsculas quantidades de acetilcolina que se movem através do espaço existente entre o nervo e o músculo estimulando este último a contrair-se.

A contribuição do Professor Katz consistiu em demonstrar que a acetilcolina só é liberada em quantidades considerável e precisamente definidas e constantes, chamadas "quantas". Juntamente com outros cientistas ele demonstrou como a acetilcolina é armazenada nas extermidades nervosas, enquanto espera o estimulo requerido para enviá-lo através do espaço do músculo. O mesmo mecanismo quântico é utilizado para conduzir mensagens nervosas através da articulação entre duas células nervosas, no cérebro ou em outro lugar. Aqui a



GIGANTESCO CENTRO DE CONGRESSOS COM CLIMA PRÓPRIO — Berlim Ocidental (Impressões da Alemanha) — À primeira vista o centro de congressos projetado pelo grupo de arquitetos Schüler-Witte lembra uma estação ferroviária. O conjunto será construido entre a célebre Torre da Rádio, "distribuidor da Avus" e a estação de ônibus (no primeiro plano), em Berlim Ocidental, devendo custar cerca de 300 milhões de marcos. Debaixo de uma cobertura de 250 metros de comprimento e 80 metros de largura proporcionará a congressos internacionais e manifestações culturais uma atmosfera livre de quaisquer pertubações. No conjunto está projetado um hotel com mil camas. Uma ponte ligará o novo centro à atual área de exposições.

situação é mais complicada, a acetilcolina não é apenas a substância transmissora envolvida no processo e há também compostos inibitírios para dificultar a transmissão. Mas o mesmo método básico de preenchimento do espaço em questão é utilizado. Esta pesquisa ainda é muito recente para ter qualquer aplicação imediata. Não obstante, os cientistas aplicados ao campo esperam que o método ajudará, finalmente, os médicos a descobrir novos meios de tratar formas comuns de paralisia e perda do controle muscular, que são causados por uma falha de comunicação entre os nervos e os músculos.

Outro cientista aplicado ao estudo da transmissão de mensagens dos nervos aos músculos demonstrou como o sistema se ajusta ao envelhecimento humano. Quando ficamos mais velhos, o número de lâminas terminais que ligam os nervos aos músculos aumenta. Esta é uma descoberta do Dr. Alan Tuffery, do departamento de Zoologia da Universidade de Durham. Antes que o Dr. Tuffery tivesse aperfeiçoado novas técnicas de examinar lâminas terminais nervosas, os médicos acreditavam que quando um nervo produzia novas ramificações para ligá-lo a um músculo, tinha-se um sintoma de certa espécie de doença nervosa. O Dr. Tuffery demonstrou que esta ramificação tinha lugar por toda a vida adulta de animais e seres humanos completamente sadios.

Acredita o Dr. Tuffery que este aumento nas lâminas terminais compensa o enfraquecimento do sistema nervoso com a idade. O consequente aumento do estímulo faz-se necessário, quando envelhecemos, por três razões. Primeira, o peso de nossos corpos costuma aumentar, de modo que nossos músculos têm de trabalhar o tempo todo. Segunda, os sinais enviados aos nervos a partir do cérebro podem ficar mais fracos com a idade. E, terceira, algumas de nossas fibras musculares estão sendo constantemente perdidas, sem que sejam substituidas, quando ficamos mais velhos. De modo que a única coisa que os fará agir desta maneira será um estímulo maior do sistema nervoso.

Um erro patente neste raciocínio é que, pela lógica comum, parece impossível aumentar o estímulo dado a um músculo por um nervo pela simples multiplicação do numero de ligações.

Poderíamos esperar que o resultado consistiria em diminuir o poder do estimulo original, quando é subdividido em partes cada vez menores. Não obstante, isto parece ser superado por certo mecanismo ainda desconhecido, pelo qual o impulso é duplicado onde quer que um nervo se divida. Isto significa que o estimulo original é preservado e percorre cada ramificação. O efeito da divisão posterior nas ramificações nervosas consiste em multiplicar o estimulo !

A partir desta pesquisa seria possível descobrir meios de estimular os nervos a formar novas ligações com os músculos e a substituir os perdidos com a idade ou com a doença. O primeiro passo, todavia, consiste em compreender naturalmente as mesmas tarefas. O trabalho do Dr. Tuffery deverá finalmente ter grande significação para a medicina prática.

Para comemorar o 408.º aniversário de nascimento de Shakespeare, os estudantes estrangeiros da Academia de Música e Arte Dramática de Londres, montaram perto do local onde existiu o Globe Theatre uma peça medieval, "Herodes", baseada em história bíblica. (FOTO BNS)

BRASIL ESTEVE REPRESENTADO NAS CELEBRAÇÕES DE ANIVERSÁRIO DE SHAKESPEARE

LONDRES (BNS) — As bandeiras de 14 países latino-americanos tremularam recentemente em Stratford-upon-Avon, durante a cerimônia que celebrou o 408.º aniversário de nascimento de William Shakespeare. Os países representados eram: Brasil, Nicarágua, Chile, Cuba, Uruguai, Equador, Costa Rica, Salvador, Peru, Paraguai, Bolívia, Panamá, Venezuela e México. O Brasil esteve representado pelo Ministro-Conselheiro Francisco de Assis Grieco.

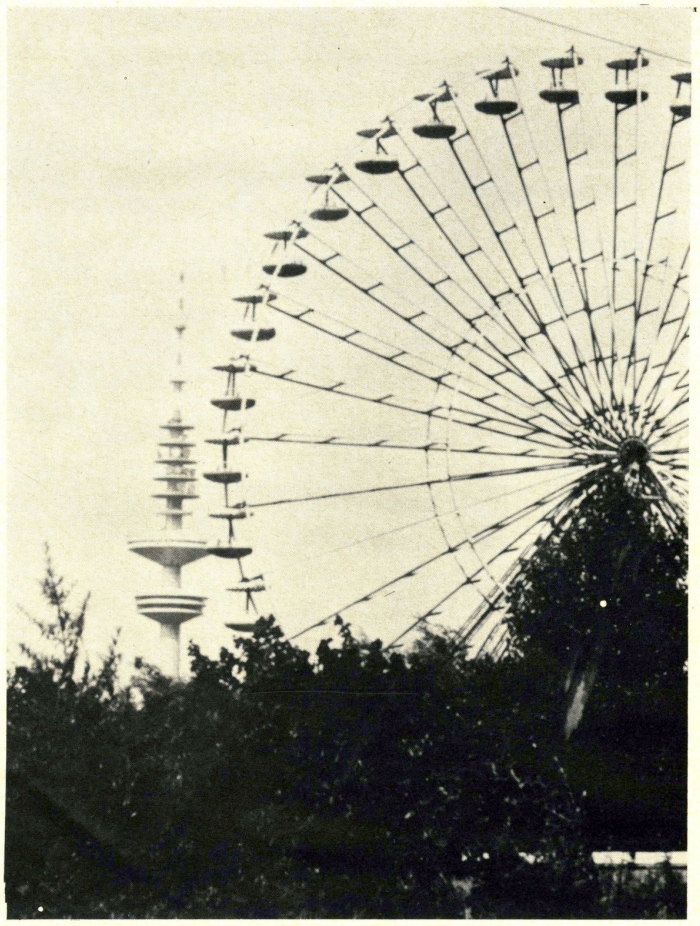
Os latinos-americanos faziam parte de uma comitiva de 90 convidados especiais que foram à cidade de nascimento do poeta para as celebrações anuais, que este ano se revestiram de grande pompa, com conferências, espetáculos de balé, uma procissão e um grande almoço que contou com a presença de mais de 500 pessoas. Dezenove embaixadores estrangeiros renderam tributo à memória de Shakespeare. À noite, os convidados assistiram a uma representação especial de "Coriolano", pela Royal Shakespeare Company.

Em Londres, a catedral de Southwark, que fica próximo do local onte existiu o famoso Globe Theatre, foi o centro de uma semana de celebrações do aniversário de Shakespeare que começou com um concerto de gala assistido pelo Primeiro-Ministro Edward Heath. Para a ocasião, diversos poetas — entre eles W. H. Auden, Peter Redgrove, Stephen Spender e Robert Graves — deram sua contribuição para um volume comemorativo, "Poemas para Shakespeare". Os poemas foram lidos pelos próprios poetas ou por atores, acompanhados de música tradicional ou pop. Houve também uma representação teatral ao ar livre de uma peça medieval baseada em história bíblica, "Herodes".

COMPANHIA
CARAVELAS
DE DESPACHOS MARÍTIMOS
São Paulo • Rio • Santos • Manaus

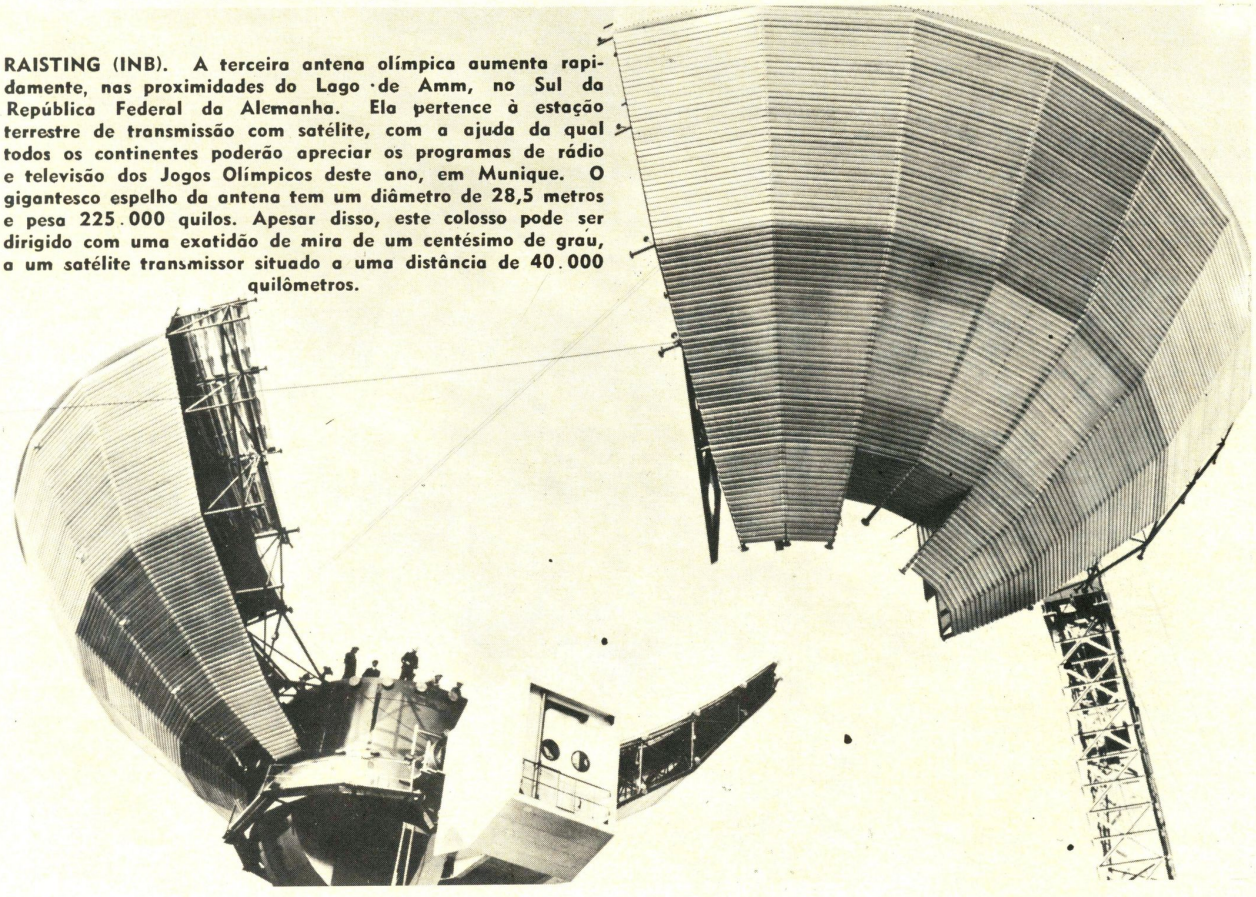
ECONOMIA • RAPIDEZ • SEGURANÇA
Participando da integração da Amazônia para um Brasil maior.

LOCOMOTIVA DE 4 CENTÍMETROS — Nuremberga (Impressões da Alemanha) — Entre as novidades mais interessantes da 23.ª Feira Internacional de Brinquedos em Nuremberga (República Federal da Alemanha) contam o menor trem elétrico do mundo, com uma locomotiva de apenas 4 cm e uma bitola de 6, 3 mm, uma boneca que chora quando se lhe retira a chupeta, um planetário em ponto menor, uma bicicleta de roda alta e um jogo de composição de 3.000 peças.



O MAIOR CARROCEL-RUSSO DO MUNDO — Hamburgo (Impressões da Alemanha) — Em princípio de 1973 será montado em Hamburgo o maior carrocel-russo, cujo modelo apresentamos em ponto um pouco menor na nossa foto. O carrocel-russo de Hamburgo atingirá 104 metros de altura, excedendo o maior carrocel-russo até agora construido, de 64 metros, em Viena.

RAISTING (INB). A terceira antena olímpica aumenta rapidamente, nas proximidades do Lago de Amm, no Sul da República Federal da Alemanha. Ela pertence à estação terrestre de transmissão com satélite, com a ajuda da qual todos os continentes poderão apreciar os programas de rádio e televisão dos Jogos Olímpicos deste ano, em Munique. O gigantesco espelho da antena tem um diâmetro de 28,5 metros e pesa 225.000 quilos. Apesar disso, este colosso pode ser dirigido com uma exatidão de mira de um centésimo de grau, a um satélite transmissor situado a uma distância de 40.000 quilômetros.



Uma combinação de estilo antigo com técnicas modernas de produção está presente nessas peças da coleção "Turquoise Cathay" de cerâmica lançada pela John Beswick, de Londres. A coleção contém castiçais, bandejas, vasos, tijelas e pratos para bombom. A companhia também é famosa por sua coleções de figuras de animais e aves pintadas a mão. Nessas coleções são apresentadas, inclusive, figuras de contos de fadas de Beatrix Petter. (FOTO BNS)

MENINO BRITÂNICO DESCOBRE NOVO PLANETA

LONDRES (BNS) — O estudante britânico Graham Conroy, de 14 anos, descobriu um novo planeta, adiante de Plutão, mas os especialistas não levaram a sério sua teoria até que cientistas norte-americanos, usando um radiotelescópio e um grande computador, calcularam que existe tal planeta — o décimo do sistema solar, a mais de 11 milhões e meio de quilômetros do Sol.

Graham, filho de um operador de guindaste de Stocktonon-Tees, no nordeste da Inglaterra, é astrônomo amador há menos de um ano. Calculou matematicamente a existência de um planeta gigantesco em órbita adiante de Plutão e ao qual deu o nome de Poseidon.

O Sr. Bob Wood, um dos principais astrônomos de Teesside, ressaltou :

— Os cientistas norte-americanos confirmaram a predição de Graham. O que calcularam com o computador ele já havia feito na cabeça.

Os cientistas norte-americanos, da Universidade Californiana, chamam a descoberta de Planeta X e calculam que seja três vezes maior do que Saturno. Está encoberta, para a Terra, pelo brilho das estrelas da Via Láctea.

O Sr. Bob Wood pretende mandar os escritos de Graham sobre sua tese para os cientistas norte-americanos.

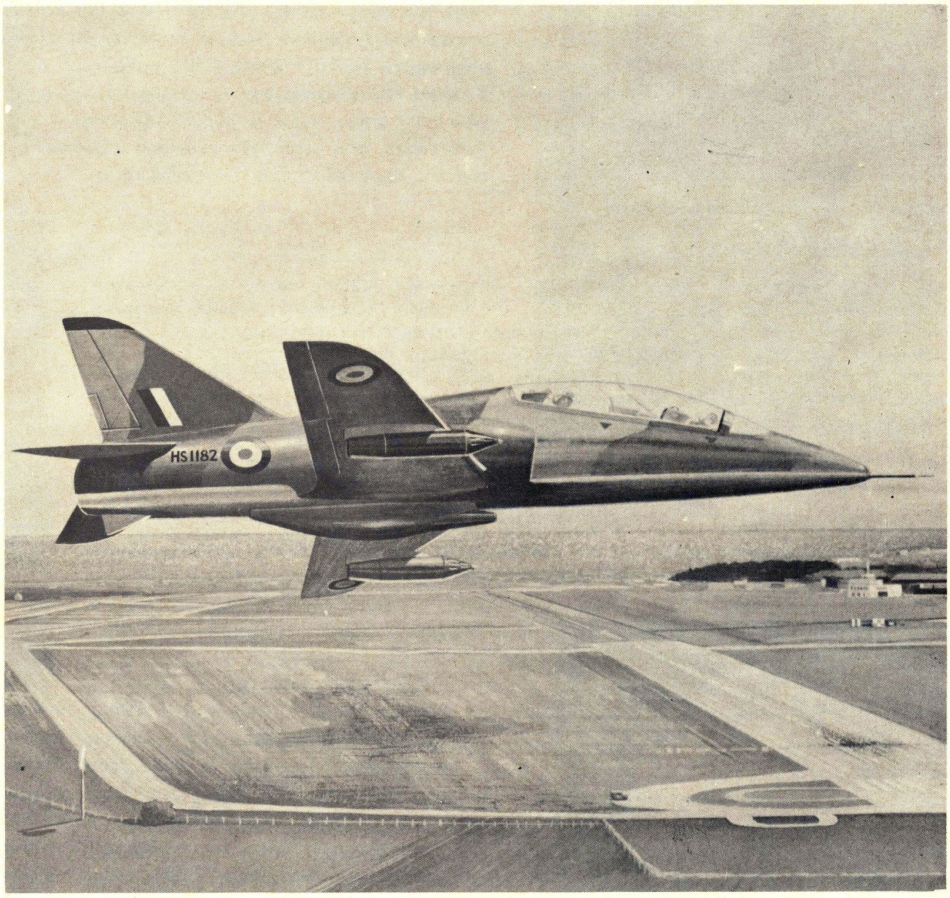
HAWKER SIDDELEY ANUNCIA AVIÃO APERFEIÇOADO DE TREINAMENTO

LONDRES (BNS) — A Hawker Siddeley anunciou que vai produzir um avião de treinamento básico e avançado — o HS 1182 —, com alta velocidade subsônica e excelente manejo a baixa velocidade. Deverá voar pela primeira vez no segundo trimestre de 1974.

Avião de treinamento para várias aplicações, o HS 1182 poderá, em sua versão de apoio cerrado, levar armamento externo e terá assentos ejetáveis. Será o sucessor do Jet Provost, do Gnat e do Hunter na missão de treinamento, que inclui a fase anterior ao "brevet", voo avançado, adestramento com armas e técnicas de rádio e navegação.

O aparelho usará "turbo-fan" não reaquecido Ardour Rolls-Royce-Turbomeca RT 172-06, que terá poucas alterações em relação à versão empregada no anglo-francês Jaguar. O Ardour é um motor compacto, forte, de fácil manutenção, e que dispõe de considerável potencial de aumento.

O HS 1182 será um avião de bom campo de visão, simplicidade de construção e funcionamento, baixo custo e confiança. A Real Força Aérea da Grã-Bretanha encomendou 175, e o primeiro deverá entrar em serviço no fim de 1976.



Uma concepção artística do avião de treinamento que acaba de ser anunciado. (FOTO BNS)

COMENTÁRIO

MÚSICA POPULAR

Jayme Barreto

Amigos, eis-nos, pela vez primeira, tomando parte neste sopro benéfico que a revista BOM DIA veio legar ao Jornalismo amazonense. Quem já leu algum exemplar da referida publicação, deve ter ficado muito orgulhoso, principalmente, se for amazonense. Nada mais de antigos chavões, com fotos medidas, publicadas no intuito de agradar A, B ou C, mas simplesmente o que importa é o texto inteligente, comunicativo, ao lado de fatos que divulguem realmente as coisas, e as personalidades importantes do nosso Estado.

E, aqui estamos para conversar a respeito de música. Inicialmente, poderá um leitor nosso pensar : "mas música é p'ra ser sentida, não p'ra ser discutida". E' evidente que não criaremos "sinfonias" nem "cantatas", apenas com a nossa humilde pena, e nem tampouco dos tipos de u'a máquina de escrever sairão "spirituals" ou uma boa batida de samba. O que pretendemos simplesmente será orientar, de acordo com o nosso gosto musical, e nos desculpem aqueles que não o compartilharem, ao grande público leitor de BOM DIA, que por certo é, igualmente, em potencial, um público amante da boa música, não só da clássica, mas também consumidor de música popular, feita, como opinião de alguns críticos de nomeada, "sem truques".

E, vamos ao panorama mais recente do que as gravadoras nos estão apresentando . . .

Em dia com o sucesso

— Esta seção cuidará de mostrar o disco, LP ou compacto, apontando o que de melhor existe em matéria de seleção musical, interpretação e comunicação, além da técnica de gravação propriamente dita.

Antonio Marcos, feliz com o sucesso, de "... um jovem triste".

— Compacto Simples — Gravadora RCA Victor — Intérprete: Antônio Marcos. Lado principal : "Oração de um jovem triste". Obs.: melodia feita sob medida para o jovem ídolo, que possui, dentro do gênero, uma boa comunicação, embora já houve quem afirmasse que poderia Antônio Marcos se firmar ainda mais se deixasse um pouco as inflexões muito próprias do cantor Roberto Carlos. Se você deve possuí-lo em sua discoteca ? Depende. E, antes, aí vai um conselho : escute três vezes seguidas. Ah, não deu prá ouvir mais de uma vez ? Então, negativo. Se você gosta de ouvi-la o dia inteiro, sem parar, é bom comprar duas cópias, pois assim não há perigo. Quando gastar o sulco de um, imediatamente outro estará à disposição. Prá nós — NOTA 6.

Carole King, num momento de "relax", mas nem por isto deixa o piano.

— LP — Gravadora A&M-Odeon — Intérprete : Carole King — Título : "Carole King Music". Obs.: Carole já é veterana compositora, tendo surgido com o "rock", em sua época mais quente. Influenciou toda uma geração de compositores populares norte-americanos. Formou célebre dupla com Gerry Goffin. "Go Away, Little Girl" é um dos sucessos marcantes deste estágio. Após 64, Carole mudou o seu estilo, aderiu ao movimento dos Beatles. E, surgiram sucessos como "Hi-De-Do", na interpretação de "Blood, Sweat and Tears". Quando se lançou como vocalista, não imaginou fazer o sucesso que a consagraria como a mais popular cantante de música **pop** dos Estados Unidos. E vieram os álbuns "Writer", que lhe conferiram aceitação plena. E, agora, no meio desta euforia é lançado o "Music". Melodias mais interessantes: "Brother, Brother", "Sweet Seasons", "Some Kind of Wonderful", "Too much rain" e "Surely". Som perfeito, recomendado para quem aprecia o movimento musical contemporâneo estadunidense, e porque não estendê-lo ao campo mundial ? Visto ser Carole uma das presenças marcantes dos anos 70, em matéria de quantidade e qualidade de melodias de sucesso entre a juventude. NOTA 9.

Agnaldo Rayol, ladeado por dirigentes da Copacabana. E, por isto, ri à toa.

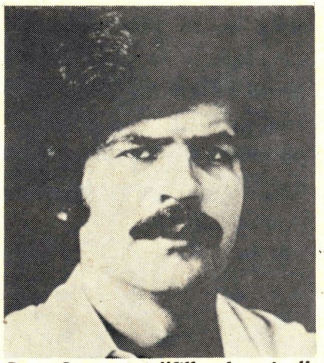
— Compacto simples — Gravadora Copacabana — Intérprete : Agnaldo Rayol — Lado principal : "Rumo certo". Obs.: Será que a música brasileira está num rumo certo, mesmo ? No Carnaval, tudo vai bem. O povo canta samba, marchinha, e até frevo. Vem o meio do ano, e tome de ouvir James Taylor, Rollings Stones, Aretha Franklin, Harrison, etc . . . E, sendo música internacional de qualidade, não se pode criticar este gosto. No entanto, a não ser fenômenos como Chico Buarque, Paulinho da Viola, Elis, Jair, Roberto Carlos e poucos outros, conseguem uma estabilidade entre os primeiros colocados nas paradas de sucesso. Bem, sendo assim, embora achando um tanto monótona o "Rumo certo" de Agnaldo, não podemos desprestigiar a melodia, principalmente por ser uma toada, rotulada como "música popular moderna brasileira". Agnaldo, sem muitos excessos de impostação de voz, solta-a naturalmente, e só destoa, mesmo, na parte declamada, onde não se sente uma dramaticidade correspondente ao sentido da composição. Nota 7.

— Compacto simples — Gravadora RCA Victor — Intérprete : Nilsson — Lado principal : "Without You". Obs.: Num mundo tão conturbado quanto o que vivemos, chega a ser paradoxal a presença de melodias como esta, e principalmente por ter chegado ao primeiro posto da parada musical da revista especializada Cash Box. Parece que muita gente é mais romântica do que consegue transparecer. Nilsson tem a voz pequena, fraquinha mesmo, mas dá o recado. Nota 8.

Nilsson tornou-se conhecido no Brasil, através de "Everybody's talking".

King Curtis notabilizou-se como o maior saxofonista da soul music.

— LP — Gravadora Atco — Phonogram — Intérprete : King Curtis — Título: "King Curtis Live at Fillmore West" — Obs.: Prá quem nunca ouviu falar de Curtis, basta citar a opinião generalizada da crítica americana que o cita sempre como o maior saxofonista da **soul music.** Este disco foi gravado na mesma noite em que Aretha Franklin deu um recital no Fillmore. Ao mesmo tempo foi o último disco gravado por Curtis, que pouco tempo depois, faleceria. Algumas faixas são antológicas como : "Memphis Soul Stew", "A Whiter Shade os Pale", "I Stand Accused", entre outras tantas. Na oportunidade, foi acompanhado pelos Kingpings, pela Memphis Horns e por Billy Preston no órgão. Nota 9.



Dory Caymmi é "filho de peixe".

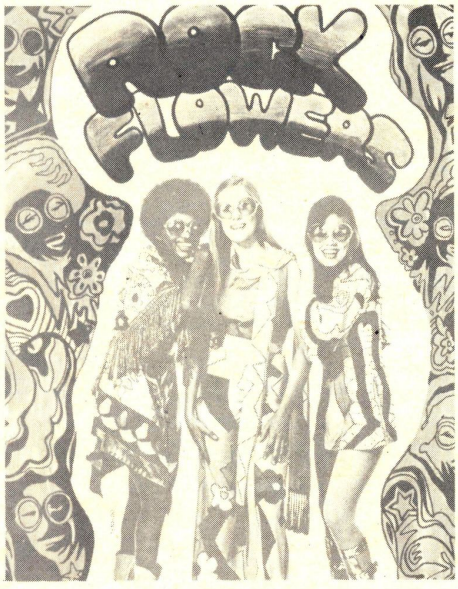
— LP — Gravadora Odeon — Intérprete: Dory Caymmi — Título : "Dory Caymmi". Obs.: "Filho de peixe, peixinho é", diz o ditado popular. E, não poderia deixar de ser bem aplicado com relação a Dory, filho do grande Dorival Caymmi, o famoso autor de "Maracangalha". Dory, neste longa duração nos dá uma mostra do seu talento. Claro, quem gostar de música barulhenta não vai encontrar encantos neste disco. Contudo, o encontro da bossa-nova, fase inteligente do nosso cancioneiro, com o folclore nordestino é sobejamente encaixado nas músicas de Dory. "Evangelho" foge um pouco ao estilo das demais composições, que vão desde uma "Minha doce namorada", tema da novela que tanto sucesso faz, até um não menos doce "De onde vens". Lançamento recomendado com louvor. Atenção para os arranjos, simples, e ao mesmo tempo, excelentes. Nota 10.

Topol, o grande ator, em "Um violino no telhado".

— LP — Gravadora Copacabana (United Artists) — Trilha Sonora do Filme "Um violonista no telhado". Obs.: O filme foi êxito retumbante nos Estados Unidos e Europa, e está sendo lançado no Brasil. Por certo, quem ouvir o disco antes de ver o filme, não se interessará tanto. Pelo drama incomum, que conta a estória de judeus vivendo em plena Rússia, sendo perseguidos, etc..., o espectador não ficará insensível e quererá reviver alguns momentos tocantes do espetáculo. O disco se presta como uma luva a isto. Danças típicas como "Da Garrafa", um ritual de casamento israelita, bem como cenas de ballets são musicadas magistralmente, e condensadas neste longa-duração. Nota 8.

— LP — Gravadora Apple — Odeon — Intérprete: Conjunto Wings — Título: "Wild Life". Obs.: Linda e Paul Mc Cartney, depois do sucesso obtido através de "Ram", resolveram formar um novo conjunto, ao qual deram o nome de Wings. Além dos dois, Denny Seiwell, na bateria, e Denny Laine na guitarra, formam o grupo. Músicas importantes: "Mumbo". "Tomorrow", "Love is Strange" e "I am Your Singer". Parte instrumental muito boa, com som estereofônico perfeito, além de composições bem ritmadas, superando em alguns pontos ao LP "Ram". Nota 8.

Êste é o novo conjunto dos Mc Cartney : Wings.



Noticiário

— OSMAR MILITO gravou com seu conjunto uma nova versão de "Rita Jeep" de Ben. STOP / THE TREMELOES, bastante incrementados, na gravação "Hey", em compacto simples. STOP / ABÍLIO MANOEL, na mesma linha de "Pena Verde", consegue êxito com "Luísa manequim". STOP / MARÍLIA MEDALHA, depois de um excelente álbum gravado com Toquinho e Vinícius, volta com força total, sendo o sucesso atual : "Maria vai com as outras". STOP / GORDON LIGHTFOOT é dono de música muito rodada nas boates : "If You Really Could Dream". STOP / ANGELO MÁXIMO E AS MENININHAS, sendo ouvidos a cada instante com "A namoradinha". STOP / CARMEM SILVA, aparecendo como figura central de recente programa do Chacrinha que homenageou o mais velho emigrante no Brasil. STOP / JUCA CHAVES, como de hábito, na base da gozação, lançou "Alça de caixão". STOP / JOHN LENNON é a própria imagem do sucesso, aliando qualidade e aceitação, em "Imagine". STOP / BEE GEES, ainda são sucesso com "How Can You Mend a Broken Heart ?". STOP / SWEATHOG é um dos estouros do momento com "Hallelujah". STOP / CHRISTIE está bem mais quente que em "Yellow River" na composição "Everything's Gonna Be Alright". STOP / CLARA NUNES aproveitando a boa maré, lançou a música "Regresso". STOP / JOY é um dos conjuntos instrumentais mais ouvidos em nossas rádios com "Apolo 100". STOP / IVAN LINS, bastante pretigiado com duas melodias : "Que pena eu tenho de você" e "Me deixa em paz". STOP / Vale a pena ficar de olho e ouvido colados no álbum triplo da CBS, "Concerto para Bangla Desh". STOP...

ESPORTES

Jayme Barreto

COMENTÁRIO

Amigos, aqui estamos nós, empunhando a bandeira do esporte, através desta prestigiosa publicação, que estampa em suas belas e autênticas fotos e "pinceladas" o que de real existe no meio social amazonense. Mas, não estamos aqui para falar sobre a excelência da nossa revista, o que por certo, já foi constatada pelos nossos leitores, melhores e mais autênticos juízes do nosso trabalho. Aqui nos colocamos, para dentro do nosso feitio, informar e orientar a opinião pública, em especial ao torcedor sobre o momento atual vivido pelo futebol, voleibol, basquetebol, enfim os esportes que mais se afinam com o gosto do nosso povo.

— A torcida do Naça simboliza bem o que tem acontecido em nossos estádios no presente campeonato. As rendas são consideradas excelentes.

O telefone está chamando...

...inicialmente, o presidente da FAF para louvar o seu veto ao que ficou decidido naquela "histórica reunião" do Conselho Arbitral que votou pela participação de todos os clubes no terceiro turno do campeonato...

...novamente, o presidente Limongi, para sugerir igualmente que não seja levado avante o propósito dos clubes em aumentar o preço do ingresso. Não achamos que a hora seja propícia, mormente quando o certame está pegando fogo...

...e não para de tirintar, conclamando os clubes da cidade a fim de darem plena autonomia ao Departamento de Árbitros, colocando para dirigí-lo alguém que mereça confiança irrestrita, evitando certos comentários maliciosos sobre a conduta técnica e disciplinar de alguns mediadores...

...e ainda sobre o assunto anterior, lembrando aos clubes que apesar de os juízes terem influência direta em alguns resultados, não são eles os culpados pelas más performances de alguns times que só se reforçaram, quando o campeonato já estava a pleno vapor...

...e pela linha da Embratel, quando cumprimentou os rapazes do voleibol, pela vitória contra Santa Catarina, muito embora prá nós, o importante não seja, neste instante, ganhar, mas adquirir experiência, o que está acontecendo, para embates futuros...

...o Sr. Governador do Estado, no sentido de que tome providências concretas a fim de ser terminado o projeto de construção do Vivaldão. Sabemos que Sua Excelência é um desportista nato, e ainda nos lembramos de suas palavras, em um almoço, que reuniu a crônica esportiva, quando afiançou que o "Colosso do Norte" seria completado inteiramente...

...os senhores presidentes e administradores do São Raimundo e do América, a fim de melhorar o setor destinado aos profissionais de Imprensa. Pasmem, não existem acomodações especiais para os colegas nem se sentarem, como no Parque Amazonense. Na Colina, não há possibilidade de se tomar um copo d'água. E, do jeito como as coisas estão, nem no Vivaldão há setor especializado para a turma da informação se sentar...

...os dirigentes do Fast, que por um lado acertaram na contratação de vários jogadores para algumas posições, como Ângelo, Cuíca, Ferreira e Nílson, mas ao mesmo tempo restringindo as oportunidades que outros, igualmente bons, poderiam ter. Referimo-nos mais de perto a Barrote e Marcus, que ficarão, praticamente, sem vez...

...os senhores dirigentes das nossas televisões no sentido de criarem um programa esportivo mais abalizado e vibrante sobre esportes. Há muita gente boa que poderia desenvolver temas os mais interessantes, notadamente, num programa estilo mesa-redonda. Existe muito informativo, mas sem mobilidade necessária para se satisfazer o mais exigente torcedor, que já começa a ficar desencantado com as perspectivas que o esporte merecerá nas programações das nossas emissoras...

...o companheiro Arnaldo Santos, que mantém o melhor programa esportivo de televisão, para louvar seu esforço divulgando os esportes amadores, e torcendo para que breve o seu "show" possa voltar a ser movimentado como nas "peladas" que a meninada realizava às sextas-feiras...

...os dirigentes do Nacional para criticar o procedimento destes "cartolas" ao demitirem o técnico Osvaldinho. O trabalho do treinador, se bom ou mal, não poderia frutificar com o pouco tempo que dispôs. E, logo quando os reforços mais importantes estavam para entrar no time...

...o técnico Paulo Emílio, que voltando ao Nacional, muito poderá fazer, com seus indiscutíveis conhecimentos, pelos destinos do "mais querido". Só esperamos que não regresse tão teimoso quanto saiu do clube "azulão", quando insistia até o fim na escalação de certos jogadores, ao mesmo tempo em que encostava outros, reconhecidamente de categoria superior...

...o Departamento de Futebol do Naça, a fim de não negar qualquer pedido de Paulo Emílio. Na vez anterior, não funcionavam a contento os Departamentos Médico e Financeiro do Clube, que segundo palavras do próprio treinador, foram os responsáveis pela fraca performance de seu time...

...finalmente, os dirigentes do Rio Negro para que não permitam outras contratações do tipo Manuelzinho. O avante teve sua época no Flamengo, isto lá pelos idos de 58 e 59, mas nunca chegou a ser um primor, nem mesmo titular. Depois de "velho", nunca poderia ser útil a uma equipe, que precisava e precisa de maior velocidade em sua linha dianteira...

Foto em três por quatro

Chapa número um — FAST — é merecidamente o aspirante maior ao campeonato deste ano. Possúi um presidente que dá total apoio ao seu Departamento de Futebol. O treinador, João Bosco, é o mais tranquilo de todos os diretores-técnicos porque pegou um time ajustado, vindo de dois campeonatos, que precisava apenas de tempo para devolver um melhor estado físico e atlético aos antigos titulares. Contratou Ferreira, Cuíca e Nílson. Casemiro, Pompeu, Zequinha, Marialvo e Mano voltam pouco a pouco ao melhor de suas condições. Zezinho é o esteio de sempre, girando todo o esquema a sua volta. Quatro beques na linha de zaga (Antonio, Casemiro, Zequinha e Pompeu), um mais adiantado (Zezinho), dois no vai-e-vém de armação (Holanda ou Ângelo e Mano) e três adiantados, na linha de ataque (Édson Piola, Adinamar e Nílson ou Ferreira, ou Cuíca). O uniforme, quase sempre é formado de camisa branca, com duas faixas verticais em vermelho e azul, com o escudo ao centro do peito, dominado pela estrêla amarela, símbolo vivo dos ideais fastianos; calção azul, e meia branca, com frizos em azul ou vermelho. Não possúi campo especial para treinamentos, alternando Parque e Colina. Nasceu de uma dissidência no meio do Nacional Futebol Clube. Seu nome completo é Fast Esporte Clube. E' o bicampeão da Cidade. Possúi a terceira torcida, em número, do Estado.

Chapa número dois — RODOVIÁRIA — é o clube "benjamim" na divisão especial de profissionais. Originariamente, constituído exclusivamente por funcionários do DER-Am em seu corpo associativo. Hoje, é um clube mais aberto, e que já possúi uma discreta torcida. Há dois anos, partiu para grandes contratações. Gastou muito dinheiro, mas não se houve com o sucesso esperado, muito embora tenha chegado a um vice-campeonato. Taticamente, foi um dos nossos melhores times ao tempo de Martim Francisco. Mantém, presentemente, uma política de contenção de despesas, não abrindo mão de um teto salarial. O treinador Paulo Emílio deve se transferir para o Nacional, o que será péssimo, em pleno certame. Joga com quatro zagueiros (Calderaro ou Brito, Zé Carlos, Zé Maria e Téo), dois elementos que se alternam nas idas e vindas no meio-campo (Rolinha e Luiz Carlos), um outro que sai com a bola dominada, atuando estrategicamente (Santiago), e três dianteiros (Zezé, Santos e Márcio). O forte é o ataque pela direita, muito embora Santos, o artilheiro do time, se desloque bem pela esquerda. Seu campo de treinamento é conhecido como "Formigão", dado o apelido de "formiga" que a Rodoviária possúi. Nome completo : Associação Atlética Rodoviária do Amazonas. Uniforme, tricolor, com camisa formada de listras verticais intercaladas em branco, azul e preto. Calções são pretos e meias claras com frisos em azul e preto. E' um dos mais fortes aspirantes ao título deste ano, e prá muita gente, apesar dos esforços de Rio Negro e Nacional, deve decidir o título máximo com o Fast, a exemplo do que ocorreu no ano passado.

Chapa número três — RIO NEGRO — é o clube da Praça da Saudade, tendo no futebol um dos seus pontos mais altos, embora tenha um quadro social bastante numeroso, daí suas famosas festas, e seu excelente parque aquático. Seu nome completo : Atlético Rio Negro Clube. Tem a segunda maior torcida do Estado. Seu time de futebol é dirigido por Parada, antiga jogador do Bangu e Botafogo. O arcabouço tático é formado por quatro beques (Pedro Hamílton, Tarcísio, Válter e Vanderlei), João ou Sirotô e Zé Cláudio ou Adamastor, sem definição, formam o duo de meio de campo que recebe um auxílio mais direto do ponteiro Ever. Garcia, Santarém e Anísio são os homens avançados. Ano passado, esteve fora do turno decisivo, eliminado, e sendo mesmo humilhado. Há uma facção que deseja ardentemente acabar com o departamento de futebol profissional, e na ocasião quase isto acontece. Presentemente, contratou muita gente, e a maioria vem correspondendo. Treina em campos de co-irmãos. Seu uniforme é formado por uma camisa branca, com faixa horizontal preta, o que lhe vale o apelido de "barriga-preta" ou "Negão", calção preto e meias pretas.

Chapa número quatro — NACIONAL, ou Naça, como é chamado carinhosamente pela torcida, a maior do Estado. Osvaldinho era o técnico do futebol profissional, sendo dispensado recentemente. Sua nova sede fica na Vila Municipal e é um orgulho para todos os nacionalinos. Possúi o maior número de títulos conquistados em nosso futebol. Treina em seu campo, embora não tenha medidas oficiais. Seu time atual tem muitos importados : Nélson, Jurandir, Mesquita, Almir, Barbosa, Muniz, Reis, Valmir, e promete mais três. Vem jogando com quatro beques (Mesquita, Jurandir, Nélson e Almir), dois volantes (Mário e Jorginho), um no vai-e-vém (Wilson Lopes), e três dianteiros (Laércio, Julião ou Diquinho, ou Edvar e Reis). Vem subindo muito, e sua torcida nunca falta com seu apoio. Seu uniforme é inteiramente azul, não muito escuro como o da camisa do Remo do Pará. Nacional Futebal Clube é o seu nome completo.

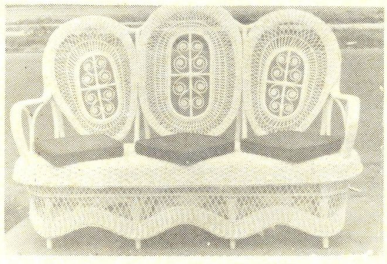
Chapa número cinco — SÃO RAIMUNDO — possúi estádio próprio, o da "Colina", e já teve período de intensas glórias. Êste ano, dirigido por Arlindo Louchards, um militar dedicadíssimo às coisas do esporte, consegue resultados considerados surpreendentes, galgando aos primeiros postos com um time humilde, formado em sua grande maioria por elementos egressos das divisões inferiores. Joga no chamado sistema "roleta russa", alternando cobertura e municiamento, através de quatro elementos versáteis por excelência (Almir, Adonias, Rolinha e Saúba). Sua defesa tem um sistema de cobertura dos mais completos da cidade e é formada por Castelo, Paulinho, Valdir Santos e Otávio. O meio de campo conta com os jogadores já citados, mas que de hora para outra se transformam no rodízio em autenticos atacantes, no que são ajudados pelos agressivos ponteiros Bôlo e Orange. Seu nome completo é São Raimundo Esporte Clube. Uniforme é assim : camisa com listras verticais intercaladas em azul e branco, calções azúis e meias azúis.

Chapa número seis — OLÍMPICO — o chamado clube dos cincos aros, o Olímpico Clube. Flávio de Souza é o técnico dos profissionais. O elenco participa da renda do clube em seus jogos. Os salários são baixos, por consequencia. Flávio é um dos nossos teóricos mais brilhantes e se afirma agora como um estrategista eficaz. Linha de zaga formada por Santana, Nei, Floriano e Zequinha ou Nivaldo, o meio de campo é constituído pela dupla mais homogênea do nosso futebol : Augusto e Da Silva, enquanto Silva e Darque são os pontas de lanças, tendo nas extremas Evandro e Flávio, ficando Valdir Silva como autêntico pião, sendo aproveitado, praticamente, em todas as posições. Camisa quadriculada em vermelho e azul, ligeiramente escurecidos, enquanto os calções são azúis e as meias "zebradas" com as cores do clube. Treina no "Buracão", seu campo de individuais e mesmo coletivos, e se destaca na realização de bailes e promoções em sua sede da "Bola".

Chapa número sete — AMÉRICA — uniforme igualzinho ao América do Rio, herdando até o hino, composto pelo Lamartine Babo. O treinador dos profissionais, há muito tempo, é o Amadeu Teixeira, homem dos mais dedicados. Possúi o estádio do Parque Amazonense, palco de memoráveis jornadas amazonenses. Seu time é, por tradição, aguerrido, lutando do princípio ao fim de um jogo. América Futebol Clube é o nome. Os rubros jogam com Zé Raimundo, Grilo, Catita e Henrique na zaga, Rui, Zezinho e Amiraldo na ligação, enquanto Nido, China, Marco Aurélio e Canhoteiro alternam-se na linha de frente, ora entrando um, ora outro.

Chapa número oito — SUL AMÉRICA — o mais fraco da presente competição, mas que já teve suas épocas faustosas no tempo do amadorismo. O técnico está licenciado, sendo antigo jogador do nosso futebol, o Sula. Possúi um campinho ali na rua São Bento, e divide as preferencias dos moradores da "Colina" de são Raimundo, juntamente com o clube de igual nome. Sul América Esporte Clube é o seu nome, e o apelido de "lobão", em vista dos seus insucessos foi diminuído, para "lobinho" ou "sulinha". Joga com quatro beques (Peteco ou Doca, Maravilha, Ponga e Joãozinho), dois ou tres no meio de campo, por vezes até quatro (Tapioca, Santos, Itagiba e Valdecir), ficando a missão ofensiva mais para Sena e Elci ou Valdecir. Uniforme é vermelho e branco, variando de jogo para jogo o equipamento.

Para o clima tropical
use um móvel adequado à região.
E o ideal, o correto e o certo,
é utilizar, em seu mobiliário,
móveis de cipó.



Confeccionadora de Móveis e Artefatos de Cipó
— De —
FRANCISCO, MESSIAS & CIA.
Inscrição n.º 01666
Av. João Coêlho n.º 474
MANAUS — AMAZONAS

"Flashes" do atual certame

— O Olímpico, desenvolvendo um padrão de jogo muito bom, quase conseguia vitoriar-se diante do tricolor cintado. O bicampeão foi anulado no seu meio de campo e só empatou em dois gols, porque no final, o árbitro anotou uma penalidade que não existiu, em verdade. Luiz Darque e Silva marcaram para os olímpicos, enquanto, Mano e Antonio Piola de penal, descontaram para os tricolores. A renda passou à cifra de 18 mil cruzeiros. No instantâneo de Roosevelt, vemos Nílson sendo contido por Floriano, enquanto Nei e Adinamar assistem.

— O Nacional decepcionou neste jogo frente ao América. Aliás, o América vinha subindo de produção e o empate de um a um não foi muito surpreendente. O Naça não convenceu, porque vinha anunciando o lançamento dos novos reforços, e além de frustrar a torcida, não mostrando ninguém a não ser Laércio, ainda jogou um péssimo futebol. China para os rubros e Diquinho para o Nacional construíram o marcador. A renda passou dos 26 mil cruzeiros, mostrando o interesse e a motivação de uma torcida que só não saiu cabisbaixa de campo porque o certame ainda estava no início, e muita coisa poderia acontecer para diante. Mário disputa arduamente o lance diante de Zé Raimundo e Grilo. Diquinho aparece caído, nesta foto de Roosevelt.

— O Olímpico ganhou este jogo, (estão lembrados?) e por um a zero, gol de Silva, em tarde quente que levou ao Parque um público bom, deixando nas bilheterias mais de 17 mil cruzeiros. Tarcísio, Válter e Carlos Henrique estão às voltas com Luiz Darque, na foto, de Roosevelt, especial para BOM DIA. O Rio Negro, anteriormente, já havia sido derrotado pelo Fast por três a zero, e não foi ali, ainda que aconteceu a tão esperada reabilitação.

Eis as origens dos que aqui chegam, até o momento :

Mesquita, lateral direito do Nacional, veio do Remo do Pará.

Jurandir é egresso do Bonsucesso do Rio, joga no centro da zaga. Veio para o Nacional.

Barbosa pertencia ao Ferroviário do Ceará. Pertence ao Nacional e é lateral esquerdo.

Muniz é irmão de Mano do Fast. E' ponteiro e veio do Ceará para o Nacional.

Valmir é ponta de lança. Jogou pelo Fluminense, onde se revelou, sendo irmão de Almir, outro que veio para o Naça.

Almir andou pelo Vasco, sendo até titular. Depois foi para o Campo Grande e atua costumeiramente pela zaga esquerda.

Manuelzinho foi juvenil do Fla, marcou um gol, em jogo amistoso, contra a seleção brasileira, em 58. Andou pelo Corintians, vindo para o Rio Negro, já no final da carreira. Muito gordo, fora de forma, jogou uma partida, não convenceu e foi mandado de volta.

Zé Cláudio é meia armador, e veio do juvenil do Fluminense para o Rio Negro.

Vanderlei era lateral esquerdo do América em suas divisões inferiores, estando presentemente no Rio Negro.

Garcia era ponteiro direito do América carioca, chegando a jogar até no primeiro time. Hoje, defende o Rio Negro.

Carlos Henrique chegou a ser titular da seleção carioca de amadores, oriundo do Botafogo. Está no Rio Negro, atuando no gol.

Nílson defendia a Tuna, sendo dispensado. Chegou para o Olímpico, porém o Fast necessitava de um ponta de lança e o contratou.

Jorge Cuíca chegou a ser titular da meia cancha do América, e foi contratado pelo Fast, sendo um de seus bons reforços.

Nélson é zagueiro de área, já tendo pertencido à seleção brasileira. Está emprestado pelo Palmeiras ao Nacional.

Ferreira veio do juvenil do Flamengo para o Fast. E' ponta de lança.

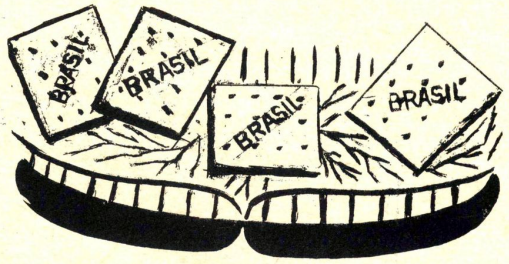
— SIROTÔ é o médio que está faltando no esquema de Parada para dinamizar o meio de campo.

Sirotô, médio de apoio do Remo, foi contratado pelo Rio Negro.

Reis, ponteiro canhoto do América do Rio, foi contratado pelo Naça.

BOLACHAS E BISCOITOS:

Os melhores da Zona Franca de Manaus para a Amazônia e o Brasil



FÁBRICA

Brasil

SIMÕES & CIA

RUA BARÃO DE SÃO DOMINGOS, 61
TELEFONES 2-1776 - 2-1777
MANAUS - AMAZONAS
CGC 043-56390 — INSC. ESTADUAL 01051

COLÉGIO MILITAR

Cel. PLÍNIO FREIRE

Templo de amor, civismo e de saber
Farol de consciências juvenis
Mostrando sempre a rota do dever
A tantas gerações destes brasis!

Desde menino, sempre sonhei ter
Inda me lembro — sempre assim o quis
A glória imensa de a ti pertencer
E assim sonhando eu era mais feliz!

Oito de abril do ano vinte e seis
Que coincidência — todos vós direis!
Treze anos de vida eu festejava

A alma em festa, o coração inflado
No meu Colégio eu fui matriculado
Era o presente que eu mais desejava!

. . . . . .

. . . . . .

AMAZONAS, MANAUS — OH! RIO MAR
Estão de parabéns os filhos teus
Recebe o teu Colégio Militar
Padrão d'amor à Pátria e crença em Deus!

(Por ocasião da inauguração do C.M. de Manaus, em 07/04/72).

NÓS ACREDITAMOS NO PROGRESSO DO AMAZONAS

BRUMEL

A marca de maior qualidade em artigos masculinos de MANAUS

CAMISAS
CALÇAS
ROUPAS
MEIAS
CINTOS
SAPATOS
e mil variedades

IMPORTANTE: Prestigiamos a indústria nacional, por ser a melhor e de maior classe no mundo da elegância

Brumel® BRUMEL ROUPAS LTDA.

MATRIZ:
Avenida 7 de Setembro, 766 — Tel.: 2-5784

FILIAL:
Rua Henrique Martins, 86 — Manaus, Amazonas

DIFUSORA 24 HORAS NO AR DIFUSORA

bom apetite

MANEZINHOS ARAÚJOS

10 bananas pratas — ½ litro de leite — açucar a vontade — 1 colher (sopa) de maizena Duryea — 2 ovos — mais 4 colheres (sopa) açucar.

Queime 4 colheres (sopa) de açucar e, quando estiver dourado, junte as bananas em pedaços. Mexa bem, junte um pouco de água fria e mais açucar. O doce de bananas estará pronto 15 ou 20 minutos depois de estar no fogo. Ponha em um prato; despeje por cima um creme feito com o leite, a maizena, as 2 gemas e açucar à vontade. Cubra tudo com 2 claras batidas em neve, às quais tenha adicionado 4 colheres (sopa) de açucar. Leve ao forno, até o suspiro assar.

COZIDO

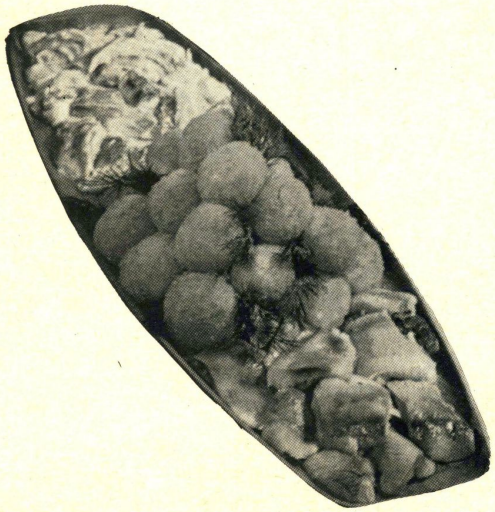
½ quilo de abóbora em fatias, com casca — couve tronchuda — ½ quilo de batatas doce inteiras, sem casca — 3 espigas de milho, partidas em duas — 6 folhas de couve — 100 grs. de cebola — 1 quilo de peito de vaca — linguiça — toucinho fresco — 400 grs. de farinha de mandioca — cenouras — bananas da terra — lombo salgado — bacon — carne seca — batata inglesa.

Junte em uma panela todos os ingredientes, menos a farinha; cubra com água e leve ao fogo por ½ hora. Depois de tudo cozido separe o caldo e engrosse com a farinha de mandioca. Vá pondo a farinha devagar e mexendo sempre, para não encaroçar. Sirva numa travessa, de um lado os legumes e a carne e do outro o pirão.

MOCOTÓ À BAIANA

2 ou 3 mocotós — cebola batidinha — sal — alho — 200 grs. de bacon (toucinho defumado) — cheiros verdes — tomates — pimenta do reino — pimenta fresca, se gostar — pão frito na manteiga, se quiser.

Limpe os mocotós e cozinhe-os em água, até ficarem bem moles. Deixe esfriar. Tire com a escumadeira toda a gordura que ficou gelada em cima. Retire os mocotós da água (que pode ser aproveitado para fazer geléia de mocotó) e corte em pedacinhos. Refogue numa panela com gordura: o bacon, a cebola, sal, alho, cheiros verdes, tomates, pimenta do reino e bastante pimenta fresca, se gostar. Junte os mocotós picados numa concha da água em que os mocotós foram cozidos e deixe ferver, para que o môlho engrosse. Querendo sirva os mocotós com pedacinhos de pão frito na manteiga



ARROZ COM LINGUIÇA

Arroz — fatias de presunto cru — caldo de carne — rodelas de linguiça — ovos cozidos — tomates — azeitonas — queijo ralado.

Faça um arroz simples, mas, quando fizer o refogado, ponha junto uma fatia de presunto cru. Deixe corar e, em lugar de água, cozinhe o arroz com caldo de carne. Depois de pronto, ponha na travessa em forma de pirâmide. Enfeite com rodelas de linguiça, rodelas de ovos cozidos, rodelas de tomates cruas e azeitonas. Polvilhe com queijo ralado.

BIFES DE CORAÇÃO

1 coração — sal — pimenta do reino — suco de limão — banha — leite — cebolas fritas.

Depois de limpo, corte-o em bifes não muito finos e deixe-os mergulhados em leite durante 1½ horas. Passando esse tempo, enxugue cada bife num pano e ponha em tempero feito com sal, pimenta do reino e suco de limão. ½ ou 1 hora depois, frite os bifes em pouca gordura, bem quente, virando uma só vez. Se preferir, unte cada bife com banha dos dois lados, e asse na grelha. Sirva com cebolas fritas.

CROQUETES DE QUEIJO

3 colheres (sopa) de manteiga — 1 ½ xícara de queijo ralado — ¼ de xícara de farinha de trigo — ¾ de xícara de leite — 2 gemas — 1 pitada de sal — farinha de rosca.

Faça um molho branco com a manteiga, a farinha de trigo e o leite. Junte os temperos e as gemas batidas ligeiramente, mexendo sempre. Adicione o queijo e deixe a vasilha no fogo, até derreter o queijo. Deixe esfriar. Faça os croquetes, e passe-os na farinha de rosca. Frite em gordura quente. Arrume-os sôbre uma folha de papel grosso, para escorrer

todo mundo está voando

todo mundo está na onda fácil da CRUZEIRO:

CRÉDITO A JATO

Dinheiro não é mais problema

PARA O RIO - Por apenas 138, por mês (ida e volta)
PARA BELÉM - Por apenas 69, por mês (ida e volta)
PARA BRASÍLIA - Por apenas 51, por mês (ida e volta)
PARA SÃO PAULO - Por apenas 159, por mês (ida e volta)
PARA PORTO ALEGRE - Por apenas 198, por mês (ida e volta)
PARA BUENOS AIRES - Por apenas 297, por mês (ida e volta)
PARA CUIABÁ - Por apenas 99, por mês (ida e volta)
PARA PORTO VELHO - Por apenas 52, por mês (ida e volta)

PROMOÇÃO ESPECIAL

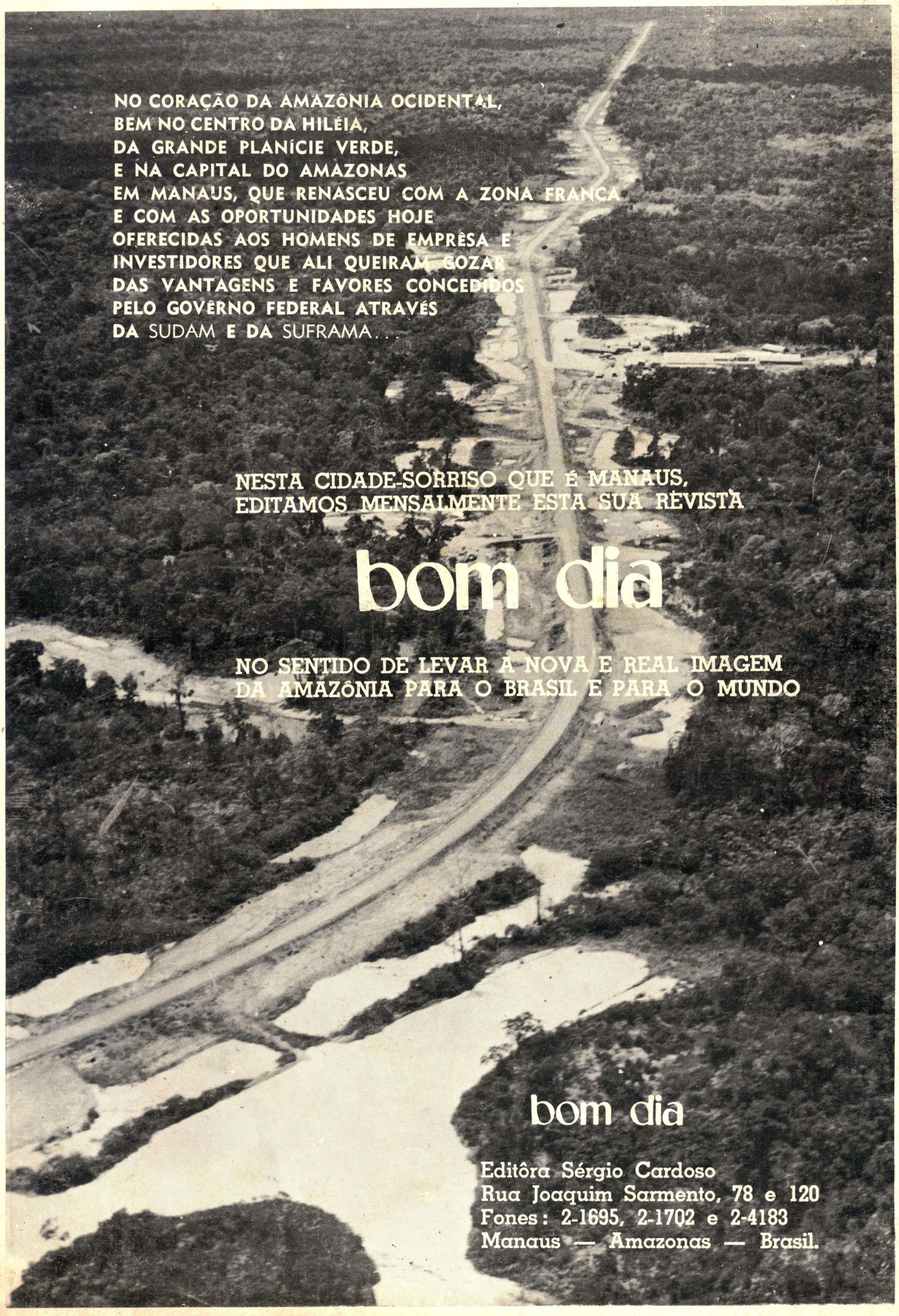
CUIABÁ - SÃO PAULO - RIO - BRASÍLIA
POR APENAS 150, POR MÊS (IDA E VOLTA)

Crédito na mesma hora:
apenas nome e endereço!

VOE AGORA-VOE

CRUZEIRO A PRAZO

...e outros planos mais suaves ainda


NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL,
BEM NO CENTRO DA HILÉIA,
DA GRANDE PLANÍCIE VERDE,
E NA CAPITAL DO AMAZONAS
EM MANAUS, QUE RENASCEU COM A ZONA FRANCA
E COM AS OPORTUNIDADES HOJE
OFERECIDAS AOS HOMENS DE EMPRÊSA E
INVESTIDORES QUE ALI QUEIRAM GOZAR
DAS VANTAGENS E FAVORES CONCEDIDOS
PELO GOVÊRNO FEDERAL ATRAVÉS
DA SUDAM E DA SUFRAMA...
NESTA CIDADE-SORRISO QUE É MANAUS,
EDITAMOS MENSALMENTE ESTA SUA REVISTA
bom dia
NO SENTIDO DE LEVAR A NOVA E REAL IMAGEM
DA AMAZÔNIA PARA O BRASIL E PARA O MUNDO
bom dia
Editôra Sérgio Cardoso
Rua Joaquim Sarmento, 78 e 120
Fones: 2-1695, 2-1702 e 2-4183
Manaus — Amazonas — Brasil.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM